



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**CÁSSIA CUNHA GRANATO**

***HISTÓRIA DA POESIA E ELOQUÊNCIA PORTUGUESA DE  
FRIEDRICH BOUTERWEK: UM ESTUDO DO MÉTODO E DE SUAS  
APROPRIAÇÕES NO SÉCULO XIX.***

**CAMPINAS,  
2016**

**CÁSSIA CUNHA GRANATO**

***HISTÓRIA DA POESIA E ELOQUÊNCIA PORTUGUESA DE  
FRIEDRICH BOUTERWEK: UM ESTUDO DO MÉTODO E DE SUAS  
APROPRIAÇÕES NO SÉCULO XIX.***

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Teoria e História Literária, na área de História e Historiografia Literária.

**Orientador: Prof. Dr. Jefferson Cano.**

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Cássia Cunha Granato e orientada pelo Prof. Dr. Jefferson Cano.

**CAMPINAS,  
2016**

**Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

G762h Granato, Cássia Cunha, 1991-  
História da poesia e eloquência portuguesa de Friedrich Bouterwek : um estudo do método e de suas apropriações no século XIX / Cássia Cunha Granato. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Jefferson Cano.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Bouterwek, Friedrich, 1766-1828. História da poesia e eloquência portuguesa - Crítica e interpretação. 2. Poesia portuguesa - História e crítica - Séc. XIX. 3. Literatura - História e crítica - Teoria, etc. - Enciclopédias. I. Cano, Jefferson, 1970-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** History of portuguese poetry and eloquence of Friedrich Bouterwek: : a study of the method and its appropriations in the nineteenth century

**Palavras-chave em inglês:**

Bouterwek, Friedrich, 1766-1828. Geschichte der portugiesischen poesie und beredsamkeit - Criticism and interpretation

Portuguese poetry - History and criticism - 19th century

Literature - History and criticism - Theory, etc. - Encyclopedias

**Área de concentração:** História e Historiografia Literária

**Titulação:** Mestra em Teoria e História Literária

**Banca examinadora:**

Jefferson Cano [Orientador]

Mário Luiz Frungillo

Iara Lis Franco Schiavinatto

**Data de defesa:** 19-02-2016

**Programa de Pós-Graduação:** Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

Jefferson Cano

Mário Luiz Frungillo

Iara Lis Franco Schiavinatto

Alfredo Cesar Barbosa de Melo

Endrica Geraldo

IEL/UNICAMP  
2016

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.**

## AGRADECIMENTOS

Meu eterno agradecimento ao Prof. Dr. Jefferson Cano pela sua compreensão com as minhas ausências e pela ajuda oferecida durante esses três anos e nos anteriores também. Obrigada pelo apoio nesta minha proposta de dissertação, por ter me dado chance de conhecer um pouco mais sobre as histórias literárias e por ter guiado o meu percurso durante todo esse processo.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Azevedo de Abreu e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Orna Messer Levin pelas aulas ministradas no primeiro semestre, que me foram muitíssimo úteis nesta dissertação. Agradeço também por me instigarem a escrever de uma maneira mais crítica e precisa, e por terem compartilhado comigo inúmeras curiosidades literárias do século XIX.

Aos professores titulares da banca, Prof. Dr. Mário Luiz Frungillo (IEL/UNICAMP) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lis Franco Schiavinatto (IFCH/UNICAMP) por terem lido e discutido meu trabalho. E aos professores suplentes, Prof. Dr. Alfredo Cesar Barbosa de Melo (IEL/UNICAMP) e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Endrica Geraldo (UNILA).

A Erik Petschelies, meu professor de alemão, por ter me ajudado com as muitas traduções que lhe enviava e por ter me ensinado a dar os primeiros passos para o aprendizado da língua materna de Bouterwek.

Obrigada também a Lígia Cristina Machado, por compartilhar comigo as angústias de estudantes de mestrado e por me mostrar que eu não estava sozinha nessa empreitada.

Não posso deixar de agradecer a meus pais e a minha irmã pela compreensão e suporte durante todos esses anos em que frequentei a UNICAMP. E, acima de tudo, por entenderem as minhas escolhas pessoais e profissionais, muito obrigada.

## RESUMO

A obra de Friedrich Bouterwek, *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* (1805), parte integrante da enciclopédia *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*, representa um marco significativo nos estudos literários, por fornecer ao público erudito oitocentista um panorama abrangente das produções em língua portuguesa a partir de uma perspectiva crítica. Ao escritor alemão, foi reservado um respeitoso, porém discutido, espaço entre a intelectualidade, pelo pioneirismo em traçar o primeiro *corpus* de Portugal, que, naquele momento, passava por um oblívio literário, devido à baixa produtividade dos escritores decorrente dos conflitos políticos do século XIX. Motivada pela aliança comercial luso-britânica, em 1823, surge a única tradução do livro em inglês, *History of Portuguese Literature*, por meio da qual ocorreu a recepção do original alemão entre os lusitanos. Nesse sentido, a proposta desta dissertação é analisar o contexto histórico de publicação e o método crítico elaborado, com base no exemplar inglês, para assim expor as apropriações da obra por Simonde de Sismondi (1773-1842) em *De la Littérature du Midi de l'Europe* (1813); Almeida Garrett (1799-1854) em *Parnaso Lusitano* (1826) e Ferdinand Denis (1798-1890) em *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* (1826), cujas histórias literárias sobre Portugal foram as primeiras que sucederam à edição de 1805. Por fim, espera-se que este trabalho seja uma útil reunião de artigos e textos, atualmente dispersos, sobre a obra de Bouterwek.

Palavras-chave: Friedrich Bouterwek, Literatura Portuguesa, História Literária.

## ABSTRACT

The work of Friedrich Bouterwek, *History of Portuguese Poetry and Eloquence* (1805), part of the encyclopedia *History of Arts and Science since the its Restoration until the End of the Eighteenth Century*, represents a significant mark in literary studies for offering to the eighteenth century scholars a broadening overview of Portuguese literary productions, from a critical perspective. Among the intellectual circle it was reserved a respectful, though argued, space to this German writer for his pioneering endeavor to establish the first corpus of Portugal, that at that moment went through a literary oblivion, due to the low productivity of intellectuality resulted from political conflicts of the nineteenth century. Motivated by the Anglo-Portuguese commercial alliance, the single translation of this book appears in 1823 in the English language, *History of Portuguese Literature*, through which occurred the Portuguese reception. Thus, the objective of this dissertation is to analyze the historical context of the original publication and the method developed, based on the English version, and then display the appropriations of this work by Simonde de Sismondi (1773-1842) in *De la Littérature du Midi de l'Europe* (1813); Almeida Garrett (1799-1854) in *Parnaso Lusitano* (1826) and Ferdinand Denis (1798-1890) in *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil* (1826), whose literary histories about Portugal were the first to succeed the edition of 1805. Hopefully this dissertation somehow becomes a useful reunion of articles and texts, currently dispersed, about Bouterwek's book.

Keywords: Friedrich Bouterwek, Portuguese Literature, Literary History.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 - CAPÍTULO 1 – O AUTOR, A ENCICLOPÉDIA E A TRADUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1 - <i>História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII</i> .....	15
1.2 - O Filósofo e a Divulgação Literária .....	19
1.3 - <i>História da Poesia e Eloquência desde o fim do século XIII</i> .....	23
1.4 - A Natureza das Traduções e Recepção Lusitana .....	31
<b>2 - CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DA OBRA E DO MÉTODO</b> .....	<b>40</b>
2.1 - Os Propósitos de Bouterwek e o Espírito dos Povos .....	41
2.2.1 - O Estabelecimento de Fronteiras Culturais entre Espanha e Portugal .....	48
2.2.2 - Livro Primeiro, <i>Do Final do Século Treze ao Começo do Dezesesseis</i> .....	54
2.2.3 - Livro Segundo, <i>Do Início do Século Dezesesseis ao Final do Dezesete</i> .....	71
2.2.4 - Livro Terceiro, <i>Do Final do Século Dezesete até o Final do Século Dezoito</i> .....	94
2.3 - Considerações Finais sobre a Obra .....	103
<b>3 - CAPÍTULO 3 – AS APROPRIAÇÕES NO SÉCULO XIX</b> .....	<b>106</b>
3.1 - Simonde de Sismondi .....	107
3.2.1 - Recepção em Portugal .....	113
3.2.2 - Almeida Garrett .....	115
3.3 - Ferdinand Denis .....	126
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação é uma pesquisa detalhada da obra do filósofo alemão, Friedrich Bouterwek, a *História da Poesia e Eloquência desde o fim do século XIII*<sup>1</sup>, com enfoque ao quarto volume da série, *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*<sup>2</sup>, cujo principal objetivo era o oferecimento de uma seleção dos autores em língua portuguesa representantes de cada época. Composta por doze volumes, o referido trabalho é a terceira seção integrante da enciclopédia iniciada na universidade de Göttingen, *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*,<sup>3</sup> por Johann Gottfried Eichhorn.

Essa obra é reconhecida pela originalidade em tratar das produções escritas a partir de uma perspectiva histórica, dando início a um novo gênero de publicações, que repercutiram mundialmente: as histórias literárias. Estas foram as responsáveis por modificar e superar textos antigos,<sup>4</sup> caracterizados por uma falta de organização interna que dificultaria a instrução dos interessados.<sup>5</sup> O lançamento desse quarto tomo foi especialmente importante à intelectualidade portuguesa, cuja produção esteve relegada a segundo plano, reprimida pelo turbulento cenário político do final do século XVIII e início do XIX. Assim sendo, o advento dessa obra inaugural de Bouterwek proporcionou, aos portugueses, nova fonte de citações e autores, em vez de recorrerem aos manuais e bibliotecas obsoletos, porém ainda utilizados.

Dentro dos estudos literários, esse pioneirismo é há muito reconhecido, porém pouco investigado, de modo que a fortuna crítica que envolve o autor é reduzida e, em grande parte, datada do início do século passado. Um dos grandes contribuintes à pesquisa sobre o

<sup>1</sup> Em alemão, *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts* (1801-1819).

<sup>2</sup> No original alemão, *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*, quarto volume, publicado em 1805. A maioria dos tradutores resume o termo *poesia e eloquência* em *literatura*, como nas traduções francesa, inglesa e espanhola.

<sup>3</sup> Em alemão, *Geschichte der Künste und Wissenschaften seit der Wiederherstellung derselben bis na das Ende des achtzehnten Jahrhunderts*. Decidimos seguir a tradução feita por Guilhermino César, a qual está presente em seu livro *Historiadores e Críticos do Romantismo* (1978).

<sup>4</sup> Ferdinand Denis comenta sobre a mudança do propósito atribuído aos manuais de literatura, durante o prefácio ao *Résumé de l'histoire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, “No século dezanove, quase todas as nações sentiram que suas riquezas se tornaram muito consideráveis para não serem classificadas, que não se poderia mais se servir de simples dicionários biográficos, e que havia reflexões a fazer, análises a dar, onde se contentariam com uma vã nomenclatura de obras.” (tradução nossa). Em francês, “Aux dix-neuvième siècle, presque toutes les nations ont senti que leurs richesses devenaient trop considerable pour ne pas être classées, que l’on ne pouvait plus se servir de simples dictionnaires biographiques, et qu’il avait des réflexions à faire, des analyses à donner, où l’on se contentait d’une vaine nomenclature d’ouvrages.” (DENIS, 1826, p. VII).

<sup>5</sup> Em Portugal, citam-se os exemplos de *Biblioteca Lusitana* (1741-1759) de Diogo Barbosa Machado e *Europa Portuguesa* (1678-1680) de Manuel de Faria e Sousa.

trabalho de Friedrich Bouterwek foi Guilhermino César, com a publicação de *Bouterwek, e os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit* (1968b) e *Historiadores e Críticos do Romantismo* (1978), dois títulos fundamentais na elaboração dessa dissertação. Contudo, ambos não contemplam uma biografia satisfatória, ou mesmo um resumo das suas publicações em filosofia, obrigando o pesquisador a buscar fontes documentais em outros idiomas.

Devido à escassez bibliográfica particularmente em língua portuguesa, objetivamos reunir, em um único trabalho, os textos de maior relevância sobre o escritor e seu prolífico empreendimento. Sob o ímpeto da curiosidade, reconstruímos as pegadas deixadas por Friedrich Bouterwek nas inúmeras breves menções em manuais de literatura, buscando compreender um pouco mais sobre o impacto de sua obra na formação do *corpus* nacional, e verificando em qual medida ela impulsionou o surgimento de outras obras com igual função em Portugal, nas primeiras décadas dos oitocentos.

Por outro lado, é imperante saber qual foi o momento histórico que envolveu o surgimento das histórias literárias, com ênfase no cenário alemão da cidade de Göttingen, e avaliar quais as correntes de pensamento em voga que, com efeito, influenciaram a composição da *História da Poesia e Eloquência*. Nesse processo, inevitavelmente encontram-se alguns problemas inerentes à construção das narrativas historiográficas, em particular aqueles que surgem do confronto de sua recepção com a opinião dos críticos lusitanos. Dentre os questionamentos levantados, o principal discutia a legitimidade do discurso crítico e da seleção do *corpus* português por um *estrangeiro*, o qual, além de supostamente não representar a realidade portuguesa, mal tinha acesso aos livros que aqueles julgavam ser de citação obrigatória. Estas afirmações, contestadas no decorrer do capítulo, foram generalizadas em Portugal, impedindo que houvesse uma receptividade marcante entre os lusitanos e uma mobilização para que a obra fosse traduzida ao idioma português.

Assim sendo, esta dissertação se propõe a desconstruir o lugar marginalizado de Bouterwek, fazendo jus à importância de seu trabalho e evidenciando o peso de sua contribuição para os estudos literários, mediante a análise das apropriações de sua estrutura e método crítico em textos sobre literatura portuguesa, divulgados após 1805. Tendo em vista a essencialidade de comparação, foram selecionados três escritores de histórias literárias, a fim de estabelecer como o original alemão serviu à elaboração de novas narrativas: Simonde de Sismondi, Ferdinand Denis e Almeida Garrett. Todos que seguiram esse modelo serão analisados pela ótica da *apropriação*, termo concebido por Roger Chartier, no artigo *O Mundo como Representação* (1991). De acordo com Chartier (1991, p. 180), “a apropriação, a

nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” Em outras palavras, as leituras de um mesmo texto podem ser variadas, ocasionando uma “pluralidade dos empregos”, também perceptíveis nas histórias literárias escolhidas para comparação. (CHARTIER, 1991, p. 179).

O primeiro autor a se apropriar do método elaborado por Friedrich Bouterwek foi Simonde de Sismondi, na composição dos quatro tomos de *De la Littérature du Midi de l'Europe* (1813). A proximidade temporal entre ambas as obras proporcionou a oportunidade de mensurar o quanto a crítica e o *corpus* português de 1805 foram preservados nessa nova publicação. Apesar de o autor ter declaradamente se apoiado nos comentários de seu antecessor, retirando citações e reproduzindo excertos, o propósito atribuído por Sismondi a sua iniciativa diferia sobremaneira do livro inaugural, ao reunir informações sobre literatura e língua que, *a posteriori*, serviriam à composição da *Histoire des Français*.

Outros apontamentos são feitos à narrativa de Ferdinand Denis, o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, de 1826. Denis foi mais ambicioso que Sismondi, na medida em que as inovações propostas, a partir da divisão dos escritos portugueses e brasileiros, firmaram uma nova regra seguida pelos historiadores que o sucederam, reconhecendo formalmente a independência da colônia, após o Tratado do Rio de Janeiro, em 1825. Com a publicação dos *Résumés*, ele se tornou o mentor dos escritores brasileiros na empreitada de desenvolver um *corpus* nacional e de encontrar suas origens, em meio aos anos de colonização. Ainda assim, é possível demarcar com precisão como a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* foi de consulta indispensável para o erudito francês, como ressaltou Regina Zilberman, no artigo *As lições de Ferdinand Denis* (2006).

No cenário português, Almeida Garrett é crítico imprescindível, considerado por seus conterrâneos como o legítimo pioneiro dentro do ramo historiográfico, com a publicação do “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, contido no *Parnaso Lusitano* (1826). A perspectiva resultante da comparação com o Bosquejo é digna de apontamento, visto que os propósitos a ele conferidos são um produto do período político vivenciado nas primeiras décadas do século XIX e do início do movimento romântico em Portugal, o qual buscou retomar o estudo da literatura nacional, bem como acentuar a identidade portuguesa por meio de suas produções escritas.

A única tradução do quarto volume data de 1823, por Thomasina Ross e editada por Boosey and Sons, *History of the Portuguese Literature*. Foi por meio dessa versão que

Garrett entrou em contato com a obra, durante seu exílio na Inglaterra, e é a partir desse mesmo texto que realizamos a leitura da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* para a feitura dessa dissertação. O uso do original alemão se restringiu a consultas ocasionais relativas a dúvidas sobre a tradução de Ross ou à verificação da estrutura primordial do livro. É claro que existem alguns problemas óbvios ao se ler somente uma tradução e não o original, como a possível omissão de conteúdos por parte do tradutor, ou mesmo a má interpretação de trechos da narrativa. Porém, sendo esta a única versão existente e a edição que serviu de modelo a Denis, Sismondi e Garrett, julgamos que não há problema em utilizar a mesma tradução pela qual ocorreu a disseminação cultural do quarto volume de Bouterwek.

Considerando os tópicos a serem abordados, esta dissertação foi organizada em três capítulos temáticos: no decorrer do primeiro, exporemos a biografia de Friedrich Bouterwek, com a descrição de acontecimentos gerais sobre sua vida, seus escritos, sua profissão, e informações acerca da enciclopédia, da qual participara. Nessa parte, há ocasião de se falar sobre as traduções feitas dos volumes orquestrados por Bouterwek, em especial sobre a inglesa, compreendendo aqui notas referentes à tradutora e à editora de publicação, Boosey and Sons; incluem-se ainda comentários a respeito de sua trajetória pessoal e do papel da formação filosófica no desenvolvimento de sua crítica.

Em um segundo momento, o assunto se volta ao conteúdo da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* e a sua estruturação geral, acompanhado de ponderações sobre a seleção dos autores e da consequente formação do *corpus* dessa literatura, cuja formulação foi analisada, vislumbrando uma posterior comparação, em virtude das muitas apropriações feitas. Nesse ponto, o método crítico de Bouterwek torna-se o foco de nossas atenções e será descrito como sua crítica literária se afastou dos moldes clássicos, o que é verificável, por exemplo, pela inclusão de obras de caráter popular e pela importância dada às composições em língua vernácula, uma evidente manifestação das ideias de Johann Gottfried von Herder entre os escritores alemães.

Por fim, o terceiro capítulo foi reservado às apropriações de Simonde de Sismondi, de Ferdinand Denis e à descrição da recepção da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* em Portugal, que culminou na publicação do *Parnaso Lusitano* por Almeida Garrett. Com uma ênfase maior na exposição desse último título, questionaremos a razoabilidade da afirmação dos críticos portugueses, os quais alegam não terem sido representados em uma narrativa sobre a literatura de Portugal, feita por um alemão. Essa foi a questão mais recorrente entre os comentaristas e será discutida em face à apropriação garrettiana e às similaridades entre ambas as obras. Além do que já foi citado, será discutido

como, nas duas primeiras décadas do século XIX, a estrutura e o conteúdo da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* de Bouterwek foram mantidos ou modificados.

A inspiração para esta dissertação, em verdade, proveio de uma aula ministrada pela Professora Doutora Orna Messer Levin, durante a minha graduação em Estudos Literários, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na qual tivemos a oportunidade de entrar em contato com o gênero das histórias literárias. E graças ao suporte financeiro oferecido pela CAPES, tive a oportunidade de dar continuidade a essa pesquisa, que me foi incentivada pela Professora Doutora Márcia de Azevedo Abreu, tal como por meu orientador, Professor Doutor Jefferson Cano, cujas contribuições foram valiosas à estruturação desta dissertação.

## CAPÍTULO 1

### O AUTOR, A ENCICLOPÉDIA E A TRADUÇÃO

Os vários volumes da *História da Poesia e Eloquência* escritos por Friedrich Bouterwek (1766-1828) foram, pela primeira vez, publicados em alemão entre os anos de 1801 e 1819, impressos pela casa Johann Friedrich Röwer. Essa obra é parte integrante de um projeto enciclopédico grandioso iniciado por Johann Gottfried Eichhorn (1752-1827), professor acadêmico atuante na Georg-August-Universität Göttingen, intitulado *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*. Essa grande empresa foi ainda composta por outras onze seções de assuntos que abrangem diversas áreas do conhecimento, desde teologia, à química e física. (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XII-XIII).

A emergência de uma obra como esta, no início do século XIX, não é explicada por uma mera casualidade; na verdade, faz-se necessário voltar à criação do gênero das enciclopédias no século XVIII, de modo a esclarecer as motivações desse empreendimento por parte de Eichhorn. É importante frisar que, apesar de serem originalmente uma produção inglesa, as enciclopédias (ROUANET, 1991, p. 42) despontaram por toda a Europa com o intuito de se tornarem um novo tipo de propagação do conhecimento humano.

Os livros lançados sob esse propósito de elogio à arte e à ciência nacional surgem como resposta à tendência iluminista de se modificar o sistema de informação e educação, mediante a difusão de conhecimentos. São as enciclopédias o mais valioso produto dessa época justamente por reunirem tais conteúdos, com o objetivo de que o progresso da civilização não fosse perdido. A mais conhecida talvez seja a de Denis Diderot e Jean le Rond D'Alembert, a *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*, impressa entre 1751 e 1772. A crítica Maria Helena Rouanet faz uma citação interessante de Diderot, que reflete todo o contexto histórico-ideológico setecentista, ao discorrer acerca da missão do seu projeto:

O objetivo de uma Enciclopédia é o de reunir os conhecimentos esparsos sobre a superfície da terra; expor o seu sistema geral aos homens com quem convivemos, e transmiti-lo aos homens que virão depois de nós; a fim de que os trabalhos dos séculos passados não tenham sido inúteis para os séculos que virão; que os nossos descendentes, tornando-se mais instruídos, tornem-

-se mais *virtuosos* e mais *felizes*. (DIDEROT citado por ROUANET, 1991, p. 38, grifo do autor).

### 1.1 – *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII.*

A universidade de Göttingen esteve no centro das discussões da *Aufklärung*, o chamado iluminismo germânico.<sup>6</sup> Assim sendo, uma parcela dos livros alemães foi beneficiada por esse movimento responsável por “reintegrar” os reinos que compunham àquele período a atual Alemanha à cultura latina, “especialmente à francesa” (ROUANET, 1991, p. 46). Acompanhando essa maré científico-artística de divulgação, surge, já no fim do século XVIII, a enciclopédia encabeçada por Johann Gottfried Eichhorn<sup>7</sup>, a *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*, que fora desenvolvida, a fim de se:

[...] superar, mediante a colaboração de vários especialistas, as principais enciclopédias elaboradas no XVIII, comumente resultado do ingente esforço de uma só pessoa, como foi o caso da mais célebre delas, a obra do abade Juan Andrés, *Dell'origine, progressi e stato attuale d'ogni letteratura* [...].<sup>8</sup> (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XII, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>6</sup> Segundo os comentários sobre a história da universidade em seu site oficial, “A Georg-August-Universität Göttingen segue na tradição do Iluminismo. Uma característica de sua constituição é a ausência da censura, como aparece na escrita, pela primeira vez, no privilégio de fundação, datado de 7 de dezembro de 1736, segundo o qual os professores acadêmicos no Georgia Augusta ‘devem ter completa e ilimitada liberdade, acesso e direito de ensinar publicamente e especialmente por toda a eternidade’. [...] A garantia de liberdade no ensino para todos os professores significava, em comparação, um progresso considerável, mas também significava que o Estado abriu mão de um de seus instrumentos de controle.” (tradução nossa). Em inglês, “The Georg-August Universität Göttingen follows in the tradition of the Enlightenment. A specialty of its constitution is the freedom from censorship as held in writing for the first time in the foundation privilege dated December 7, 1736, according to which the academic teachers at the Georgia Augusta ‘are to have complete and unlimited freedom, access and right to teach publicly and specially for all eternity’. [...] The guaranty of freedom of teaching for all professors meant, in comparison, considerable progress, but it did mean that the state gave up one of its instruments of control.” (GEORG-AUGUST-UNIVERSITÄT GÖTTINGEN).

<sup>7</sup> Eichhorn iniciou sua carreira na universidade de Jena, como professor de línguas orientais, porém, quando ingressou na universidade de Göttingen, dedicou-se também ao estudo e ensino de outras disciplinas, como a história da política antiga e moderna e a história da literatura, matéria pela qual nós o reconhecemos neste trabalho. Além disso, tem uma extensa e prolífica lista de escritos, os quais, por sua vez, se dividem em muitos volumes; eis alguns títulos: *Geschichte der Literatur von ihrem Anfange bis auf die neuesten Zeiten*, *Einleitung in das Neue Testament*, *Einleitung in das Alte Testament*, *Die hebräischen Propheten*, *Geschichte der drey letzten Jahrhunderte*.

<sup>8</sup> Em espanhol, “[...] superar, mediante el concurso de varios especialistas, las sumas enciclopédicas elaboradas en el XVIII, resultado por lo común del ingente esfuerzo de una sola persona, como fue el caso de la más célebre de ellas, la obra del abate Juan Andrés, *Dell'origine, progressi e stato attuale d'ogni letteratura* [...].” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XII).

Segundo Carmen Valcárcel Rivera e Santiago Navarro Pastor (2002),<sup>9</sup> a obra foi dividida em nove seções, de autoria de diversos acadêmicos atuantes nas universidades de Göttingen, Jena e Tübingen, entre outras, além de personagens influentes na sociedade erudita dessa região. A primeira seção do projeto contém dois volumes apenas e fora dedicada à *História Comum da Cultura e Literatura da Europa Moderna*<sup>10</sup> (1796-1799), redigida pelo próprio Eichhorn, então professor em Göttingen. Sua primeira edição data de 1796, pela editora Johann Georg Rosenbusch, encarregada de publicar os primeiros volumes lançados da enciclopédia.

A segunda seção, *História das Artes em Desenho desde seu Renascimento até os Tempos recentes*<sup>11</sup> (1798-1808), visa o estudo das artes em cinco volumes, por Johann Dominik Fiorillo (1748-1821), professor de filosofia em Göttingen e historiador da arte italiana, disciplina que exerceu com grande propriedade, dada sua descendência napolitana. Aqui, as matérias são organizadas cronologicamente e separadas por nacionalidade de cada artista estudado. A mesma configuração é encontrada na terceira seção, *História da Poesia e Eloquência desde o fim do século XIII* (1801-1819), escrita por Bouterwek e alvo de nosso estudo.

A quarta parte foi escrita por Arnold Hermann Ludwig Heeren (1760-1842), também professor de filosofia e história em Göttingen, a qual foi intitulada *História dos Estudos de Literatura Clássica desde o Renascimento das Ciências*<sup>12</sup> (1797-1801), em dois volumes. Por sua vez, a seção seguinte, *História da Investigação e Arte históricas desde a Restauração da Cultura Literária na Europa*<sup>13</sup> (1812-1820), em dois volumes, é de autoria de Ludwig Wachler (1767-1838), cujos estudos abrangem teologia protestante e filologia. Anos depois, leciona teologia e história na universidade de Rinteln. Uma particularidade desses dois volumes escritos é que ambos se dividem em partes: o primeiro em duas e o segundo em três.

*História da Nova Filosofia desde a Época da Restauração das Ciências*<sup>14</sup> (integrada por seis volumes, de 1800 a 1805) foi o título da sexta seção, de autoria de Johann Gottlieb Buhle (1763-1821), um dos muitos professores de filosofia, mais precisamente da universidade de Göttingen, que contribuíram para essa enciclopédia. Alguns de seus volumes

<sup>9</sup> Editores da tradução feita do terceiro volume confeccionado por Friedrich Bouterwek, *História da Literatura Espanhola, desde o século XIII, até princípios do XVI* (2002). (tradução nossa). Em espanhol, *Historia de la Literatura Española, desde el siglo XIII hasta principios del XVI*.

<sup>10</sup> Em alemão, *Allgemeine Geschichte der Cultur und Litteratur des neuern Europa*.

<sup>11</sup> Em alemão, *Geschichte der zeichnenden Künste von ihrer Wiederauflebung bis auf die neuesten Zeiten*.

<sup>12</sup> Em alemão, *Geschichte des Studiums der classischen Litteratur seit dem Wiederaufleben der Wissenschaften*.

<sup>13</sup> Em alemão, *Geschichte der historischen Forschung und Kunst seit der Wiederherstellung der litterarischen Cultur in Europa*.

<sup>14</sup> Em alemão, *Geschichte der neuern Philosophie seit der Epoche der Wiederherstellung der Wissenschaften*.

também apresentam subdivisões, como os das seções anteriores. As últimas três seções da enciclopédia apresentam divisões temáticas internas, as quais são escritas por diferentes autores; por exemplo, em sequência, a sétima seção é composta por dois escritores: Abraham Gotthelf Kästner (1719-1800), professor de filosofia da natureza e geometria em Göttingen, e Johann Gottfried von Hoyer (1767-1848), major-general prussiano e escritor de questões militares, os quais foram responsáveis por, respectivamente: *História da Matemática desde a Restauração das Ciências até o Final do Século Dezoito*<sup>15</sup> (quatro volumes, 1796-1800) e *História da Arte da Guerra desde a primeira Aplicação da Pólvora para Uso de Guerra até o Final do Século Dezoito*<sup>16</sup> (dois volumes, 1797-1800).

A oitava seção é referente às ciências da natureza, no entanto, vale ressaltar que, embora seja composta por quatro partes internas, não foram encontrados indícios da terceira na fonte principal de nossa pesquisa, o acervo virtual da biblioteca da Georg-August-Universität Göttingen. Segundo consta, o título da primeira parte é *História da Física desde a Restauração das Artes e Ciências até os Tempos Recentes*<sup>17</sup> (oito volumes, 1801-1808), por Johann Carl Fischer (1760-1833), matemático, físico alemão e docente em Dortmund, em Jena e em Greifswald; a segunda, *História da Química desde o Ressurgimento das Ciências até o Final do Século Dezoito*<sup>18</sup> (três volumes, 1797-1799), por Johann Friedrich Gmelin (1748-1804), professor de medicina, química, botânica e mineralogia, com atuação em Göttingen e Tübingen; e a última, *História da Tecnologia desde a Restauração das Ciências até o Final do Século Dezoito*<sup>19</sup> (3 volumes, 1807-1811), por Johann Heinrich Moritz von Poppe (1776-1854), professor de matemática, física e tecnologia em Frankfurt am Mein e em Tübingen.

Na biblioteca da universidade de Göttingen, sede da criação desse projeto, não existe referência alguma aos volumes de número nove, como apontaram Rivera e Pastor equivocadamente no prefácio,<sup>20</sup> e aos de número dez. É interessante notar que a sequência da

<sup>15</sup> Em alemão, *Geschichte der Mathematik seit der Wiederherstellung der Wissenschaften bis an das Ende des achtzehnten Jahrhunderts*.

<sup>16</sup> Em alemão, *Geschichte der Kriegskunst seit der ersten Anwendung des Schiesspulvers zum Kriegsgebrauch bis an das Ende des achtzehnten Jahrhunderts*.

<sup>17</sup> Em alemão, *Geschichte der Physik seit der Wiederherstellung der Künste und Wissenschaften bis auf die neuesten Zeiten*.

<sup>18</sup> Em alemão, *Geschichte der Chemie seit dem Wiederaufleben der Wissenschaften bis an das Ende des achtzehnten Jahrhunderts*.

<sup>19</sup> Em alemão, *Geschichte der Technologie seit der Wiederherstellung der Wissenschaften bis an das Ende des achtzehnten Jahrhunderts*.

<sup>20</sup> No Estudo Preliminar à tradução espanhola, os editores afirmam que a seção de número nove foi dividida entre alguns colaboradores. Em suas palavras, “Por último, a matéria da nona seção, a tecnologia, foi da mesma forma repartida em várias pessoas: Carl Friedrich Stäudlin abordou a moral cristã, Cristoph Friedrich Ammon a chamada tecnologia prática e Gottlob Wilhelm Meyer a exegese bíblica.” (tradução nossa). Em espanhol, “Por

oitava parcela é a seção de número onze que se chama, em alemão antigo, “Eilfte Abtheilung”. Todos os três títulos componentes são embasados na área de teologia: *História da Moral Cristã desde o Ressurgimento das Ciências*<sup>21</sup> (1808), de Carl Friedrich Stäudlin (1761-1826), professor de Teologia em Göttingen; *História da Teologia Prática ou da Homilética, Catequese, Liturgia e Pastoral desde a Restauração das Ciências*<sup>22</sup>, de Christoph Friedrich Ammon (1766-1850), professor de filosofia e teologia em Göttingen; e *História da Interpretação das Escrituras desde a Restauração das Ciências*<sup>23</sup>, por Gottlob Wilhelm Meyer.

Por vezes, alguns volumes de diferentes assuntos são agrupados em um único livro. No exemplo abaixo, o primeiro volume da *História da Filosofia* por Johann Gottlieb Buhle e o quarto volume da *História da Matemática* de Abraham Gotthelf Rästner vêm numa edição de 1800, impressa pela casa Johann Georg Rosenbusch.<sup>24</sup> Em outro exemplar de 1804, publicado pela casa Johann Friedrich Röwer, encontram-se ainda mais títulos compilados conjuntamente, por terem sido lançados naquele mesmo ano: *História da Arte e das Ciências desde seu restabelecimento até o final do século dezoito, redigido por uma sociedade de homens eruditos. Décima quinta remessa; Contém História da Teologia Prática de Christoph Friedrich Ammon (primeiro volume); História da Poesia e Eloquência de Friedrich Bouterwek (terceiro volume); História da Filosofia de Johann Gottlieb Buhle (segunda parte do quinto volume); e História da Interpretação das Escrituras de Wilh. Gottl. Meyer (terceiro volume).*<sup>25</sup> (tradução nossa).

Nossa proposta é o estudo de uma pequena parcela de todo o projeto, mas que em si mesma resguarda grande quantidade de conteúdo. O enfoque é a investigação da terceira parte, intitulada *História da Poesia e Eloquência desde o fim do século XIII*, escrita por Friedrich Bouterwek, mais especificamente ao tomo referente à *História da Poesia e*

---

último, la materia de la sección novena, la tecnología, quedó asimismo repartida en varias personas: Carl Friedrich Stäudlin abordó la moral cristiana, Christoph Friedrich Ammon la llamada tecnología práctica y Gottlob Wilhelm Meyer la exégesis bíblica.” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XII- XIII). Contudo, por mais estranho que pareça, essa seção de número nove da enciclopédia acima referida não existe. Com efeito, após a oitava seção surge a décima primeira e nenhuma explicação foi encontrada sobre tal incoerência.

<sup>21</sup> Em alemão, *Geschichte der christlichen Moral seit dem Wiederaufleben der Wissenschaften* (1808).

<sup>22</sup> Em alemão, *Geschichte der praktischen Theologie oder der Homiletik, Katechetik, Liturgik und Pastoral seit der Wiederherstellung der Wissenschaften* (1804).

<sup>23</sup> Em alemão, *Geschichte der Schrifterklärung seit der Wiederherstellung der Wissenschaften* (5 volumes, 1802-1809).

<sup>24</sup> (BUHLE; KÄSTNER, 1800).

<sup>25</sup> Em alemão, *Geschichte der Kunst und Wissenschaften seit der Wiederherstellung derselben bis an das Ende des achzehnten Jahrhunderts, von einer Gesellschaft gelehrter Männer ausgearbeitet. Funfzehnte Lieferung; enthält Geschichte der Praktischen Theologie von D. Christoph Friedrich Ammon (Erster Band); Geschichte der Poesie und Beredsmakeit von Friedrich Bouterwek (Dritter Band); Geschichte der Philosophie von Johann Gottlieb Buhle (Fünften Bandes Zweyte Hälfte); und Geschichte der Schrifterklärung von D. Wilh. Gottl. Meyer (Dritter Band).* (AMMON; BOUTERWEK; BUHLE; MEYER, 1804).

*Eloquência Portuguesa* (1805). Bouterwek, no total de sua contribuição a essa enciclopédia, ofereceu aos eruditos europeus um compilado crítico das melhores composições “nos diversos idiomas da mais nova Europa” (BOUTERWEK, 2003, p. 92, tradução nossa), que são: italiano, espanhol, português, francês, inglês e alemão, contabilizando 12 volumes impressos durante os anos de 1801 a 1819.

## 1.2 – O Filósofo e a Divulgação Literária.

A escolha de Eichhorn por Friedrich Bouterwek, para a feitura dos volumes relativos à poesia e eloquência, não foi em vão. Bouterwek, que àquela época atuava como professor de filosofia na universidade de Göttingen, percorreu diversas áreas do conhecimento em seus estudos acadêmicos, dedicando-se a aulas de filologia, teologia e filosofia, para enfim receber um diploma em direito em 1787. (BOLOGNINI, 2003, p. 75). Porém, seu preparo intelectual é, desde a infância, levado em consideração pelos teóricos que exaltam a influência materna no gosto literário do jovem.

Essa afeição pela literatura se fortalece na vida adulta com maior expressividade, quando Bouterwek começa a publicar suas próprias produções. Segundo Struck (1919), esse lança três coletâneas de poesias, convencido pela insistência de seu amigo Karl Reinhard, que os edita em 1802. O primeiro livro foi intitulado *Poesias*<sup>26</sup>, retratando dez fantasias; já sua segunda coletânea, o escritor alemão a reservou aos cantos de amor e de amizade; e, no terceiro livro, adiciona os *Poemas a partir do Grego*<sup>27</sup>, que são “paráfrases de Teógnis, Píndaro, Ésquilo, Eurípides e Hesíodo, entre outros.”<sup>28</sup> (STRUCK, 1919, p. 53, tradução nossa). De acordo com Leo Knop (1912), Bouterwek publica ainda *Menoqueus, ou a salvação de Tebas* (1788), *Graf Donamar* (1791-1793), *Paullus Septimus, ou o último segredo do sacerdote de Eleusis* (1795), *Gustav e seus irmãos* (1796-1797), *Almusa, o filho do Sultão* (1801) e *O diário de Ramiro* (1804).<sup>29</sup> (KNOP, 1912, p. 6, tradução nossa).

<sup>26</sup> Em alemão, *Gedichte*.

<sup>27</sup> Em alemão, *Gedichte nach dem Griechischem*.

<sup>28</sup> Em alemão, “Es sind freie, vortrefflich gelungene Nachdichtungen nach Theognis, Pindar, Aeschylus, Euripides, Hesiod, u. a.” (STRUCK, 1919, p. 53).

<sup>29</sup> Em alemão, “Chronologisches Verzeichnis der Dramen und Romane Bouterweks. 1. Menökeus, oder die Rettung von Thebe, ein Trauerspiel mit Gesang. Hannover 1788. 2. Graf Donamar, Roman in 3 Teilen, Göttingen 1791-1793. Umgearb. Ausgabe des 1. Teils. Göttingen 1798. 3. Paullus Septimus, oder das letzte Geheimnis des Euleusinischen Priesters. Ein philos. Roman in 2 Teilen, Halle 1795. 4. Gustav und seine Brüder. Roman in 2 Teilen. Halle 1796-1797. 5. Almusa, der Sultanssohn, ein Roman aus der Geisterwelt, nach

Contudo, existem dois grandes desafios em uma pesquisa dedicada aos escritos e cartas de Friedrich Bouterwek: primeiro, por uma questão prática e já descrita por Carmen Zink Bolognini acerca da complexidade em localizar escritos desse filósofo, em virtude das diferentes grafias dadas a seu nome (BOLOGNINI, 2003, p. 73). De fato, segundo os registros do catálogo KALLIOPE (2001), pertencente à universidade de Göttingen, Bouterwek foi conhecido por diversos pseudônimos e grafias, dos quais se conhece: Adrianow, Ferdinand [Pseud.]; Adrianov, Ferdinand [Pseud.]; Adrianow, Feodor [Pseud.]; Romano, Bajocco [Pseud.]; Donamar, ... [Pseud.]; E. R. T. O. B. U. E. W. K. [Pseud.]; Bouterwek, Frederick; Bouterwek, Fridericus; Bouterwek, Friedrich L.; Bouterweck, Friedrich L.; Butterwek, Fridericus; Bouterweck, Friedrich; Bouterwek, F.; Bouterweck, Friedrich Ludewig<sup>30</sup>. Em segundo lugar, são poucos os livros destinados ao estudo integral de suas obras, especialmente em português, o que talvez seja justificado pelo desmerecimento de sua produção crítico-literária, por parte dos eruditos lusitanos, desde a publicação da *História da Poesia e Eloquência* e por motivos que mais à frente serão comentados.

Seja como for, Gustav Struck (1919), biógrafo e estudioso das obras de Bouterwek, observa que ele também reservou tempo para a elaboração de artigos acerca da poesia e estética, com destaque para os títulos: *Apenas uma Iliada. Apenas um Homero*<sup>31</sup> e *Analogias. Sobre o gênio grego e moderno*<sup>32</sup>, ambos alusivos à exaltação da Antiguidade grega. Há também outro título denominado *Filosofia dos Romances*<sup>33</sup>, em que Bouterwek busca compreender qual o papel dos romances e das fábulas. A tentativa de teorizar esses dois gêneros em prosa revela a divisão de seus interesses durante sua carreira acadêmica, muito embora suas ambições literárias fossem relegadas a segundo plano<sup>34</sup> e apontadas como uma mera distração da “difícil atividade profissional” (STRUCK, 1919, p. 53, tradução nossa) como professor de filosofia na universidade de Göttingen. No excerto abaixo, Struck descreve as reflexões de Bouterwek sobre a função desses gêneros literários, formuladas a partir de seu ponto de vista como filósofo:

---

hinterlassenen Papieren des Grafen Donamar. Bremen 1801. 6. Ramiros Tagebuch. Aus alten Papieren eines Freundes des Grafen Donamar. Herausgegeben von Feodor Adrianow. Leipzig 1804.“ (KNOP, 1912, p. 6).

<sup>30</sup> Essas informações foram extraídas do catálogo KALLIOPE (2001).

<sup>31</sup> Em alemão, *Nur Eine Ilias, Nur Ein Homer*.

<sup>32</sup> Em alemão, *Parallelen. Vom griechischen und modernen Genius*.

<sup>33</sup> Em alemão, *Philosophie der Romane*. Este texto faz parte do livro de Karl Reinhard, *Romanen-Kalender für das Jahr 1798*, disponível para visualização no site da biblioteca de Göttingen. (REINHARD, 1798).

<sup>34</sup> Por sua vez, Leo Knop, no livro *Friedrich Bouterwek als dramatischer und romanschriftsteller*, diz o mesmo quando aponta que Bouterwek depreciava seus estudos e ambições literárias, como revela em suas cartas: “Em uma carta a Pfaff, Göttingen em 31 de Agosto de 1795, ele escreve: ‘Então agora eu pertenço à Filosofia, e a relação secreta, que eu cultivo com a poesia, é de pouca importância.’” (tradução nossa). Em alemão, “In einem Briefe an Pfaff, Göttingen d. 31. Aug. 1795, schreibt er: ‘Der Philosophie gehöre ich also jetzt an, und der geheime Umgang, den ich mit der Poesie pflege, ist von geringer Bedeutung.’” (KNOP, 1912, p. 91).

Bouterwek quer definir filosoficamente a essência dos romances. Fábula e romance são gêneros aparentados. Ambos se situam entre a arte e a ciência. A arte representa, a ciência instrui. Fábulas e romances instruem através da representação. Sua instrução não é puramente estética, como por exemplo uma ode de Horácio, mas é efetivamente filosófica, é uma instrução através de uma prova viva da verdade psicológica. Na fábula, a forma da representação é encantadora e muito simples. O romance é instrução através da representação em pinturas da alma completamente executadas.<sup>35</sup> (STRUCK, 1919, p. 52, tradução nossa).

Logo, de acordo com Bouterwek, romances e fábulas são gêneros que fornecem instrução por meio de representações psicológicas apresentadas no enredo pelo próprio escritor. Ambas as formas são inseridas num espaço intermédio entre “as Artes e as Ciências”, e é neste meio termo em que o filósofo está apto a atuar. Márcia Abreu, ao comentar a respeito do campo de atuação do filósofo, esclarece que este foi o grande mediador entre o homem das ciências e o homem de letras:

O terceiro personagem, o filósofo, era aquele capaz de transitar pelos dois domínios, aliando procedimentos científicos e retóricos. O verbete da *Enciclopédia* faz, como seria de se esperar, o elogio do filósofo e de seu poder de associar ciências e letras. (ABREU, 2003, p. 16, grifo do autor).

Embora sua atuação percorra duas áreas, o filósofo exerce ainda outra função fundamental que é o de ressaltar a qualidade moral de seu objeto de estudo. Voltando à citação anterior, a associação entre a representação (Arte) e a instrução (Ciência) inserida no contexto literário, leva-nos a relacionar a leitura com um momento de aprendizado por meio de uma representação exemplar ou, nas palavras de Struck, “uma instrução através de uma prova viva da verdade psicológica.”<sup>36</sup> (STRUCK, 1919, p. 52, tradução nossa). Essa nuance das tarefas do filósofo e do homem das ciências é novamente apresentada abaixo:

[...] homens como D’Alembert ou Voltaire percebiam uma diferença fundamental entre o filósofo e o homem de ciências: este, embora não desconhecesse a dimensão moral de suas pesquisas, não integrava suas

<sup>35</sup> Em alemão, “In der zweiten, betitelt “Philosophie der Romane” will Bouterwek das Wesen der Romane philosophisch definieren. Fabel un Roman sind verwandte Gattungen. Beide stehen zwischen der Kunst und Wissenschaft. Die Kunst stellt dar, die Wissenschaft belehrt. Fabel und Roman belehren durch Darstellung. Ihre Belehrung ist keine rein ästhetische, wie z. B. bei einer Horazischen Ode, sondern eine eigentlich philosophische, is Belehrung durch den anschaulichen Beweis einer psychologischen Wahrheit. Bei der Fabel ist die Form der Darstellung eine anmutige und sehr einfache. Der Roman ist Belehrung durch Darstellung in vollständig ausgeführten Seelengemälden.“ (STRUCK, 1919, p. 52).

<sup>36</sup> Em alemão, “[...] ist Belehrung durch den anschaulichen Beweis einer psychologischen Wahrheit.” (STRUCK, 1919, p. 52).

descobertas num plano geral que permitisse explicar a trajetória humana. Já o filósofo punha as ciências a serviço de uma moral e apresentava-se como capaz de esclarecer públicos amplos. (ABREU, 2003, p. 16).

De acordo com Rouanet (1991), o *philosophe* serviu igualmente ao propósito iluminista de divulgação do conhecimento e de manutenção do progresso humano<sup>37</sup>. Por conseguinte, a escolha de Bouterwek para a realização dessa terceira parte da enciclopédia de Eichhorn é muito apropriada, pois sendo esse um dos grandes mecanismos de divulgação em massa do século XIX e tendo essa formação filosófica e literária, ele era dotado da capacidade e da propriedade em tecer os comentários acerca das belas letras, tal como lhe foi proposto.

Gustav Struck, em *Friedrich Bouterwek, sein Leben, seine Schriften und seine philosophischen Lehren* (1919, p. 54), alega que Bouterwek se intimidou diante do pedido de Eichhorn, entretanto aceitou o desafio de falar sobre as literaturas europeias. No entanto, o reconhecido domínio em diversas línguas e a afinidade com a disciplina de estética, desenvolvida no contexto filosófico, são atributos que facilitaram sua tarefa e não justificam, dessa forma, uma intimidação diante da proposta. Guilhermino César, em sua pesquisa a respeito da obra e vida do escritor alemão, faz questão de citar tais faculdades do escritor, de modo a esclarecer sua nomeação por Eichhorn<sup>38</sup>, assim como Struck também fizera:

Bouterwek mesmo diz a respeito da formação da obra: “Um estímulo próprio nunca o teria levado a pensar em empreender tal trabalho... Ele jamais teria começado algo, com toda a diversidade dos seus estudos, para o que é necessário o esforço de um literato. Ele quase se amedrontou diante do pedido, com o qual o primeiro editor da história das artes e da ciência de Göttingen o honrou, em assumir, como parte dessa obra, a história da bela literatura da nova Europa”. Bouterwek já possuía a maior parte dos conhecimentos idiomáticos necessários para esse trabalho, quando ele foi à Universidade. Então ele pensou que, através do trabalho aceito, ele estaria impelido, ‘a não se tornar um estranho no mundo da poesia’.<sup>39</sup> (STRUCK, 1919, p. 54, tradução nossa).

<sup>37</sup> Maria Helena Rouanet comenta essa inserção do filósofo, no contexto iluminista, no seguinte trecho: “Ao reunir todo o conhecimento de que se pode dispor, e ao organizá-lo, o *philosophe* está revelando o encadeamento ininterrupto do progresso do gênero humano, ou seja: a marcha incessante da civilização.” (ROUANET, 1991, p. 38, grifo do autor).

<sup>38</sup> “Por sua formação filosófica, por seu gosto literário, achava-se ele em condições de abarcar o panorama literário da Europa. Viera bem apetrechado para aquela tarefa. Conhecia várias línguas, tivera uma sólida educação filosófica (especialmente no campo estético), cultivara a poesia e a ficção.” (CÉSAR, 1968b, p. 9).

<sup>39</sup> Em alemão: “Ueber die Entstehung des Werkes sagt Bouterwek selbst: ‘Eigner Antrieb würde ihn nie auf den Gedanken gebracht haben, eine solche Arbeit zu übernehmen. ... Nie hatte er, bei aller Mannigfaltigkeit seiner Studien, etwas angefangen, zu dessen Ausführung der Feiß eines Literators gehört. Er erschrak fast von dem Antrage, mit dem ihn der erste Herausgeber der Göttingischen Geschichte der Künste und Wissenschaften beehrte, als einen Teil dieses Werkes die Geschichte der schönen Literatur des neuern Europa zu übernehmen. Bouterwek besaß den größten Teil der notwendigen sprachlichen Kenntnisse für diese Arbeit bereits, als er auf

### 1.3 – História da Poesia e Eloquência desde o fim do século XIII.

Sabe-se que, no decorrer da produção de *História da Poesia e Eloquência*, a universidade de Göttingen<sup>40</sup> foi responsável pelo fornecimento de grande quantidade de material bibliográfico à conclusão desse empreendimento, com especial destaque para o acervo tocante à literatura espanhola.<sup>41</sup> Aparentemente, esse centro acadêmico tornou-se “um importante núcleo do nascente hispanismo alemão”<sup>42</sup> (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XIII, tradução nossa), e contou com a contribuição de Johann Andreas Dieze (1729-1785), “tradutor para o alemão de *Orígenes de la poesia castellana* (Málaga, 1754) de Luis José Velázquez” e que “havia reunido ali uma importante coleção de obras relativas às letras espanholas, que diminuiu em boa medida as tarefas de documentação de Bouterwek [...]”<sup>43</sup> (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XIII, tradução nossa). Embora Göttingen seja o lugar onde floresceram os estudos hispânicos, em verdade, houve um movimento generalizado no final do século XVIII e início do XIX, em que ocorreu uma redescoberta sócio-histórico-cultural da Espanha. Diz-se “redescoberta” porque, por anos, os espanhóis foram envoltos pelas marcas da *leyenda negra*, a lenda negra, nome que designava o período das Inquisições. Segundo Barbara Becker-Cantarino, “muito dessa informação foi infundido pela visão negativa que se tinha da Espanha, disseminada pelos iluministas franceses e que prevaleceu durante a maior parte do século XVIII.”<sup>44</sup> (CANTARINO, 1980, p. 121, tradução nossa).

Esse interesse dos alemães pelo exotismo da cultura ibérica é justificado pela autora como um ato de afastamento político e cultural da França: reação que se desenvolveu,

---

die Universität kam. Dann bedachte er, daß er durch die übernommene Arbeit genötigt würde, ‘in der Dichterswelt nicht fremd zu werden’”. (STRUCK, 1919, p. 54).

<sup>40</sup> Também conhecida como Georg-August-Universität Göttingen.

<sup>41</sup> Bouterwek, no prefácio à edição original alemã do terceiro volume, *Geschichte der spanischen Poesie und Beredsamkeit*, confessa ser a biblioteca de Göttingen sua principal fonte de dados: “Tive a minha disposição o tesouro da Biblioteca Universitária de Göttingen. Nela, encontrei quase tudo quanto buscava em matérias de literatura espanhola. Até agora, foram poucas as obras de poetas recentes que chegaram a nossas mãos. Pedi-as em vão a outras bibliotecas alemãs, às quais certamente devo alguma ajuda inestimável graças à bondade de seus diretores.” (tradução nossa). Em espanhol, “[...] he tenido a mi disposición el tesoro de la Biblioteca Universitaria de Göttingen. En ella he encontrado en las materias de la literatura española casi todo cuanto buscaba. Obras de poetas recientes nos han llegado hasta ahora pocas. Las he pedido en vano a otras bibliotecas alemanas, a las que por cierto debo alguna ayuda inestimable gracias a la bondad de sus directores.” (BOUTERWEK, 2002, p. 9).

<sup>42</sup> Em espanhol, “[...] un importante núcleo del naciente hispanismo alemán”. (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XIII).

<sup>43</sup> Em espanhol, “El bibliotecario Johann Andreas Dieze, traductor al alemán de los *Orígenes de la poesía castellana* (Málaga, 1754) de Luis José Velázquez, había reunido allí una importante colección de obras relativas a las letras españolas, que allanó en buena medida de las tareas de documentación de Bouterwek [...]” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XIII).

<sup>44</sup> Em inglês, “Much of his information was drawn from the negative view of Spain disseminated by the French Enlighteners and prevalent during most of the 18th century.” (CANTARINO, 1980, p. 121).

principalmente, devido às tensões externas decorrentes das Guerras Napoleônicas<sup>45</sup>, visto que, em suas palavras, “[...] uma grande força por trás da redescoberta da Espanha foi a busca por uma alternativa viável à hegemonia cultural e política da França, ao Iluminismo e aos valores intelectuais e literários Classicistas.”<sup>46</sup> (CANTARINO, 1980, p. 122, tradução nossa). Nessa mesma esteira, a cultura portuguesa também foi absorvida pelos estudos alemães sobre as culturas ibéricas, pois, conforme discorre, “[...] pouca distinção, se houve alguma, foi feita entre Espanha e Portugal, já que ambas as nações pareciam compartilhar da sorte da impotência política e cultural.”<sup>47</sup> (CANTARINO, 1980, p. 122, tradução nossa).

Esse interesse coincide justamente com o período em que a cultura espanhola começa a florescer por toda Europa, resgatando o folclore dessa região, mas envolvendo um forte teor comercial, o que é identificado principalmente pela criação de peças literárias e até mesmo de óperas, como o *Barbeiro de Sevilha* (1816), ou mesmo por livros publicados ainda no século XVIII, como *As Aventuras de Gil Blas de Santillana*, por Alain-René Lesage, e reedições e traduções do grande clássico de Cervantes, *Don Quixote de la Mancha*. Nos registros da biblioteca da universidade de Göttingen, por exemplo, encontramos uma das primeiras edições de Lesage em alemão, *Der spanische Robinson, oder, Sonderbare Geschichte des Gil Blas von Satillana* (SAGE, 1735-1742), de 1735. Já o exemplar da tradução mais antiga de *Don Quixote*, publicado em território alemão, data de 1734, sob o título *Des berühmten Ritters, Don Quixote von Mancha, Lustige und sinnreiche Geschichte, abgefasset von Miguel Cervantes Saavedra* (SAAVEDRA, 1734). Nesse acervo, encontramos similarmente obras no original espanhol de Tirso de la Molina, muitas delas do ano de 1636, e de Nicolás e Leandro Fernández de Moratín, do final do século XVIII e início do XIX.

Apesar de a maioria das traduções ser do final dos setecentos, o auge da popularização do hispanismo se deu nas primeiras décadas do século XIX, tal como bem apontou Helman: “aquele interesse na língua, políticas e literatura espanholas, [...] foi

---

<sup>45</sup> De certa forma, a resistência do povo espanhol às investidas de Napoleão despertou simpatia entre as demais nações afetadas, incluindo os alemães. Edith F. Helman comenta que, mesmo na cidade de Boston, “os cidadãos [...] estavam comovidos suficientemente pela resistência do povo espanhol a Napoleão, a ponto de criarem um ‘Festival Público em Homenagem ao Valor e Patriotismo Espanhol’.” (tradução nossa). Em inglês, “The citizens of Boston were sufficiently moved by the resistance of the Spanish people to Napoleon to give a ‘Public Festival in Honor of Spanish Valour and Patriotism’.” (HELMAN, 1946, p. 343).

<sup>46</sup> Em inglês, “Moreover, a major force behind this rediscovery of Spain was the search for a viable alternative to the French cultural and political hegemony, to Enlightenment and Classicist literary and intellectual values.” (CANTARINO, 1980, p. 122).

<sup>47</sup> Em inglês, “In such a negative view of Spain, little distinction, if any, was made between Spain and Portugal, since both nations seemed to share the fate of political and cultural impotence.” (CANTARINO, 1980, p. 122).

crecendo constantemente desde o início do século dezenove e atingiu um alto nível nas décadas de 1820 e 1830.”<sup>48</sup> (HELMAN, 1946, p. 340, tradução nossa).

A disponibilidade de grande parte desses originais e traduções do espanhol, em solo alemão, só foi possível pelo trabalho de:

[...] muitos bibliotecários e professores da universidade de Göttingen, dentre eles Dieze e T. C. Tytsen, e pelos esforços do editor Bertuch em Weimer. Eles assentaram as bases para a recepção direta – sem os intermediários franceses – da literatura e cultura da Era Dourada Espanhola por Herder, Bürger, Tieck, os Schlegels, Brentano, Eichendorff, e Heine.<sup>49</sup> (CANTARINO, 1980, p. 124, tradução nossa).

A voga pelo hispanismo fora tamanha a ponto de Friedrich Justin Bertuch, especialista nessa área e sucessor de Dieze, criar a *Magazin der spanischen und portugiesischen Literatur* (1780-1782), na qual vários textos de autores espanhóis consagrados foram colocados à disposição dos leitores, como as obras de Quevedo, Lope, Cervantes e, em língua portuguesa, de Camões<sup>50</sup> (CANTARINO, 1980, p. 122), cujo trabalho fora mencionado brevemente nas *Memórias de Literatura Portuguesa*.<sup>51</sup>

Além do que se possa imaginar, as obras reunidas por Dieze, nesta biblioteca, forneceram material indispensável para a feitura não somente da *História da Poesia e Eloquência Espanhola* – terceiro volume da coleção escrita por Bouterwek; com efeito, o bibliotecário de Göttingen contribuiu indiretamente para a compilação da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, como se vê nas duas notas deixadas pelo escritor: “[...] O fragmento acima está contido na *Europa Portuguesa*, vol. iii, p. 379. – Dieze também o copiou em seus Apontamentos sobre Velasquez<sup>52</sup>.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7, grifo do

<sup>48</sup> Em inglês. “[...] that interest in the Spanish language, in Spanish politics and literature, [...] had been growing constantly from the beginning of the nineteenth century and reached a high level by the 1820’s and 1830’s.” (HELMAN, 1946, p. 340).

<sup>49</sup> Em inglês, “This was made possible primarily by several librarians and professors at the University of Göttingen, among them Dieze and T.C. Tytsen, and by the efforts of the publisher Bertuch in Weimer. They laid the groundwork for the direct reception – without French intermediaries – of Spanish Golden Age literature and culture by Herder, Bürger, Tieck, the Schlegels, Brentano, Eichendorff, and Heine.” (CANTARINO, 1980, p. 124).

<sup>50</sup> No primeiro volume, de 1780, o índice consiste de “1. Volks-Romanzen; 2. Der Denker; von Clavijo; 3. Der Traum von jungen Gerichte; von Quevedo; 4. Die Gatomachia; von Lope de Vega; 5. Das munderthätige Puppenspiel; von Cervantes; 6. Briefe des Ritters von Spahrguth; von Quevedo; 7. Fragment aus der Geschichte von Granada; 8. Proben aus Camoens; 9. Biographien”. (BERTUCH, 1780, v. 1).

<sup>51</sup> No artigo de Antonio de Araújo de Azevedo, “Memoria, em defesa de Camões contra Monsieur de la Harpe”, no qual as tentativas de Bertuch em traduzir os Lusíadas são desmerecidas. (AZEVEDO, 1806, v. 7).

<sup>52</sup> Em inglês, *Remarks on Velasquez*.

autor, tradução nossa)<sup>53</sup>. O mesmo podemos concluir neste outro trecho: “Dieze, nos seus Apontamentos sobre Velasquez <sup>54</sup>, p. 76, coletou notícias sobre a vida daqueles portugueses que, durante os séculos quinze e dezesseis, distinguiram-se na composição do verso latino.”<sup>55</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21, tradução nossa).

Não é segredo que Bouterwek, embora tivesse conhecimentos linguísticos e estéticos necessários à elaboração de histórias literárias, confessamente contou com a ajuda de amigos que lhe forneceram orientação no preparo do material a respeito da literatura da península Ibérica. Essa prática era bastante comum no período e não desacredita a sua autoria e propriedade sobre o texto. Pelo que se sabe, há a existência de um contribuinte ao volume destinado a Portugal mencionado por Thomasina Ross, porém sua identidade não é revelada no prefácio de sua autoria à versão inglesa de 1823. Segundo a tradutora, “[...] o autor reconhece estar em débito com as comunicações de um erudito português, com o qual se relacionara depois que os materiais, coletados previamente por ele, foram arranjados para a publicação.”<sup>56</sup> (ROSS, 1823, v. 2, p. 5, tradução nossa).

Essas contribuições, em outra perspectiva, dizem muito sobre o que Bouterwek se propôs realizar neste projeto. Como se sabe, ele observou a impossibilidade de se aprofundar ou mesmo apresentar questões novas concernentes à produção literária de cada país, devido ao volume expressivo de conteúdo, inviabilizando o projeto. Reconhecidas suas limitações, o crítico alemão se contentou em expor apontamentos referentes a escritores, fundamentando-se em textos-base<sup>57</sup>. Igualmente desafiador, a grande quantidade de nomes exigiu uma seleção daqueles que se destacaram na ourivesaria literária, restringindo de modo significativo a extensão do texto.

Isto posto, a reunião criteriosa de autores e dos respectivos comentários caracteriza seu método de análise literária e representa aquilo que Bouterwek denomina como “caminho filosófico-crítico”<sup>58</sup>. É curioso notar que essa nova proposta prevaleceu pelos séculos seguintes, suplantando o modelo antigo exemplificado pelas bibliotecas e pela

<sup>53</sup> Em inglês, “The above fragment is contained in the Europa Portuguesa, vol. iii, p. 379. – Dieze has also printed it in his Remarks on Velasquez.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7).

<sup>54</sup> Em inglês, *Remarks on Velasquez*.

<sup>55</sup> Em inglês, “Dieze, in his Remarks on Velasquez, p. 76, has collected notices of the lives of those Portuguese who in the fifteenth and sixteenth centuries distinguished themselves by the composition of latin verse.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21).

<sup>56</sup> Em inglês, “[...] the author acknowledges himself to be indebted to the communications of a learned Portuguese, with whom he became acquainted after the materials he had previously collected were arranged for publication.” (ROSS, 1823, v. 2, p. 5).

<sup>57</sup> No decorrer do segundo capítulo, faz-se referência aos diversos livros utilizados por Bouterwek, verificando a disponibilidade de exemplares datados do século XVIII e XIX nos acervos da biblioteca da universidade de Göttingen.

<sup>58</sup> Em alemão, *Philosophisch-Kritische*.

exposição “filológico-bibliográfica”,<sup>59</sup> na qual os escritores de todos os gêneros e qualidade eram ordenados alfabeticamente. É indispensável citar o caso da *Biblioteca Lusitana*<sup>60</sup> (1741-1759) de Diogo Barbosa Machado, a grande obra referencial sobre autores portugueses e “que só conheceu rival na segunda metade dos oitocentos, com a publicação do *Dicionário Bibliográfico Português*, de Innocencio Francisco da Silva.” (ABREU, 2003, p. 31-32). Como o crítico alemão explica no prefácio à edição do primeiro tomo *História da Poesia e Eloquência Italiana*, de 1801:

[...] meu único compromisso, ao resolver escrever essa parte do grande livro *História das Artes e Ciências Desde a sua Reconstituição*, foi o de ao menos tentar utilizar trabalhos já conhecidos para o esclarecimento estético, em vez de apresentar questões novas. (BOUTERWEK, 2003, p. 91).

Quanto à estruturação proposta para a enciclopédia como um todo, os livros foram organizados de maneira inovadora para os padrões da época: os críticos utilizaram uma ordem história que, no caso de Bouterwek, consistiu na divisão dos autores e suas obras em intervalos que vão do início do século XIII ao século XVIII, selecionando os melhores representantes de cada momento e ressaltando a qualidade de sua escrita, junto a comentários acerca dos usos e moldes estilísticos característicos. A ordem cronológica é a importante marca da metodologia dessa obra e aparece na escrita de outros contribuintes da *História das Artes e das Ciências*, como foi o caso de Johann Dominik Fiorillo, na segunda seção. Lá, a exposição dos autores segue uma sequência cronológica dentro dos tópicos: por exemplo, segundo consta, Leonardo da Vinci, nascido em 1444 e morto em 1519, sucede Giovanni Cimabue (1240- 1300). Andrea del Sarto vem logo em seguida, pois nasce em 1488 e falece em 1530, e após, Michelangelo Buonarroti (1474-1564), Giorgio Vasari, (1512-1574) e Pietro Berettini (1596-1669). Ademais, todos os artistas são agrupados por locais de nascimento: no primeiro tomo temos Roma e Toscana; no segundo, Veneza, Sicília, Nápoles, Ligúria e

<sup>59</sup> Em alemão, *Philologisch-bibliographische*.

<sup>60</sup> *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*. Vale apontar que este livro apresenta, no último tomo, sete índices temáticos, que objetivam organizar os muitos nomes de autores citados. Na “Advertência ao Leitor” contida no quarto tomo, Machado esclarece: “Ultimamente para complemento desta Obra te ofereço neste quarto Tomo sete Índices, em cujo trabalho teve mais exercício a paciência, que o engenho. Neles com pronta facilidade lerás os Nomes, Apelidos, Pátrias, Dignidades Eclesiásticas, e Seculares de cada Autor, como também as Matérias, que foram assunto das suas penas: e eu suspendo a minha, para que esta Advertência, que julguei ser precisa, não degenera em narração importuna.” (MACHADO, 1759, v. 4). Márcia Abreu, por sua vez, ressalta o teor de inovação dessa obra bibliográfica, na tentativa de classificação apresentada nos índices finais, por sua precisão de critérios. (ABREU, 2003, p. 32-33).

Piemonte; no terceiro, temos os artistas da França; no quarto, da Espanha e no último, Grã-Bretanha.

Em uma obra sobre literatura, Bouterwek acredita que ela deva privilegiar justamente a exposição de conteúdo conforme a cronologia dos eventos e publicações, em vez de separá-la por gêneros de prosa e poesia. Como explica no mesmo prefácio, de 1801:

Muitas das categorias literárias, nas quais nós classificamos os escritos de valor retórico e poético de acordo com os seus títulos de classe correntes, se sobrepõem, caso o crítico as analise seriamente. [...] Portanto, aquele que quiser observar os progressos do gosto não pode sacrificar a ordem cronológica em função de uma tabela de gêneros e tipos. (BOUTERWEK, 2003, p. 93).

A ordem de publicação dos tomos tem, igualmente, a sua sequência lógica. Como diz Bouterwek, foi com Dante que a arte escrita se desenvolveu e, de uma forma geral, a literatura italiana imprimiu profundas marcas nas produções ibéricas. Por essa conexão estabelecida, temos o primeiro e segundo volumes dedicados à literatura italiana e, o terceiro e quarto, à Espanha e Portugal, respectivamente. Na sua concepção, a cultura ibérica foi aquela que ofereceu os elementos necessários para o início das produções francesas, que correspondem aos volumes cinco e seis. Já à literatura inglesa, a qual tentou progredir independente da francesa, foram reservados os volumes sete e oito, sequencialmente precedidos pela literatura alemã, cuja parte Struck (1919, p. 56, tradução nossa) julga ser um “resumo sumarizado”<sup>61</sup>, apesar de apresentar maior quantidade de conteúdo. A respeito da ordem escolhida, Bouterwek esclarece: “[...] é praticamente impossível contar a história do gosto alemão em qualquer arte sem que se parta do pressuposto de que o gosto de metade da Europa é conhecido.” (BOUTERWEK, 2003, p. 93). Goethe, ao comentar suas ideias sobre a *Weltliteratur*, parece ser da mesma opinião ao reconhecer que a Alemanha deve muito às contribuições estrangeiras na literatura nacional:

[...] Goethe impõe essa receptividade mente aberta, e está plenamente consciente de que a hospitalidade a influências literárias estrangeiras foram lucrativas para a Alemanha no passado. Ele aponta que, já que nenhuma nação pode reclamar absoluta originalidade, os alemães não precisam se envergonhar de terem sido forçados pelas circunstâncias a adquirir forma

---

<sup>61</sup> Em alemão, “einen summarischen Abriß” (STRUCK, 1919, p. 56).

poética e conteúdo de outrem.<sup>62</sup> (BLANKENAGEL, 1925, p. 144, tradução nossa).

Em *História da Poesia e Eloquência*, por conseguinte, a tarefa que compete a Bouterwek é de contar “a história da bela literatura de cada nação<sup>63</sup> a ser contemplada aqui, ininterruptamente, até o final.” (BOUTERWEK, 2003, p. 92). Assim sendo, a opção pela análise filosófico-crítica, a organização cronológica de obras e autores, e a missão do crítico, descrita acima, são características que estavam sendo construídas pela primeira vez e que, posteriormente, se tornaram os pilares das histórias literárias.

A concepção deste modelo crítico invoca, como o próprio nome *história literária* implica, a definição do termo *literatura*, que embora não tenha sido utilizado no título original – em vez disso, optando por *Poesia e Eloquência* – é mencionado em alemão ocasionalmente no decorrer do texto. Isso talvez seja explicado pelo estágio instável da construção de significado da palavra, que, no início do século XIX, está em vias de ser agregado a novas acepções. Se buscarmos, como sugere Abreu (2003, p. 30-31), pela dicionarização do vocábulo nos fins do século XVIII, encontramos definições parecidas entre os dicionários espanhóis, portugueses, italianos e alemães. Por exemplo, conforme atestam os registros do *Diccionario de Autoridades*, disponibilizado pela Real Academia Española (RAE), o termo *literatura* foi incluído, pela primeira vez nesse exemplar, em 1734 e era compreendido por *erudição e conhecimento*, assim como pelas demais línguas da Europa:

LITERATURA. s. f. O conhecimento e ciência das letras. É voz puramente Latina *Literatura*, ae. NUÑ. Empr. 13. O ofício de Juiz pede talento muito superior, e que esteja dotado de literatura e ciência, quase divina. ALCAZ. Vid. de S. Julian, livro. 2. cap. 10. São Julian não recorria a Juízes, mas a homens de letras, e de bons costumes: porque sua literatura assegurava a boa inteligência das leis Eclesiásticas e escusava os enormes erros que se originam de sua falta.<sup>64</sup> (LITERATURA, 1734, v. 4, tradução nossa).

<sup>62</sup> Em inglês, “[...] Goethe enjoins open-minded receptivity, and is fully aware that hospitality to foreign literary influences has been profitable to Germany in the past. He points out (37, 5) that, since no modern nation can claim absolute originality, the Germans need not be ashamed of having been forced by circumstances into acquiring poetic form and content from others.” (BLANKENAGEL, 1925, p. 144).

<sup>63</sup> Em alemão, “die Geschichte **der schönen Litteratur** jeder Nation” (BOUTERWEK, 1801, p. VI, grifo nosso).

<sup>64</sup> Em espanhol, “LITERATURA. s. f. El conocimiento y ciencia de las letras. Es voz puramente Latina *Literatura*, ae. NUÑ. Empr. 13. El oficio de Juez pide talento mui superior, y que esté dotado de literatúra y ciencia, casi divina. ALCAZ. Vid. de S. Julian, lib. 2. cap. 10. No echaba mano San Julian para Jueces, sino de hombres de letras, y de buenas costumbres: porque su literatúra asseguraba la buena inteligencia de las leyes Eclesiásticas, y excusaba los yerros enormes que de su falta se originan.” (LITERATURA, 1734, v. 4).

No início do século XIX, o conceito de literatura vai lentamente se desenvolvendo e abrangendo novos valores, em um movimento que se difunde por todo o continente europeu. Apesar da coexistência de significados no final do século XVIII e início do XIX, em *História da Poesia e Eloquência*, Bouterwek se apropria da palavra, associando-a com uma produção de caráter nacional, o que é verificado no índice: “Cultivo Precoce da Prosa Histórica na Literatura Portuguesa”<sup>65</sup> e em “Completo Declínio da Literatura Portuguesa nos fins do século dezessete”<sup>66</sup>.

O próprio título dado por Bouterwek a sua coletânea de textos também nos é de grande interesse, por um motivo muito particular: enquanto a tradução fidedigna do alemão para o português resulta em *História da Poesia e Eloquência*, percebemos que as demais optaram por uma forma mais livre, ao adotarem a palavra *literatura* nos títulos de publicação: como na inglesa *History of the Spanish and Portuguese Literature* (1823) e em francês *L'histoire de la Littérature Espagnole* (1812). A escolha de palavras, por mais trivial que seja, se torna objeto de reflexão, uma vez que, durante os anos em que o escritor alemão se dedicou à composição de sua obra, o termo acima ainda não possuía a concepção que conhecemos hoje.

Embora possa parecer infrutífera a análise de seu desenvolvimento semântico, ao associar *literatura* com a reunião de obras de uma nação, começa-se a traçar as fronteiras culturais entre um país e outro, e assim, as produções escritas transformam-se em instrumento de formação da identidade nacional. Em outras palavras,

Forjando especificidades culturais capazes de alicerçar a ideia de pertencimento a um grupo específico, distinto dos demais, defendeu-se a importância da literatura como fundamento ideológico da nacionalidade enquanto se concebiam estratégias para que o contato com esses escritos fosse garantia de distinção social. (ABREU, 2003, p. 47).

Bouterwek, ao discorrer sobre as literaturas europeias, indiretamente contribuiu para uma nova organização política, em que foi necessária a afirmação cultural de cada Estado e que se intensificou, no início dos oitocentos, com as pressões externas oriundas das Guerras Napoleônicas, frente à ameaça de invasão pelas tropas francesas. A recepção de sua obra, pelos eruditos dos países estudados, resultou em grandes reflexões acerca da atual

---

<sup>65</sup> Em alemão, “Erste Cultur der historischen Prose in der portugiesischen Litteratur” (BOUTERWEK, 1805, p. IX).

<sup>66</sup> Em alemão, “Gänzlicher Verfall der portugiesischen Litteratur gegen das Ende des Siebzehnten Jahrhunderts.” (BOUTERWEK, 1805, p. XIII).

situação cultural e intelectual vigente, estimulando a busca pela construção e delimitação das fronteiras físicas e culturais.

Por conseguinte, o lançamento dos vários volumes de *A História da Poesia e Eloquência* serviu a dois propósitos principais, ainda que distintos, indissociáveis: aquele intelectual, por fornecer material inédito de consulta para os eruditos estrangeiros; e o político, ao mobilizar a intelectualidade a pensar a respeito do caráter identitário da nação e do povo que a representa, através de elementos culturais determinantes, tais como a produção literária.

#### **1.4 – A Natureza das Traduções e Recepção Lusitana.**

Quanto à parte relativa à literatura portuguesa, supostamente, Bouterwek não pretendia fazer dela um volume completo; de acordo com Thomasina Ross, sua intenção original era a de “incluir o que ele tinha a dizer sobre a literatura portuguesa num breve resumo, o qual deveria formar um suplemento para o volume [espanhol] precedente; [...]”<sup>67</sup> (ROSS, 1823, v. 2, p. 5, tradução nossa). Bouterwek, no prefácio escrito na edição alemã de 1804, atesta que a tarefa de dissertar sobre a literatura portuguesa foi muito mais complicada, em comparação com sua vizinha, Espanha, graças à carência de livros que oferecessem suporte crítico, restando a seu apelo somente os poucos livros de escritores portugueses presentes na universidade em que atuava. Em suas palavras, por não haver um “historiador da literatura portuguesa” em seu país, que “pudesse preencher essa lacuna”,<sup>68</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 10, tradução nossa) é que ele aceitou a tarefa de escrever acerca de uma literatura, cujo acervo crítico estava defasado:

Até que se encontre um conhecedor e amigo desta literatura que possa expor sua história pormenorizadamente e em toda sua amplitude, o presente volume, que não pôde resultar extenso, mas que deve conter um bom punhado de exemplos, pode ocupar, nesta história geral da poesia e

---

<sup>67</sup> Em inglês, “M. Bouterwek originally intended to comprise what he had to say, on Portuguese’ literature, in a brief sketch, which was to form a supplement to the preceding volume; but the assistance of his literary friend enabled him to make the present volume a suitable companion to his history sister literature of the Peninsula.” (ROSS, 1823, v. 2, p. 5).

<sup>68</sup> Em espanhol, “[...] un historiador de la literatura portuguesa que pueda colmar esa laguna”. (BOUTERWEK, 2002, p. 10).

eloquência modernas, o posto de uma obra histórica mais satisfatória.<sup>69</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 10, tradução nossa).

Independente de suas despretensões, a edição dessa obra crítica sobre a literatura portuguesa veio sanar um vazio na intelectualidade lusitana que, nesses primeiros anos do século XIX, sofrera intensamente os efeitos das Guerras Napoleônicas, fato que se sobrepôs à produção da crítica literária. A impossibilidade de expressão dentro do próprio país fora um dos grandes obstáculos para muitos escritores de Portugal, quando, ao tentarem esquivar-se da situação, optavam pelo exílio:

A invasão napoleônica de 1807, obrigando o transplante da Corte para o Rio de Janeiro, havia traumatizado a coletividade, reduzindo a nação a uma ruína, à espera de oportunidade para se libertar da tutela francesa. Assim, sob a brutalidade da ocupação militar, e, depois de vencida a França, sob o peso da luta entre cartistas e absolutistas, a intelectualidade portuguesa viveu um período verdadeiramente crucial. Algumas de suas maiores figuras, como Almeida Garrett, foram residir no estrangeiro, exilados compulsórios ou voluntários, por não poderem exprimir-se livremente em sua própria terra. (CÉSAR, 1968b, p. 13-14).

Esse abalo político em Portugal e suas implicações na imprensa são alguns dos motivos plausíveis que explicam a inexpressividade dessa história literária e a falta de traduções para o português, em comparação com as francesas e espanholas. A primeira tradução reconhecida de Bouterwek, *L'histoire de la Littérature Espagnole*, foi editada em Paris pelas mãos de Jean Muller, de 1812, e dividida em dois tomos. Graças à divulgação em francês, o livro e o grande feito de Bouterwek se popularizaram pela Europa, impulsionados pelo amplo domínio do idioma entre os leitores.

Com efeito, essa tradução foi a grande responsável pela validação internacional de seu trabalho, simplesmente por ter sido publicada e editada em Paris, fato que, por si só, já garantia lugar de destaque da obra e de seu autor no mercado cultural europeu do século XIX. Sobre o poder e o prestígio de Paris como a capital mundial das letras, a escritora Pascale Casanova mostra que isso se deve primordialmente à irrupção da Revolução Francesa que

---

<sup>69</sup> Em espanhol, “Hasta tanto no se encuentre a un conecedor y amigo de esta literatura que pueda exponer su historia pormenorizadamente y en toda su amplitud, el presente volumen, que no puede resultar extenso pero debe contener un buen puñado de ejemplos, puede ocupar, en esta historia general de la poesía y la elocuencia modernas, el puesto de una obra histórica más satisfactoria.” (BOUTERWEK, 2002, p. 10).

promoveu a associação da liberdade política ao campo artístico<sup>70</sup>. Sua história política reivindica um local de referência para Paris, que se tornou o centro de convergência das belas letras, e que Casanova caracteriza como a República Mundial das Letras, onde “as leis comuns dos Estados” são postas de lado para dar espaço aos “imperativos [...] da arte e da literatura.” (CASANOVA, 2002, p. 47).

Com a legitimação francesa, o lançamento dessa obra teve grandes repercussões pelos países cujas literaturas foram discutidas por Bouterwek. Na Itália, como bem aponta Guilhermino César, houve uma grande discussão em torno da *História da Poesia e Eloquência Italiana*, e mediante esse ganho de influência por Bouterwek, predecessor de Simonde de Sismondi e de Tiraboschi (outros grandes historiadores da literatura italiana), foi preparado “o berço do moderno liberalismo italiano, ao qual não seriam estranhas as ideias iluministas do grupo germânico a que pertencera Bouterwek.” (CÉSAR, 1968b, p. 11). Apesar de César não ter desenvolvido a extensão dessa polêmica em volta das ideias do escritor alemão, ele esclarece que o palco dos debates foi a revista milanesa *Il Conciliatore*, onde se disseminou a “propaganda do Romantismo”, a qual contou com um grupo de literatos bastante ativo, “formado em torno de Manzoni” (CÉSAR, 1968b, p. 11), o escritor de *I Promessi Sposi*, livro fundador do romantismo na Itália.

O impacto da fama recém-adquirida por Bouterwek é sentido também na Inglaterra, onde, onze anos após a publicação francesa, surge no mercado uma edição em inglês, *History of Spanish and Portuguese Literature*, traduzida por Thomasina Ross, pela casa Boosey and Sons, em 1823. É curioso notar que, nas versões francesa e inglesa, a tradução do título não é equivalente ao original, nas quais *poesia e eloquência* foram substituídas por *literatura*. Como já comentamos anteriormente, essa mudança é explicada pela evolução do conceito do termo literatura que, poucos anos após o lançamento em 1804, já havia sido modificado e não mais se referia a conhecimentos ou erudição, mas sim ao conjunto de obras de uma determinada nação e época. Essa tendência se repetiu inclusive no caso espanhol de 1829, o que se configura como um reflexo da grande liberdade que os editores conferiam aos tradutores no exercício de sua função.

Neste momento, é conveniente lembrar-se dos trabalhos de que Thomasina Ross, a tradutora de Friedrich Bouterwek, se ocupou, além do livro em questão, e apontar algumas modificações feitas em comparação com o texto original. Em busca pela British Library,

---

<sup>70</sup> “Tudo ocorre como se a cidade da literatura conseguisse converter literariamente acontecimentos que marcam época no universo político, reforçando ainda mais, por essa metamorfose, a crença e a capital parisienses.” (CASANOVA, 2002, p. 43).

descobrimos que Ross foi responsável pela tradução de outros autores alemães, tais como Alexander von Humboldt e de Johann Jakob von Tschudi. Ademais, teve experiência em traduzir obras do espanhol, com destaque para *El Buscapié*, por Miguel de Cervantes. A familiarização com a língua espanhola pode ter facilitado sua tarefa na versão dos dois tomos sobre as literaturas ibéricas, de Bouterwek<sup>71</sup>, assegurando parcialmente a propriedade de Ross, cujo papel foi primordial para a intelectualidade portuguesa. Os editores encarregados<sup>72</sup> da *História da Poesia e Eloquência*, de 1823, comentam sobre a tradução do alemão para o inglês, realizada por Ross:

Impressionada com a opinião favorável sobre a obra, a tradutora se empenhou em oferecer uma representação verdadeira de seu conteúdo. Ao empreender essa tradução, seu desejo era preservar o caráter do original, o máximo possível, sob as vestimentas do inglês. Ela começou essa tarefa com uma antecipação de sua dificuldade, e a termina com a consciência de que seus trabalhos permanecem na necessidade de indulgência; mas, ao mesmo tempo, com a esperança de que não falhou completamente no objetivo que tinha em vista.<sup>73</sup> (PREFACE, 1823, v. 1, p. 9, tradução nossa).

Além da mudança de título, é notável que outras alterações foram feitas no livro: um exemplo é a inclusão dos tópicos presentes no índice como divisores do texto. No original, essa divisão ocorria somente em certas situações, seja no início de um novo livro e capítulo; na apresentação de um escritor importante, como Sá de Miranda, Gil Vicente e Camões; ou em tópicos essenciais ao assunto do livro, como nas três situações: “História da escola clássica de Sá de Miranda e Antônio Ferreira”, “História da eloquência portuguesa durante o século dezesseis”, e “Conclusão da história da poesia e eloquência portuguesa.”<sup>74</sup>

A edição inglesa é um caso peculiar, pois, a critério da tradutora, unem-se, em um só título, as histórias literárias de Portugal e Espanha, separadas em dois volumes. Nesse caso em particular, devemos ressaltar que a editora responsável por essa versão contribuiu para que

---

<sup>71</sup> Assim como informa a British Library, a partir de uma busca no catálogo principal pelo nome de Thomasina Ross. Existem oito entradas, todas datadas da primeira metade do século XIX. (THOMASINA ROSS).

<sup>72</sup> Os nomes dos editores e autores deste prefácio são desconhecidos, pois não há referência alguma a esse dado nos dois volumes publicados pela editora Boosey and Sons.

<sup>73</sup> Em inglês, “Impressed with this favourable opinion of the work, the translator has endeavoured to give a true representation of its contents. In undertaking the translation, her wish was to preserve the character of the original, as far as possible, under an English dress. She began the task with an anticipation of its difficulty, and she ends it with a consciousness of the indulgence of which her labours stand in need; but at the same time with the hope that she will not be found to have altogether failed in the object she had in view.” (PREFACE, 1823, v. 1, p. 9).

<sup>74</sup> Respectivamente, em alemão, “Geschichte der classischen Schule des Saa de Miranda und des Antonio Ferreira”, “Geschichte der portugiesischen Beredsamkeit während des sechzehnten Jahrhunderts”, “Beschluß der Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit”.

a recepção da história literária de Espanha e Portugal fosse feita sob uma perspectiva instrucional e educativa entre os leitores desses volumes, fato explicado por sua história e pela fatia de mercado visado: fundada por John Boosey, em meados da década de 1760, a editora londrina Boosey and Sons começara seus negócios como uma simples biblioteca circulante, uma das muitas que despontaram no cenário inglês no final do século XVIII. Ao passar os negócios de pai para filho, Thomas Boosey decidiu ampliar o acervo de sua biblioteca, fazendo diversas viagens ao continente europeu em busca de novos exemplares, entre clássicos e contemporâneos, para a composição dos catálogos. (BOOSEY, 1966, p. 2). Para muitos desses títulos, T. Boosey conseguiu os direitos autorais de publicação na Inglaterra e passou a imprimir novas edições, nem sempre traduzidas para o inglês. Além de livros escolares, literatura e obras científicas, a biblioteca oferecia a seus assinantes as “melhores publicações periódicas” sugeridas por seus correspondentes internacionais. (BOOSEY AND SONS, 1823, p. 4).

Foi sob essa segunda gestão que Boosey and Sons estabeleceu o seu diferencial entre as demais bibliotecas circulantes em Londres: seus editores propunham dedicarem-se com exclusividade à publicação e à disponibilização de obras em língua estrangeira. Este emblema, pelo qual ficou conhecida, está estampado no prospecto impresso em 1823, no qual suas expectativas de sucesso no seguimento de uma nova franquia foram expostas aos leitores:

Por muito tempo tem sido um objeto de surpresa e arrependimento entre estrangeiros, e entre nossos próprios conterrâneos familiarizados com sua literatura, que nenhum estabelecimento pela circulação de livros em LÍNGUAS ESTRANGEIRAS tenha sido fundado neste país. Se esta opinião prevalecia durante a última guerra, o quanto não deve ter ganhado espaço graças ao gradual aumento no número de admiradores que a literatura estrangeira tem alcançado ultimamente neste país.

Em vista de suprir este *desideratum* na Literatura, Boosey and Sons (*depois de uma experiência de trinta anos como vendedores de livros estrangeiros e ingleses*) foram induzidos pelos apelos de muitos de seus amigos, que lhes prometeram apoio e patrocínio, a empreenderem o estabelecimento de uma Biblioteca Circulante de livros estrangeiros APENAS, em escala extensiva.<sup>75</sup> (BOOSEY AND SONS, 1823, p.3, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>75</sup> Em inglês, "It has long been a subject of surprise and regret with Foreigners, and with those of our own countryman acquainted with their Literature, that no establishment for the circulation of Books in the FOREIGN LANGUAGES, should have been formed in this country. If this opinion was prevalent during the late war, how must it have gained ground lately, owing to the gradual increase which, since that period, Foreign Literature has been making in the number of its votaries in this country. With the view of supplying the *desideratum* in Literature, Boosey and Sons, (*after an experience of thirty years as Foreign and English Booksellers,*) have been induced, at the particular request of many of their Friends, who have promised them their support and patronage,

Como atestado, havia um grande interesse em obras estrangeiras por parte dos leitores e assinantes da Boosey and Sons. Essa inovadora iniciativa da editora rendeu-lhe um filão no mercado que não estava sendo suprido, embora houvesse demanda.<sup>76</sup> Ainda que parte de seu catálogo fosse destinada aos romances e *best-sellers* europeus, outra parcela era preenchida por livros instrucionais e educativos, como os de gramática, dicionários e coletâneas poéticas. Nesse mesmo gênero, enquadra-se a *History of Spanish and Portuguese Literature*, cuja leitura era voltada a esse público inglês que pouco conhecia sobre a cultura e literatura ibéricas, e que, pela primeira vez, teve acesso a uma coletânea dos autores de maior renome.

Acima de tudo, a grande motivação para essa tradução se fundamentou nos interesses comerciais entre Inglaterra e Portugal, uma vez que, devido ao intenso intercâmbio firmado no século XIX, os negociantes ingleses foram forçados a se integrarem mais ao idioma e à cultura portugueses, de modo a assegurar as vendas. Um adendo de Thomasina Ross, no prefácio dessa edição, nos mostra que, comparativamente falando, a familiarização dos leitores com a literatura portuguesa era menor do que a espanhola:

Na Inglaterra, interesses comerciais induziram muitas pessoas a se familiarizarem com a língua de Portugal, mas a literatura desse país foi até então estudada por poucos. Com a exceção de Camões, mesmo os nomes dos principais autores portugueses são pouco conhecidos por nós. A grande inovação deste assunto é, portanto, uma vantagem que este segundo volume possui sobre o primeiro.<sup>77</sup> (ROSS, 1823, v. 2, p. 6, tradução nossa).

Foi por meio dessa mesma edição que os portugueses mais interessados tiveram de se apoiar para entrar em contato com a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, devido à ausência de versões para o português. Somado a isso, a falta de reedições no alemão

---

to undertake the establishment of a Circulating Library for Foreign Books ONLY, upon an extensive scale." (BOOSEY AND SONS, 1823, p. 3).

<sup>76</sup> Segundo Franco Moretti, em seu livro *Atlas do Romance Europeu* (MORETTI, 2003), a Inglaterra, durante o século XIX, havia se fechado às importações de obras estrangeiras, em especial às produções francesas, por dois motivos principais: primeiro, a produção interna inglesa foi responsável por um número abundante de livros, cuja excelente qualidade supria as necessidades nacionais; segundo, porque os ingleses - notadamente - não quiseram se subjugar ao poder da centralidade cultural oferecida pela França, ou melhor, por Paris. Assim sendo, seu isolamento geográfico transformou-se em seu isolamento cultural frente aos demais países europeus: como afirma Moretti, a Inglaterra "se torna" de fato uma ilha. Contudo, sabe-se que esse isolamento não foi absoluto, tendo em vista iniciativas como a de Boosey and Sons, que se propuseram a atender o mercado e trazer para a Inglaterra livros estrangeiros e em língua estrangeira.

<sup>77</sup> Em inglês, "In England commercial interests may have induced many persons to make themselves acquainted with the language of Portugal, but the literature of that country has hitherto been studied by few. With the exception of Camoens, even the names of the principal Portuguese authors are scarcely known to us. The greater novelty of the subject is therefore an advantage which this second volume possesses over the first." (ROSS, 1823, v. 2, p. 6).

desse importante livro para a intelectualidade lusitana configura uma situação ainda mais delicada pela inacessibilidade do conteúdo, tendo em vista a grande carência crítico-bibliográfica deste país que, antes de Bouterwek, contou com a obra bibliográfica do espanhol Nicolau António (1696), precedida pela já comentada *Biblioteca Lusitana* (1741-1759), de Diogo Barbosa Machado:

Em Portugal, porém, o livro não chegou a merecer essa honra [de ser traduzido]. Seus estudos tiveram de contentar-se, antes do aparecimento do *Bosquejo* de Garrett, com a *Biblioteca Lusitana* (1741 – 1759) de Barbosa Machado. De resto, mostrara-se este muito mais seguro do que Bouterwek, embora carente de visão crítica. E, além disso, o erudito alemão fora muito lacônico a respeito de autores fundamentais. Por essas razões, ou por outras que não saberíamos dizer, o certo é que ninguém se interessou por apresentá-lo em vernáculo. (CÉSAR, 1968b, p. 7).

Embora tenha sido um período em que a intelectualidade portuguesa sofria oprimida pelas casualidades políticas, foi durante o exílio que muito provavelmente Almeida Garrett entrou em contato, pela primeira vez, com o texto em inglês. Como sabemos, foi no ano de 1823 que Garrett se exilou na Inglaterra, e logo em 1826 publica o seu *Bosquejo*, no qual insinua ter lido o texto de Bouterwek, tornando-se o primeiro português a reconhecer, mesmo que com certo desprezo romântico-nacionalista, os esforços do alemão na composição de um estudo crítico sobre a literatura lusitana. No entanto, suas deliberações a respeito dessa obra inaugural serão tratadas com maior atenção no capítulo 3. Nesse momento, basta saber que sua opinião não foi nada favorável; efetivamente, ele desmerece o surgimento da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* pela superficialidade e inexatidão no tratamento da literatura. Talvez seja por esse impacto negativo inicial, vindo de um dos autores românticos mais ativos de seu tempo, que não houve mobilização por uma versão em português.

Bouterwek só se tornou um grande nome para as literaturas ibéricas após a tradução do terceiro volume para o espanhol, motivada principalmente pela edição francesa. Impulsionada por aquele trabalho, a obra se legitima como a primeira produção importante na construção de histórias literárias da península Ibérica, pois, até então, seu reconhecimento nos demais países europeus é fruto justamente daquela curiosidade pelo exotismo, comumente associado à cultura ibérica, desconhecida e pouco estudada.

No prefácio à *Historia de la Literatura Española*, de 1829, os tradutores Gomez de la Cortina e D. Nicolás Hugalde y Mollinedo demonstram verdadeira admiração pela

iniciativa do crítico alemão, apesar de se mostrarem bastante envergonhados por este estudo, amplamente divulgado pela Europa, ter sido vertido ao espanhol 25 anos depois.

Em certa medida, Cortina e Mollinedo foram participantes e coautores nessa obra ao adicionarem inúmeras notas complementares à edição original. Em seu parecer, Bouterwek omitiu muitas informações importantes da literatura nacional, pois, como julgavam, houve “escassez de dados e notícias sobre certas matérias”<sup>78</sup> e, por isso, viram-se incumbidos de acrescentar comentários aos assuntos e autores que julgavam relevantes, mas que foram tratados com brevidade:

Mas é preciso que confessemos que, embora o autor trate de nossa poesia com alguma extensão, deixa em todo o resto um vazio que nos foi preciso preencher, pois fala tão ligeiramente da maior parte de nossos historiadores, oradores e de alguns ramos pertencentes à literatura que, ao não suprir esse defeito, nós seríamos incluídos, com razão, no número de tradutores rotineiros e vulgares. Talvez alguns pormenores, que seriam indiferentes fora da Espanha, serão necessários para o interesse dos espanhóis.<sup>79</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 3, tradução nossa).

Curiosamente, ambos os tradutores, ao proporem suprir essa carência, estavam fazendo a propaganda do próprio dicionário biográfico, *Diccionario Biográfico de Españoles Célebres*, o qual redigiam no momento dessa tradução. Porém, de modo algum, eles criticaram a obra do escritor alemão; em verdade, elogiavam-na efusivamente:

[...] em quase tudo quanto diz são tão exatas suas citações, tão atinadas suas reflexões e tão judiciosa sua crítica que nos deixou muito pouco o que fazer, e sim muito que admirar em um estrangeiro, em cuja nação, os costumes, o gosto e a linguagem diferem tão essencialmente dos nossos.<sup>80</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 3-4, tradução nossa).

Nos casos espanhol e português, as traduções da *História da Poesia e Eloquência* foram confeccionadas graças, essencialmente, à redescoberta cultural da península Ibérica,

<sup>78</sup> Em espanhol, “[...] escasez de datos y noticias sobre ciertas materias [...]” (BOUTERWEK, 2002, p. 3).

<sup>79</sup> Em espanhol, “Pero es preciso confesemos que, aunque el autor trata de nuestra poesía con alguna extensión, deja en todo lo demás un vacío que nos ha sido preciso llenar, pues habla tan ligeramente de la mayor parte de nuestros historiadores, oradores y de algunos ramos pertenecientes a la literatura que, de no suplir este defecto, se nos incluiría, con razón, en el número de traductores rutineros y adocenados. Tal vez algunos pormenores, que serían indiferentes fuera de España, no podrán menos de interesar a los españoles.” (BOUTERWEK, 2002, p. 3).

<sup>80</sup> Em espanhol, “[...] en casi todo cuanto dice son tan exactas sus citas, tan atinadas sus reflexiones y tan juiciosa su crítica que muy poco nos ha dejado que hacer y sí mucho que admirar en un extranjero, en cuya nación las costumbres, el gusto y el lenguaje difieren tan esencialmente de los nuestros”. (BOUTERWEK, 2002, p. 3-4).

desfazendo antigas concepções que a associava às trevas da Inquisição, mas também devido ao forte interesse comercial travado entre Portugal e Inglaterra, onde foi publicada a única tradução existente sobre a literatura portuguesa. A valorização da escrita e, por conseguinte, da língua de cada nação, imbui a *História da Poesia e Eloquência* de um propósito maior, em comparação com a proposta inicial de Diderot para as enciclopédias: além de servir à divulgação da arte, a organização cronológico-histórica proposta para a *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*, com ênfase na terceira seção incumbida a Bouterwek, mudou a forma de se estudar os representantes das literaturas, passando de uma leitura bibliográfica e desordenada, a uma orientação que contextualiza a produção escrita ao momento histórico em que se insere.

A partir desses volumes, muitos eruditos começaram a repensar o *corpus* definido por Bouterwek, elaborando novas histórias literárias que começariam a delimitar os nomes que compõem o cânone de cada idioma. E, ainda que este não seja o propósito principal, a reflexão proposta pela *História da Poesia e Eloquência* tangeu, superficialmente, o início das discussões acerca da formação dos Estados Nacionais europeus, uma vez que, nesse processo, o elogio à língua e a redescoberta de uma cultura popular foram as bases que estruturaram a criação do sentido ideológico de nação.

## CAPÍTULO 2

### ANÁLISE DA OBRA E DO MÉTODO

Um dos grandes problemas para os pesquisadores de histórias literárias é encontrar estudos que, de fato, abordem minuciosamente a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, de Friedrich Bouterwek. Na maioria das vezes, encontram-se textos pequenos restritos a análises genéricas sobre o escritor e sua importância frente aos estudos literários, com a exceção dos livros de Carmen Zink Bolognini, *História da Literatura, o discurso fundador* (2003), e de Guilhermino César, *Bouterwek, os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit* (1968b). Afora estes dois exemplares, os leitores e estudiosos de Bouterwek tiveram de se contentar com considerações simples sobre sua obra e vida, sem desbravarem a leitura completa de seus volumes, os quais permanecem ainda pouco explorados e comentados. Esse capítulo busca minuciar os recursos e os temas selecionados pelo professor alemão, mediante o estudo da tradução inglesa, de 1823, referente ao quarto volume, *History of the Portuguese Literature*.

A princípio, expõe-se descritivamente, de acordo com o desenvolver do livro, a estruturação do texto e a proposta de seu método, traçando comparações com as obras que, antes, serviam de apoio aos estudiosos portugueses. Dentre os títulos elegidos, escolhemos os mais recorrentes nas notas de rodapé, como a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado; *A Fênix Renascida*, de Matias Pereira da Silva; *Europa Portuguesa* e o artigo “Vida del Poeta”, em *Os Lusíadas de Luís de Camões*, ambos por Manuel de Faria e Sousa.<sup>81</sup> Todos foram fundamentais na criação dessa história literária e, por este motivo, propõe-se a análise do material bibliográfico utilizado pelo escritor. Em segundo lugar, será contemplado o papel de Friedrich Bouterwek como crítico na definição ainda prematura do cânone português, verificando a seleção do *corpus* estabelecido. Desse modo é necessário relatar quais os autores incluídos e suas contribuições literárias, as quais não são todas motivadas exclusivamente pela excelência na escrita, mas também pelo renome entre o público. Assim sendo, seu objetivo, como veremos no decorrer deste capítulo, não era eleger um cânone português, até porque a própria definição da palavra cânone implica em listar as produções

---

<sup>81</sup> Nesta dissertação, foram selecionadas edições que possuíam a mesma data de publicação dos livros registrados pela biblioteca da universidade de Göttingen, de modo a identificar precisamente a localização das informações coletadas por Bouterwek.

literárias consagradas (ALEXANDER, 2010, p. 124), nesse caso, da literatura em língua portuguesa. O que o professor de Göttingen se propõe a fazer é oferecer uma seleção daqueles que se destacaram em cada época e representaram os gostos em voga, *nem sempre* em conformidade com seus padrões de qualidade poética e retórica.

## 2.1 – Os Propósitos de Bouterwek e o Espírito dos Povos.

Após a exposição feita no primeiro capítulo sobre o projeto enciclopédico de Eichhorn, no qual foram descritas sua composição e a parcela específica do trabalho incumbida a Bouterwek, é necessário agora que se entendam as motivações e os propósitos que o próprio escritor deu às suas histórias literárias. Grande parte das expectativas para os volumes está presente no prefácio à edição espanhola (1804), permeada por comentários feitos à literatura portuguesa. Durante a leitura deste texto, julgou-se pertinente destacar quais eram, segundo a opinião do crítico, a importância e a contribuição literária desses dois volumes para os autores alemães, que conseguissem depreender estilos e temas ilustrados nos exemplos ibéricos.

Desde o início do prefácio ao terceiro volume (1804)<sup>82</sup>, o crítico estabeleceu um propósito bem delimitado para este trabalho: a partir de uma visão centralizada no ponto de vista nacional, a princípio, Bouterwek intuía fornecer, somente aos alemães, uma fonte de inspiração literária, que fomentasse a literatura e os escritores de seu próprio país. No texto em discussão, aparentemente não houve vislumbre de uma possível contribuição à cultura contemplada em cada volume por ele redigido<sup>83</sup>. Sua prioridade foi oferecer a seus conterrâneos exemplos e formas diferentes das nacionais, no que concerne à poética e à eloquência, por meio da exposição das características do espírito espanhol e português. Para esse fim, adverte ser primordial a existência de certa sensibilidade dos alemães, de modo que os “sons do sul” pudessem contornar o “lado triste” característico desses últimos; assim demonstra no prefácio à edição original, de 1804<sup>84</sup>:

---

<sup>82</sup> In BOUTERWEK, 2002.

<sup>83</sup> A despeito disso, seus livros influenciaram *a posteriori* as literaturas estudadas, provocando debates em torno do *corpus* por ele confeccionado e questionamentos sobre os elementos que distinguem as características do espírito de cada nação.

<sup>84</sup> Gustav Struck faz o mesmo comentário, quando analisa as intenções do escritor depositadas nesse projeto: “Ele também espera que os ‘belos tons do sul’ pudessem avivar o espírito alemão a uma nova autoatividade. ‘Alma alemã e fantasia espanhola em vigorosa união, o que elas não poderiam trazer!’ A poesia espanhola se

Entretanto, pensaria não ter escrito em vão estes livros históricos, se eles contribuíssem para que a literatura espanhola e portuguesa sejam apreciadas entre nós; para despertar um profundo interesse por elas nas almas mais sensíveis; e para possibilitar que o espírito alemão se anime a novas empresas próprias, graças a estes belos sons que chegam do sul. A alma alemã e a fantasia espanhola unidas com força, de quanto seriam capazes! Aquilo que afirma o espanhol do alemão, sempre se comprazendo em sua origem: *Somos irmãos*, poderia tornar-se realidade de uma maneira completamente nova na poesia alemã. Mas, se na literatura alemã tudo se resume em traduzir do espanhol e em imitar e remedar as formas espanholas, a antiga alemanidade com certeza ostentaria novamente seu lado triste em uma figura que modificou sua forma.<sup>85</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 9, tradução nossa).

Não é insólito que Bouterwek proponha o incremento de sua literatura nacional. A busca pela inspiração literária embasada na comparação de textos entre nações é uma ideia que se propaga pelos oitocentos, tal como encontramos nos escritos de Madame de Staël e que atinge consagração em Goethe, quando desenvolve o conceito de *Weltliteratur*:

[...] outras declarações em *De l'Allemagne* (1810) mostram grande semelhança às ideias de Goethe sobre a *Weltliteratur* para justificar uma comparação. Essas ideias foram formuladas por Goethe no final da década de 20 do século XIX. [...] Para ele, *Weltliteratur* significava um estágio no desenvolvimento das literaturas nacionais, no qual elas exercem uma influência manifesta uma sobre as outras, em forma e conteúdo.<sup>86</sup> (BLANKENAGEL, 1925, p. 143, tradução nossa).

[...] ambos [Madame de Staël e Goethe] reconhecem que, para permanecer vigorosa e jovial, a literatura nacional deve ser estimulada e deve renovar

---

associam as suas estreitamente aparentadas, a poesia e a eloquência portuguesas.” (tradução nossa). Em alemão, “Er hoffte auch, daß „die schönen Töne von Süden her“ den deutschen Geist zu neuer Selbsttätigkeit beleben könnten. „Deutsches Gemüt und spanische Phantasie in kräftiger Vereinigung, was könnten die nicht hervorbringen!“ An die spanische Poesie schließt sich die ihr nahe verwandte portugiesische Poesie und Beredsamkeit. (STRUCK, 1919, p. 55).

<sup>85</sup> Em espanhol, “Pero pensaría no haber escrito en vano en lo fundamental estos libros históricos si contribuyeran a apreciar entre nosotros la literatura española y la portuguesa; a despertar hondo interés por ellas en las almas más sensibles; y a ser posible a procurar que el espíritu alemán se anime a nuevas empresas propias gracias a estos bellos sonidos que le llegan del sur. El alma alemana y la fantasía española unidas con fuerza ¡de cuánto serían capaces! Lo que afirma el español del alemán, complaciéndose siempre en su origen: Somos hermanos, podría hacerse realidad de una manera completamente nueva en la poesía alemana. Pero, si en la literatura alemana todo quedara en traducir del español y en imitar y remendar las formas españolas, la antigua alemanidad a buen seguro sólo ostentaría nuevamente su lado triste en una figura que ha modificado su forma.” (BOUTERWEK, 2002, p. 9).

<sup>86</sup> Em inglês, “The spirit of this and of other statements in *De l'Allemagne* (1810) bears close enough resemblance to Goethe's ideas on *Weltliteratur* to warrant a comparison. These ideas were formulated by Goethe in the late twenties of the nineteenth century. [...] To him *Weltliteratur* signified a stage in the development of national literatures in which they exert a manifest influence upon each other, both in form and in content.” (BLANKENAGEL, 1925, p. 143).

suas energias com fontes vitais. Se essas não estiverem presentes dentro das fronteiras nacionais, outras fontes de beleza devem ser acolhidas, mesmo que sejam de origem estrangeira.<sup>87</sup> (BLANKENAGEL, 1925, p. 143-144, tradução nossa).

Nesse intercâmbio literário entre nações, é bem evidente o destaque dado à literatura espanhola como fonte de inspiração. Notoriamente, o fato de Bouterwek ter precedido ao volume italiano com a história literária espanhola, tem muito a ver com a “voga do espanhol no panorama cultural da Alemanha”<sup>88</sup>, (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XV, tradução nossa) predominante durante os séculos XVIII e XIX. O prestígio adquirido fez da literatura espanhola um modelo a ser copiado, por seu “espírito vivaz”, bastante distinto da “tristeza e do distanciamento” alemães. Sua vizinha, a literatura portuguesa, também tinha muito a oferecer, especialmente no que concerne ao caráter romântico de sua poesia. Porém, ela nunca chegou a exercer grande influência no “desenvolvimento geral do espírito e do gosto europeus.”<sup>89</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 10, tradução nossa).

Tal associação entre os traços fundamentais de um povo com sua expressão literária foi elaborada por Johann Gottfried von Herder, no século XVIII. Em *A Ideia de História*, Robin George Collingwood elucida que Herder “[...] foi o primeiro pensador a reconhecer, de modo sistemático, que há diferenças entre diferentes espécies de homens e que a natureza humana não é uniforme e sim diversificada.”<sup>90</sup> (COLLINGWOOD, [19--], p. 151). E, apesar das implicações negativas que esta proposição possa ocasionar, ele acreditava que cada raça e cada povo tinham características diferentes entre si. Na perspectiva literária, Otto Maria Carpeaux esclarece, na sua *História Concisa da Literatura Alemã*, que Herder<sup>91</sup> aprendera de Hamann a ideia de que a “poesia é a língua materna do gênero humano.”

<sup>87</sup> Em inglês, “[...] both recognize that to remain vigorous and youthful, a national literature must be stimulated and must have its energy renewed from vital sources. If these are not to be found within the nation's borders, other sources of beauty must be welcomed even though they be of foreign origin.” (BLANKENAGEL, 1925, p. 143-144).

<sup>88</sup> Em espanhol, “[...] la boga de lo español en el panorama cultural de la Alemania [...].” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XV).

<sup>89</sup> Em espanhol, “[...] en el desarrollo general del espíritu y el gusto europeos.” (BOUTERWEK, 2002, p. 10).

<sup>90</sup> Essa teoria surge de um princípio iluminista, pois, “Os caracteres psicológicos de cada raça eram tidos como fixos e uniformes, de modo que em vez da concepção iluminista de uma natureza humana única e imutável temos agora a concepção de várias naturezas humanas imutáveis. Cada uma delas é considerada não como um produto histórico mas como um pressuposto da história. Não há ainda qualquer concepção do caráter dum povo como tendo chegado ao que é através da experiência histórica desse povo; pelo contrário, a sua experiência histórica é considerada um mero resultado do seu caráter imutável.” (COLLINGWOOD, [19--], p. 151).

<sup>91</sup> Herder também foi conhecido por ser o tradutor do *Poema del Cid*. Ademais, seus livros sobre a Filosofia da História são considerados “básicos na gênese e evolução do historicismo, do qual Herder é um dos fundadores” e que influenciou diretamente a geração a que pertencera Friedrich Bouterwek. De forma geral, foi ele o responsável por discutir as principais ideias sobre literatura, filosofia e história que estiveram em voga durante os séculos XIX e também do XX, como mostra Otto Maria Carpeaux (CARPEAUX, 2013, p. 57-58).

(CARPEAUX, 2013, p. 58). Esse aforismo deu origem ao antigo modo de se estudar as literaturas europeias, por um olhar que sempre salienta como o espírito de cada nação se reflete em sua literatura.

Diante do desaparecimento da “cultura popular tradicional” (BURKE, 2010, p. 26) no século XVIII, houve uma crescente necessidade de se resgatar canções<sup>92</sup> e contos populares na busca pelas características distintivas de cada povo. Este movimento se generalizou por toda Alemanha, dando origem aos trabalhos dos irmãos Grimm, em *Kinder- und Hausmärchen*, aos do próprio Herder, em *Volkslieder*, a *Der Wandsbecker Bote* de Matthias Claudius, às poesias populares de Gottfried August Buerger, além de muitos outros representantes.<sup>93</sup> (CARPEAUX, 2013, p. 59) Em síntese,

Essa teoria do ‘espírito do povo’ é a nova versão das ideias de Vico, precursor de Herder na fundação do historicismo. Será logicizada por Hegel, como teoria do Espírito objetivo. Produzira, ainda pelo próprio Herder, caracterizações insuperáveis das índoles diferentes das diversas nações europeias. Levarão ao nacionalismo literário e religioso e ao medievalismo dos românticos alemães. (CARPEAUX, 2013, p. 58).

A teoria do espírito dos povos se apresenta sob duas formas na *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*: na identificação dos caracteres nacionais e na inclusão de obras populares que resguardavam essa essência particular. Um primeiro exemplo encontra-se na citação abaixo, uma das muitas menções aos atributos da poesia portuguesa, cuja língua é com frequência associada à simplicidade de expressão e ao favorecimento da efusão amorosa; particularidades que, por sua vez, não poderiam ser absorvidas pelos espanhóis por não lhes serem inatas:

Os espanhóis parecem ter sempre se sentido convencidos de que eles não conseguiam alcançar a ternura romântica dos portugueses. Uma certa simplicidade e intensidade na expressão de sentimentos ternos, aos quais a linguagem de Portugal é particularmente favorável, sempre foi um dos atributos principais da poesia portuguesa, do século quinze até o tempo presente.<sup>94</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 17, tradução nossa).

<sup>92</sup> “As concepções por trás do termo ‘canção popular’ vêm expressas vigorosamente no ensaio premiado de Herder, de 1778, sobre a influência da poesia nos costumes dos povos nos tempos antigos e modernos. Seu principal argumento era que a poesia possuía outrora uma eficácia (*lebendigen Wirkung*), depois perdida.” (BURKE, 2010, p. 26-7).

<sup>93</sup> “Na Alemanha de 1770 e 1780 teria sido difícil apontar este ou aquele poeta como discípulo de Herder. Todos foram.” (CARPEAUX, 2013, p. 59).

<sup>94</sup> Em inglês, “The Spaniards seem always to have felt convinced that they could not attain the romantic tenderness of the Portuguese. A certain simplicity and intensity in the expression of tender sentiments, to which the language of Portugal is particularly favourable, has always been one of the characteristic features of Portuguese poetry, from the fifteenth century down to the present times.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 17).

Sendo a poesia uma expressão da própria língua, esta é a manifestação primeira do espírito dos povos, e é motivado nessa asserção que Friedrich Bouterwek inicia todos os volumes com comentários sobre a natureza de cada idioma, enfatizando os traços que mais os distinguem, tal como veremos adiante, na sua tentativa de precisar as diferenças essenciais entre o castelhano e o português:

O poeta não pode expressar simbolicamente, por meio de palavras, aquilo que o público não consegue entender. Como consequência, da mesma maneira que o espírito de um povo se mostra na sua língua, ele também se mostra inevitavelmente em todos os trabalhos poéticos feitos nessa língua. [...] E este jogo de representações obscuras, para o qual o poeta quer ativar o espírito de seu público, é, em grande parte, resultado do caráter nacional, da cultura nacional e da maneira geral de pensar do povo, em cuja língua ele se expressa. (BOUTERWEK, 2003, p. 98-99).

Por outro lado, ao incluir o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, ou mesmo as cantigas de Gonzalo Herminguez ou Egaz Moniz, Bouterwek está novamente entrando em concordância com a filosofia de Herder. Adotando os exemplos desses dois cavaleiros, o professor deliberadamente intui resgatar as poesias mais antigas, compostas em vernáculo e em métricas no estilo popular, como primeiros exemplares da literatura portuguesa:

Gonzalo Herminguez e Egaz Moniz não escreveram crônicas rimadas ou lendas. Eles nem mesmo compuseram nas métricas provençais. Suas efusões líricas, as quais são canções populares no sentido estrito do termo, são compostas em versos trocaicos, precisamente no estilo das conhecidas baladas espanholas e portuguesas do século quinze.<sup>95</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 6, tradução nossa).

Mas essas amostras de poesia de fundo popular não são encontradas somente no início do texto; em verdade, o elogio a elas se estende e atinge até mesmo a exposição sobre a obra de Sá de Miranda, na qual encontramos comentários tais como:

Nas séries de poemas líricos de Sá de Miranda, há muitas canções populares escritas em algumas das mais antigas formas da poesia portuguesa, que são, no entanto, dignificadas pela pureza de linguagem e precisão de expressão e versificação. Essas canções estão, principalmente, no estilo das chamadas

---

<sup>95</sup> Em inglês, “Gonzalo Herminguez and Egaz Moniz wrote no rhymed chronicles or legends. They did not even compose in the Provençal metres. Their lyric effusions, which are popular songs in the proper sense of the term, are composed in short trochaic verses, precisely in the style of the well-known Spanish and Portuguese ballads of the fifteenth centuries.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 6).

cantigas, ou motos poéticos, com variação (*voltas*), as quais são mais breves do que as *glosas* espanholas.<sup>96</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 76, tradução nossa).

Aurélio Vargas Díaz-Toledo aponta, com razão, que foi a partir da contribuição de estrangeiros como Bouterwek, Denis e Wolf (TOLEDO, 2006, p. 235) que os livros de cavalaria começaram a ser estudados propriamente, desmistificando os pressupostos antigos e moralistas, para dar relevo às composições populares e de cunho nacional. Nas palavras de Toledo,

Estes [eclesiásticos e humanistas] viam nos livros de cavalarias uma fonte de perversões morais onde os jovens – em particular as mulheres –, podiam beber e adquirir uma desenfreada fantasia que os afastaria tanto das suas verdadeiras obrigações como da sua devoção religiosa. Sem dúvida, esta suposta influência, pernicioso e daninha, foi um dos motivos pelos quais a maior parte da crítica posterior renunciou a estudar esses textos, tidos por nocivos à moral pública, atitude que, por outro lado, se refletiu na visão dada pelos manuais da literatura. (TOLEDO, 2006, p. 234).

Existiu, portanto, uma forte rejeição à inclusão de obras de cunho popular em estudos que previam a construção do *corpus* literário, nem sempre em conformidade com os modelos da Antiguidade clássica. Todavia, Bouterwek foi enfático quanto à ineficiência e ao obsoletismo dessa crítica tradicionalista debatida por Toledo e censurou o uso do latim, uma língua que não era mais capaz de representar a coletividade portuguesa, ou mesmo de qualquer nação europeia:

Se quisermos, portanto, avaliar corretamente todos os ganhos que as nações mais novas tiveram no que tange à arte da fala, deveríamos nos recordar, por ora, das relações religiosas, sociais e literárias por meio das quais os tempos mais novos, desde o renascimento da arte, se diferenciam da Antiguidade Clássica. Com a definição da maneira pela qual observaremos as características da poesia e eloquência mais novas, diminuiremos o risco de nos entregarmos a uma crítica cega e teimosa em vez de reconhecermos algo que tem verdadeiro valor. (BOUTERWEK, 2003, p. 99).

---

<sup>96</sup> Em inglês, “In the series of Saa de Miranda’s lyric poems, there are several popular songs written in some of the more ancient forms of Portuguese poetry, which are, however, dignified by purity of language and accuracy of expression and versification. These songs are chiefly of the style called cantigas, or poetic mottos, with variation (*voltas*) which are shorter than the Spanish *glossas*.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 76).

A inclusão de cantigas populares é um traço marcante do trabalho de Bouterwek e, na opinião dos editores da versão inglesa, de 1823, é com notável admiração que ressaltaram as qualidades provenientes de sua formação filosófica, a qual lhe garantiu a visualização de um panorama mais completo da literatura, tendo em vista o estudo das variantes sociais e culturais, ao examinar como o espírito de determinado povo se reflete em suas produções:

Ele não se confinou a uma mera narrativa dos progressos e a uma exemplificação das belezas e deformidades da literatura da qual ele é historiador. – O espírito filosófico que permeia sua crítica não deveria ser circunscrito em amarras tão estreitas. Ele busca, na estrutura da sociedade, nos hábitos do povo, e na influência de eventos, as causas do fenômeno intelectual que ele tem que descrever [...].<sup>97</sup> (PREFACE, 1823, v. 1, p. 8-9, tradução nossa).

Apesar de a universidade de Göttingen ter sido o centro das atividades iluministas, Carpeaux aponta que ali também floresceu o estudo sobre a cultura popular: “Em Goettingen e em outra parte os estudantes formarão clubes para o culto da poesia ossiânica (*Hainbud*). E Goethe incluirá um trecho de Ossian no *Werther*.” (CARPEAUX, 2013, p. 56). Ou seja, dois movimentos que são comumente concebidos como díspares, que foram o Iluminismo e os estudos sobre a cultura popular, se reúnem nessa obra em plena harmonia.

À luz desses fatos, concluímos que a *História da Poesia e Eloquência*, como um todo, esteve inserida em um momento de confluência de ideias e movimentos: de um lado, temos a intervenção da *Aufklärung*, que impulsionou a criação de uma Enciclopédia alemã sobre as artes e ciências, dentro do pressuposto de documentar os progressos da humanidade até então; e de outro lado, despontam os conceitos que Herder incorporou no seu livro *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade* (1774), no qual discorreu sobre a variação da natureza humana por raças e povos, apropriados por Bouterwek no âmbito literário.

---

<sup>97</sup> Em inglês, “He has not confined himself to a mere narrative of the progress and an exemplification of the beauties and deformities of the literature of which he is the historian. – The philosophic spirit which pervades his criticism was not to be circumscribed within such narrow bounds. He seeks in the structure of society, the habits of the people, and the influence of events, for the causes of the intellectual phenomena he has to describe [...].” (PREFACE, 1823, v. 1, p. 8-9).

### 2.2.1 – O Estabelecimento de Fronteiras Culturais entre Espanha e Portugal.

Antes de iniciarmos os comentários referentes ao quarto volume, é conveniente voltar à *História da Poesia e Eloquência Espanhola* e acompanhar a contextualização filológico-histórica formulada por Bouterwek, envolvendo as polêmicas linguísticas e literárias entre as duas nações ibéricas. Isso se faz necessário porque, como relatamos acima, tanto o volume espanhol quanto o português são permeados com frequência por comparações entre si. Dessa forma, a solução encontrada pelo professor alemão para delimitar com precisão o despontar de cada literatura foi através de explicações filológicas pontuais a respeito da evolução independente entre o espanhol e português e de suas diferenças fonéticas primordiais. Logo, a história das literaturas modernas, segundo Bouterwek, se inicia com a evolução linguística, sendo esta o pilar mais importante para a definição da identidade nacional.

Na introdução ao volume espanhol, “Visão geral sobre a origem da poesia e eloquência românica, nos reinos de Espanha e Portugal”<sup>98</sup>, os leitores são apresentados ao panorama histórico da conquista do território ibérico, cuja extensão continental abrange até os montes Pirineus. Retornando à ocupação dos povos árabes na península, o escritor destaca que a coexistência com povos cristãos manteve um clima de prolongada hostilidade, o qual, todavia não se estendeu para o campo das artes. Neste período, houve grande troca cultural que possibilitou a integração de personagens árabes às histórias de cavalaria e transportou cavaleiros ao ambiente desértico. Dentro dessa perspectiva de cooperação, o árabe, como língua, exerceu forte influência nas terras conquistadas ao sul, de tal forma que “[...] de mil cristãos espanhóis, raramente se encontrava um que fosse capaz de repetir as formas latinas de orações, enquanto muitos podiam se expressar em árabe com elegância retórica, e compor versos árabes.”<sup>99</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 4, tradução nossa).

Tal situação é interrompida quando os cristãos decidem repelir a infiltração dos árabes pela península, período conhecido como “Reconquista”, lá pelo fim do primeiro milênio e que, por sua vez, promoveu o crescimento da língua castelhana. Contudo, a simultânea existência de muitos dialetos não facilitou a tarefa de fortificação da língua nacional: ao mesmo tempo, estavam separados por uma pequena distância, o castelhano, o

<sup>98</sup> Em inglês, “General view of the origin of romantic poetry and eloquence, in the kingdoms of Spain and Portugal.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 3).

<sup>99</sup> Em inglês, “[...] out of a thousand Spanish Christians, scarcely one was to be found capable of repeating the latin form of prayer, while many could express themselves in Arabic with rhetorical elegance, and compose Arabic verses.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 4).

português, o catalão e a língua basca, sendo esta última de pouca influência e restrita à província de Biscaia. O castelhano, por fim, conseguiu suplantar os dialetos menores de Aragão, Catalunha, Valência e Murcia, cuja expressividade literária esvaíra-se de todo; essa proeza é explicada por Bouterwek como uma consequência do “[...] caráter vivaz e romântico desse povo, e pelo ardente espírito de orgulho nacional [...].”<sup>100</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 8, tradução nossa). Foi pela metade de 1500 que o castelhano se firmara como dialeto oficial do reino espanhol.

Para Bouterwek, há um especial interesse no estudo desta língua, a qual muito se assemelha ao italiano pela pronúncia “clara e sonora das vogais e da bela articulação das sílabas”<sup>101</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 11, tradução nossa), além de sua curiosa tendência gutural, a que ele associa à influência germânica. Em contraposição, o catalão e o português tendem a abreviar as palavras se comparados com sua origem latina, tanto em estrutura, como em pronúncia. Ademais, a língua portuguesa se caracteriza pelos peculiares sons sibilantes e nasais, incomuns entre os idiomas europeus, exceto para lusófonos e francófonos.

Durante os anos de união entre Espanha e Portugal, este último reino teria dificuldades em cultivar sua literatura, não fosse a constante afirmação nacional nesse entremeio. Um exemplo desta autoafirmação lusitana está na publicação, durante os anos de 1580 a 1640, do primeiro ensaio sobre a história da língua portuguesa, além de uma introdução a sua ortografia (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 14).<sup>102</sup> Empreendimentos como estes foram importantes, a fim de manter a independência cultural frente à espanhola, especialmente quando se considera a constante desvalorização do português como língua literária pelos últimos:

[...] os espanhóis condenam a suavidade da língua portuguesa. A elisão da letra L em um grande número de palavras em português, como em COR, PAÇO, por *color*, *palácio*, e a notável mudança do L em R, como em *branco*, *brando*, por *blanco*, *blando*, são peculiaridades da língua com as

<sup>100</sup> Em inglês, “[...] the bold romantic character of that people, and that ardent spirit of national pride [...].” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 8).

<sup>101</sup> Em inglês, “[...] its clear sonorous vowels and the beautiful articulation of its syllables [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 11).

<sup>102</sup> A obra mencionada se refere à *Origem da Língua Portuguesa* de Duarte Nunez de Leão, datada de 1606. Neste aspecto, podemos dizer que Bouterwek desconhecia a devida primeira obra do gênero, a *Grammatica da Língua Portuguesa*, publicada em 1536, por autoria de Fernão de Oliveira. Um pouco relapso de sua parte, não são contemplados nem mesmo a *Grammatica da Língua Portuguesa* (1540) de João de Barros ou o livro de Pero de Magalhães de Gândavo, *Regras que ensinam a maneira de escrever a hortoграфия da língua portuguesa com um diálogo que adiante se segue em defesa da língua portuguesa* (1574). Embora saibamos da dificuldade ao acesso às obras portuguesas, o crítico não se atentou para a existência de todas as gramáticas antecedentes a Nunez de Leão, mesmo tendo confeccionado este quarto volume sob a tutoria de um “erudito português”.

quais os estrangeiros dificilmente conseguem se reconciliar.<sup>103</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 13, tradução nossa).

Os castelhanos, de fato, mantinham constantemente a opinião de que a língua portuguesa era incapaz de dar expressão apropriada aos sentimentos heroicos; mas os portugueses contradisseram essa asserção, não meramente por palavras, mas por feitos.<sup>104</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 18, tradução nossa).

Ainda assim, a divisão conflituosa entre o galego e o antigo português, muito similares em sua estrutura, era recorrentemente acentuada nesse desmerecimento dos castelhanos: “a língua portuguesa seria menos depreciada pelos espanhóis, se ela não os remetesse ao idioma vulgar falado pelos carregadores de águas galegos em Madri.”<sup>105</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 13, tradução nossa).

Muito do que o escritor comenta, nesta primeira parcela da introdução, diz respeito à área de filologia e serve ao propósito de delimitação das produções culturais escritas, mediante a divisão por idiomas relativos às nações. É justificável que exista essa explicação detalhada da origem das línguas vulgares pela própria necessidade de expor o idioma falado pelo povo português como autoafirmação cultural. Logo, na introdução feita ao terceiro volume, Bouterwek prioriza estabelecer a diferença e a nuance de cada língua, antes de qualquer comentário sobre as produções poéticas correspondentes.

Sem embargo, finda a exposição do conflito linguístico entre galegos, portugueses e espanhóis, a atenção é dirigida para a descrição dos primeiros moldes nos quais se desenvolveram as composições ibéricas. O primeiro gênero a florescer nesta região foi a poesia romance,<sup>106</sup> composta em vernáculo. Em comparação com o provençal, a poesia do

<sup>103</sup> Em inglês, “[...] the Spaniards condemn the softness of the Portuguese tongue. The elision of the letter L in a great number of Portuguese words, as in COR, PAÇO, for *color*, *palacio*, and the remarkable change of L into R, as in *branco*, *brando*, for *blanco*, *blando*, are peculiarities of that language to which foreigners do not easily reconcile themselves.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 13).

<sup>104</sup> Em inglês, “The Castilians, indeed, constantly maintained the opinion, that the Portuguese language was incapable of giving appropriate expression to heroic sentiments; but the Portuguese contradicted this assertion, not merely by words, but by deeds.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 18). Bouterwek faz aqui uma menção clara ao poema épico de Camões, *Os Lusíadas*. Inclusive chega a citar um elogio do escritor Velasquez, espanhol, ao poeta lusitano, quebrando com esse preconceito generalizado contra a língua portuguesa.

<sup>105</sup> Em inglês, “The Portuguese language would perhaps be less depreciated by the Spaniards, if it did not remind them of the vulgar idiom spoken by the Galician water-carriers in Madrid.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 13).

<sup>106</sup> É necessário deixar aqui uma nota sobre o processo de tradução desse termo: no texto original, encontra-se *Romance*, palavra que possui duas acepções, em língua inglesa, provenientes de sua herança latina: a primeira tradução é “romance” como gênero literário; e a segunda tradução alude aos poemas em língua vulgar. O professor Rodolfo Ilari comenta sobre a origem do termo, com maior minúcia filológica: “Para denominar essa unidade linguística e cultural, emprega-se o termo *Romania*, cujo registro mais antigo está na passagem do historiador Paulo Orosio (séc. V). [...] *Romania* deriva de *romanus*, e este foi o termo a que naturalmente recorreram os povos latinizados, para distinguir-se das culturas bárbaras circunstantes [...]. Sobre *romanus*

antigo castelhano, português e galego teve caráter mais popular, ligada a uma forte tradição oral, não destinada com exclusividade à corte, mas sim a todas as classes. Esse tipo de poesia tem a peculiaridade de ser, no ponto de vista do escritor, “um espelho fiel do gênio e caráter”<sup>107</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 17, tradução nossa) desse povo e não há forma alguma que se assemelhe no idioma alemão à graça dos versos em redondilha, comuns entre as literaturas ibéricas.

Retornando à exposição das primeiras formas literárias de Espanha e Portugal, são enfatizadas a forma métrica e a divisão de estrofes, atendendo a curiosidade dos leitores pouco naturalizados com a estrutura das poesias romances. Conforme esclarece Bouterwek, existem duas possibilidades de composição dentro deste gênero: uma narrativa poética que flui descuidadamente, e uma forma lírica mais bem pensada e dividida em estrofes; ambas, porém, seguem o caráter romântico. Os versos em redondilha, aqui utilizados, sofreram modificações graças à introdução das formas árabes, ocasionando na adaptação do esquema de rimas. Neste mesmo momento, popularizaram-se os versos dactílicos e os chamados de *versos de arte maior*, provenientes da Galícia e de Portugal, os quais, graças ao pouco rigor no uso rítmico, foram caindo em desuso mediante o refinamento do gosto.

Para um povo tão romântico e galante e que, ao mesmo tempo, tanto preza sua poesia nacional, como são os espanhóis e os portugueses, nada pode ser mais aceitável do que versos desse tipo, os quais, em suas línguas, podem ser compostos no impulso do momento, e que, ao charme da simplicidade, adicionam a beleza de uma harmonia sonora.<sup>108</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 20-21, tradução nossa).

Ao fim desta introdução, Bouterwek conclui que, a despeito das disputas linguísticas entre portugueses e espanhóis, ambos cultivaram os mesmos moldes poéticos<sup>109</sup>. É perceptível um constante confronto entre a produção de ambos os países, o que é explicado

---

formou-se o advérbio *romanice*, “à maneira romana”, “segundo o costume romano”, e a expressão *romanice loqui* se fixou para indicar as falas vulgares de origem latina [...]. Do advérbio *romanice*, derivou o substantivo *romance*, que na origem se aplicava a qualquer composição escrita em uma das línguas vulgares.” (ILARI, 2008, p. 50).

<sup>107</sup> Em inglês, “[...] a faithful mirror of their genius and character.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 17).

<sup>108</sup> Em inglês, “To a people so romantic and chivalrous, and at the same time so fond of their national poetry, as the Spaniards and Portuguese, nothing could be more agreeable than verses of this sort, which, in languages such as theirs, could be composed on the spur of the occasion, and which to the charm of simplicity add the beauty of a sonorous harmony.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 20-21).

<sup>109</sup> Isso posto, Bouterwek reforça que os versos em redondilhas, por exemplo, foram comuns entre a poesia antiga dos castelhanos, dos portugueses e dos galegos. Da mesma forma, os sonetos, segundo o crítico, “eram conhecidos no oeste da Espanha e Portugal, muito antes da imitação da poesia italiana ser pensada nessas partes da península.” (tradução nossa). Em inglês, “[...] the form of the sonnet was also known in the west of Spain and Portugal long before the imitation of Italian poetry was thought of in those parts of the Peninsula.” (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 25).

pelo próprio contexto histórico-linguístico referido pelo escritor. Embora os esforços de Bouterwek estivessem voltados para uma divisão das produções escritas pertencentes à Espanha e Portugal, houve a tendência em estudar a literatura desses dois países sempre em conjunção, como se pertencessem a uma mesma cultura, a um todo ibérico indissociável. Ao reler a declaração de Thomasina Ross, na qual afirmou as intenções de Bouterwek em fazer do volume português somente um *apêndice* do espanhol, encontra-se a causa que motivou a editora Boosey and Sons a publicar conjuntamente esses dois títulos.

Em grande parte, foi o interesse comercial com Portugal que estimulou uma publicação desse gênero na Inglaterra do século XIX. Os editores ingleses previram um grande despreparo por parte dos leitores nos assuntos que tangiam a literatura espanhola e, sobretudo, a portuguesa. Com efeito, pouco se conhecia sobre as produções lusitanas; por outro lado, a Espanha foi sempre alvo de curiosidade pelo seu exotismo e pelos crescentes estudos hispanistas que se desenvolveram, com particular destaque, no atual território alemão. Neste período, em resposta a essa tendência, surgem diversas óperas que reafirmam a voga do hispanismo: a ópera bufa de Mozart, *As Bodas de Fígaro* (1786), foi a primeira nesse gênero a abordar os cenários espanhóis de Sevilha; no início do século XIX, temos outra composição baseada nas histórias de Fígaro de Beaumarchais, (1816), *O Barbeiro de Sevilha*, por Gioacchino Rossini. Já mais à frente, no século XIX, surge a ópera *Carmen*, composta pelo francês Georges Bizet em 1875, que, por sua vez, é baseada no conto *Carmen*, de Prosper Mérimée, publicado na década de 1840, também localizado em solo espanhol, na qual são descritos seus tipos sociais mais característicos.

No prefácio de 1823, os editores ingleses, ao comentarem a composição de Bouterwek, fazem clara referência ao público que julgavam atender com esses dois volumes sobre as literaturas ibéricas; sobretudo, visavam oferecer orientações gerais àqueles interessados na área, sem pretensões maiores do que esta:

Os espécimes numerosos, cuja grande porção fora selecionada de obras raras, não falham em provar serem altamente aceitáveis para os **amantes** da literatura de Espanha e Portugal. Para um **conhecimento geral e compreensivo** daquela literatura, esses textos serão abundantemente suficientes, e para **aqueles que desejam buscar seu estudo em maior detalhe**, essa seleção proporcionará a mais útil assistência.<sup>110</sup> (PREFACE, 1823, v. 1, p. 10, grifo nosso, tradução nossa).

<sup>110</sup> Em inglês, “The specimens, which are numerous, and a great portion of which are selected from a very scarce works, cannot fail to prove highly acceptable to the lovers of the literature of Spain and Portugal. For a general and comprehensive knowledge of that literature they will be found amply sufficient, and to those who wish to pursue its study more in detail, they will afford most useful assistance.” (PREFACE, 1823, v. 1, p. 10).

A tendência em se estudar as literaturas espanhola e portuguesa como complementares uma a outra teve também o suporte dos editores espanhóis que reprovaram o método crítico de Bouterwek por analisá-las de forma segmentada, sem enfatizar o mútuo compartilhamento linguístico, estético e literário com as nações vizinhas: “Quer dizer, ele atua no sentido de isolar cada língua e cada povo ou nação de sua relação com os demais povos e nações da Europa, o que significa a perda da perspectiva comparatista presente em autores como Vico, Herder e, acima de tudo, Juan Andrés.”<sup>111</sup> (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXI, tradução nossa). Segundo Carmen Valcárcel Rivera e Santiago Navarro Pastor, os já citados editores da versão espanhola de 2002, a carência de uma visão integrada das literaturas europeias é explicada pelo direcionamento romântico adotado pelas histórias literárias do século XIX, cujos traços característicos são empregados por Bouterwek em seu projeto, dentre os quais se destacam: a eleição da Idade Média como princípio das “literaturas ‘modernas’ europeias”; a divisão cronológica em períodos, baseada nos séculos, e o estudo “crítico biográfico dos principais autores e obras de cada nação, fundamentado na ideia de progresso.”<sup>112</sup> (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXII, tradução nossa).

No prefácio<sup>113</sup> feito à edição original alemã da *História da Poesia e Eloquência Espanhola*, o professor de Göttingen reconhece as perdas ocasionadas por uma análise que se propõe ser tão abrangente. Há, no começo desse texto, quase uma “advertência”, por assim dizer, aos leitores: ele diz seguir a “não tão agradável” ideia de um “pragmatismo literário”<sup>114</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 7, tradução nossa). A interpretação mais lógica para “pragmatismo literário” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXII) talvez seja a própria dificuldade em organizar todos os dados obtidos sobre as literaturas nacionais, vislumbrando desde o início, certa porcentagem de perda ou omissões de informações. Isso implica uma disciplina do historiador que, segundo ele, deve:

---

<sup>111</sup> Em espanhol, “Es decir, procede a aislar cada lengua y cada pueblo o nación de su relación con los demás pueblos y naciones de Europa, lo cual significa la pérdida de la perspectiva comparatista presente en autores como Vico, Herder y, sobre todo, Juan Andrés.” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXI).

<sup>112</sup> Em espanhol, “[...] privilegia la Edad Media como ‘origen’ de las literaturas ‘modernas’ europeas (frente a las ‘antiguas’ griega y Latina) y procede a su reconstrucción histórica tomando el siglo como principal categoría periodológica y centrándose en el análisis crítico-biográfico de los principales autores y obras de cada nación, baseado en la idea de progreso.” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXII).

<sup>113</sup> Esse prefácio não está contido na versão inglesa de 1823; no entanto, esta publicação em específico apresenta outro prefácio de autoria dos editores, que não deve ser confundido com o mencionado acima escrito por Bouterwek. A edição espanhola de 1829 também não contém esse texto, devido a Cortina e Mollinedo acharem não ser esse “mais do que uma repetição do que escreveram Velázquez e P. Sarmiento.” (RIVERA; PASTOR, 2002, p. XXVIII).

<sup>114</sup> Em espanhol, “Pero se verá sorprendido por descubrimientos no tan agradables al disponerse a emplearla siguiendo la idea de un pragmatismo literario”. (BOUTERWEK, 2002, p. 7, tradução nossa).

[...] pôr em ordem cronológica o caos de dados que tem diante de si. E quando começar a se manifestar, de maneira mais evidente, que a bela literatura dos espanhóis e portugueses exerce influência sobre as demais desde mais de quatrocentos anos, verá que, para seu objeto, tem de estudar de novo especialmente a história política e a geografia da Espanha e Portugal se quiser dar conta de forma mais ou menos satisfatória da relação destes fatos literários.<sup>115</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 7, tradução nossa).

Todavia, somos impelidos a discordar de Rivera e Pastor: não é que o escritor deixe absolutamente de mencionar o papel de outras literaturas nacionais; muito pelo contrário, são muitas as referências à grande influência da poesia italiana tanto na literatura espanhola, quanto na lusitana. Simplesmente, ele se limitou a *citar* inspirações externas, sem discorrer com maior propriedade sobre como as produções escritas de cada Estado impactaram os moldes produzidos pelos demais, evidenciando um sistema de trocas e intercâmbios literários. Em segundo lugar, o sentimento de compartilhamento cultural, reivindicado pelos editores espanhóis, não é completamente inexistente: ele se reflete nas constantes notas de rodapé, onde são expostos os comentários e reflexões de escritores estrangeiros a respeito das composições literárias contempladas na narrativa historiográfica. A despeito disso, essas associações são acréscimos complementares e não são inseridas como parte integrante do texto.

### 2.2.2 – Livro Primeiro, *Do Final do Século Treze ao Começo do Dezesesseis*.

No livro *Friedrich Bouterwek, sein leben*, Struck nos mostra que, assim como os volumes relativos à Itália e à Espanha, o livro sobre a literatura portuguesa é igualmente dividido em três partes, cada qual referente a um período histórico determinado.<sup>116</sup> (STRUCK, 1919, p. 56). O índice tem uma separação simples entre Idade Média, intervalo que abrange o final do século XIII ao começo do XVI; Renascimento, do início do século XVI ao final do

<sup>115</sup> Em espanhol, “[...] poner orden cronológico en el caos de datos que tiene ante sí. Y cuando empiece a resultarle más evidente que la bella literatura de los españoles y los portugueses ejerce un influjo sobre las demás desde hace más de cuatrocientos años, verá que para su objeto tiene que estudiar de nuevo especialmente la historia política e incluso la geografía de España y Portugal si quiere dar cuenta de forma más o menos satisfactoria de la relación de estos hechos literarios.” (BOUTERWEK, 2002, p. 7).

<sup>116</sup> “A representação da literatura nacional italiana, espanhola e portuguesa divide-se em três períodos cronológicos determinados, a francesa e inglesa em quatro e a alemã em cinco [...]” (tradução nossa). Em alemão, “Die Darstellung der italienischen, spanischen und portugiesischen Nationalliteratur zerfällt in drei, die der französischen und englischen in vier und die der deutschen in fünf chronologisch bestimmte Abschnitte [...]” (STRUCK, 1919, p. 56).

século XVII; e Atualidade, ocupando-se do final do século XVII ao final do XVIII, momento em que esta obra era forjada.

O Livro Primeiro, “Do Final do Século Treze ao Início do Século Dezesesseis”<sup>117</sup>, é reservado ao estudo da literatura medieval portuguesa, a qual, por sinal, é a parte mais breve de todo o volume. A pouca quantidade de informação é explicável por dois motivos: o primeiro, e o mais óbvio, pela dificuldade de acesso a obras antigas em língua portuguesa, principal entrave encontrado pelo crítico alemão para redigir esse texto. Em segundo lugar, notoriamente se deu mais importância aos textos modernos, do que às origens da poesia e eloquência das nações, ainda que a vertente romântica de história literária tenha sido responsável por resgatar o embrião da poesia moderna na Idade Média.

No primeiro tópico, “A Ascensão da Poesia Portuguesa”<sup>118</sup>, Bouterwek inicia seu discurso com a exposição de uma polêmica entre as produções ibéricas: a questão da língua e da dificuldade em se estabelecer aquilo que era, na prática, considerado como produção portuguesa ou espanhola. O caminho encontrado foi o da exposição filológica do assunto que, por sua vez, fora minuciosamente detalhada na introdução ao terceiro volume, e novamente repetida no primeiro tópico, realçando as políticas que fortaleceram o surgimento de uma poesia lusitana desde muito cedo no período medieval. Em síntese, a poesia portuguesa tem origens antigas e é reconhecida por seu pioneirismo frente à espanhola e, a despeito das muitas desventuras políticas ocorridas em Portugal, ela conseguiu se manter intacta à crescente grandiosidade do castelhano como língua literária, diferentemente do que acontecera com o galego, que fora “completamente absorvido e perdido”<sup>119</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2, tradução nossa) pelo anterior.

A preocupação em se tratar das questões mais pungentes e problemáticas sobre política e barreiras culturais é sinal do zelo em atender um público amplo: do leitor familiarizado com a situação ibérica ao mais distanciado. Há grande sensibilidade da parte de Bouterwek, como crítico e estudioso de filologia, em reconhecer a sutileza das nuances entre duas línguas, colocando em cheque o “pressuposto” olhar absolutamente imparcial e distante do estrangeiro:

Ainda assim, entretanto, para aquele que é capaz de sentir as mais delicadas relações do belo na natureza e na arte, deve ser um prazer sempre crescente

<sup>117</sup> Em inglês, “From the End of the Thirteenth to the Commencement of the Sixteenth Century”.

<sup>118</sup> Em inglês, “Rise of Portuguese Poetry”.

<sup>119</sup> Em inglês, “[...] completely absorbed and lost in the Castilian [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2).

ouvir a mesma melodia executada em dois similares, porém diferentes, instrumentos.<sup>120</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2, tradução nossa).

Os cuidados com os leitores se estendem, do mesmo modo, para a ambientação histórica do período medieval, analisada conjuntamente às produções literárias. É marca de esta narrativa historiográfica seguir um rigor na organização temporal dos eventos, responsáveis por separar as eras literárias relativas a cada livro ou capítulo, evidenciando os processos políticos e culturais que provavelmente as tenham influenciado. Por exemplo, através dos eventos históricos é demonstrado o porquê de a literatura portuguesa sair à frente da castelhana: segundo o escritor, em consequência das guerras com os povos árabes, os espanhóis não foram capazes de expandir as riquezas nacionais; em contrapartida, o desenvolvimento da indústria civil em Portugal elevou o bem-estar da população. Com a sucessiva expansão territorial portuguesa durante o reinado de Alphonso I, o dialeto românico, então em prática, se fortaleceu e, gradualmente, constituiu-se como idioma nacional.

Isto posto, situar historicamente os eventos literários foi determinante na escolha de Bouterwek pela divisão cronológica dos fatos, e é claro que a subdivisão estabelecida foi bem recebida pelos estudiosos, os quais não precisaram mais se apoiar em obras bibliográficas de vários tomos, cuja organização era por ordem alfabética, biografista e não criteriosa, desfavorecendo o estudo aprofundado da literatura nacional. O que mais chama a atenção neste sistema é o fato de que tais divisões conferiram leveza ao texto crítico, que se tornou uma narrativa de leitura agradável, especialmente para os leigos no assunto. Como os editores ingleses mesmo apontaram,

Essas [subdivisões de] épocas no cultivo literário são um alívio para o estudante e contribuem para a exibição, a partir de um ponto de vista claro, das circunstâncias responsáveis pela aceleração ou retardo do progresso da educação.<sup>121</sup> (PREFACE, 1823, v. 1, p. 9-10, tradução nossa).

Após a devida contextualização da Idade Média, abrangendo as áreas de história, língua e cultura, a qual tem como base a já mencionada teoria do espírito dos povos,

---

<sup>120</sup> Em inglês, “Still, however, to him who is capable of feeling the more delicate relations of the beautiful in nature and in art, it must be an increased pleasure to hear the same melody performed on two similar, yet differently constructed instruments.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2).

<sup>121</sup> Em inglês, “These epochs in literary cultivation form convenient resting places for the student and contribute to exhibit in a clear point of view the circumstances by which the advancement of polite learning has been accelerated or retarded.” (PREFACE, 1823, v. 1, p. 9-10).

Bouterwek retorna ao estudo das obras compostas desde o século XII, com a menção dos trabalhos de Gonzalo Herminguez e Egaz Moniz, os primeiros autores que elaboraram poesias consideradas pertencentes a Portugal. A importância de ambos à literatura portuguesa se reflete não tanto pela qualidade de suas canções ou popularidade, mas por seu pioneirismo: “porque nenhuma cantiga espanhola naquela época, de nenhum grande autor, agora existe.”<sup>122</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 6, tradução nossa).

Suas canções não eram rimadas, mas continham o gérmen da métrica trocaica que se tornara característica dos versos portugueses e espanhóis no século XV. Seus versos arcaicos, que eram quase ininteligíveis para os portugueses do século XIX, mostraram-se incompreensíveis para o leitor alemão. No entanto, o obstáculo linguístico não impediu que Bouterwek apontasse o tom romântico e cavalheiresco desses poemas<sup>123</sup> que, a seu ver, são traço marcante do espírito do povo ibérico, como um todo, mas que surgira pela primeira vez nas cantigas lusitanas:

Essas mais velhas relíquias da composição lírica na língua portuguesa parecem confirmar a opinião de que aquele tom prevaemente do amor romântico, que caracterizou a poesia dos espanhóis e portugueses, até a imitação do estilo italiano ter sido amplamente adotada, originou-se em Portugal.<sup>124</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7, tradução nossa).

A constante reafirmação deste pioneirismo do reino português, diante do desenvolvimento dos escritos espanhóis, parece ser algo deliberado. É quase uma defesa do próprio escritor, justificando a relevância da publicação de um volume sobre Portugal, ainda que esteja, nas suas palavras, “incompleta” e baseada em “dados sumários da bela literatura.”<sup>125</sup> (BOUTERWEK, 2002, p. 10, tradução nossa). E isso é recorrente durante todo o Livro Primeiro, seja analisando o tom dessas cantigas, ou no grau de inovação das métricas: o pioneirismo português é sempre posto em evidência, em detrimento dos empreendimentos espanhóis. De certa maneira, a constante reafirmação é necessária, considerando-se a baixa

<sup>122</sup> Em inglês, “[...] for no Spanish cancion of that age, by any known author, now exists [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 6).

<sup>123</sup> É provável que Bouterwek, nesse quesito, tenha contado com a ajuda do erudito português que colaborou na elaboração deste volume sobre Portugal.

<sup>124</sup> Em inglês, “These oldest relics of lyric composition in the Portuguese language seem to confirm the opinion, that the prevailing tone of romantic love, which characterized the poetry of the Spaniards and Portuguese, until the imitation of the Italian style was generally adopted, originated in Portugal.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7).

<sup>125</sup> Em espanhol, “[...] no me quedaba aquí más opción que dejar una lamentable laguna o dar cuenta incompleta de ella, sólo en parte de manera especializada y limitándome además a datos someros de la bella literatura de los portugueses.” (BOUTERWEK, 2002, p. 10).

popularização das obras literárias portuguesas entre os demais povos europeus; pois, como foi anteriormente exposto, Bouterwek acreditava estar empreendendo feito de significativa importância, ao divulgar estudos lusitanos ainda inexplorados na Alemanha. Ademais, a ênfase neste caráter precursor serve ao propósito de quebrar paradigmas criados, que reclamaram aos espanhóis o pioneirismo em muitos gêneros textuais, posteriormente desmistificados pelo escritor (sobre este aspecto, mais detalhes serão vistos adiante, durante as discussões sobre a obra de Gil Vicente).

Neste primeiro tópico, nota-se que uma marca da crítica e do estilo de escrita deste texto é a união de comentários biográficos ao estudo da literatura: é de praxe associar a criação de uma obra com mitos e histórias pessoais que envolvem os autores, em um processo de crítica conhecido como biografismo. Embora não seja mais utilizado atualmente,<sup>126</sup> este recurso conferiu ao texto um tom mais agradável, outra vez facilitando a fluidez da leitura. Um dos muitos exemplos está na descrição do “caráter sensível da alma” de Egaz Moniz, o qual, pelo que se diz, “sobreviveu somente um curto tempo à expressão poética da angústia ocasionada pela infidelidade de sua amada Violante.”<sup>127</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7-8, tradução nossa).

A maior parte das informações e notícias históricas até então comentadas<sup>128</sup> foi embasada na leitura dos três volumes da *Europa Portuguesa*<sup>129</sup> por Manuel de Faria e Sousa, os quais, embora englobassem matérias sobre Portugal, foram escritos completamente em castelhano. Apenas a dedicatória ao rei e a licença de publicação encontram-se em português. Por este livro estar em espanhol, é bem provável que estivesse disponível na universidade que sediou a criação desta enciclopédia: como já discutimos no capítulo um, Bouterwek consultou os livros encontrados em Göttingen e separados por Johann Andreas Dieze (1729-1785), na segunda metade do século XVIII. Nos registros atuais da biblioteca da universidade de Göttingen, ao procurar pelo título em questão no catálogo principal<sup>130</sup>, chega-se à relação de sete entradas correspondentes ao livro de Faria e Sousa, dentre os quais existem três tomos datados entre 1678 a 1680<sup>131</sup>. Se buscarmos, nesse mesmo catálogo, por *Biblioteca Lusitana*

<sup>126</sup> O biografismo foi utilizado com frequência no século XIX e envolvia forte teor romântico na descrição.

<sup>127</sup> Em inglês, “Egaz Moniz is said to have survived only a short time the poetic expression of the anguish occasioned by the infidelity of his beloved Violante.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7-8).

<sup>128</sup> Com exceção das notas referentes à métrica, utilizada nos poemas, que alega ter retirado do livro *Apontamentos sobre Velasquez*. Em inglês, *Remarks on Velasquez*. (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 7).

<sup>129</sup> A edição de 1680 que utilizamos para consulta é a mesma registrada na biblioteca de Göttingen, e mencionada por Bouterwek. (SOUSA, 1680, v. 3, p. 379-380).

<sup>130</sup> Conhecido como GUK, em alemão, *Göttinger Universitätskatalog*.

<sup>131</sup> É difícil, neste caso, precisar quando esses tomos foram adquiridos pela universidade. Sem embargo, tendo em vista sua antiga fundação em 1734, não pensamos que seja algo infundado que estes volumes vieram a fazer parte deste acervo por volta do fim do século XVIII, a pedido de Dieze.

de Diogo Barbosa Machado, outro texto fundamental para a composição da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, lá estão registrados seis exemplares deste título, divididos em quatro tomos, publicados entre 1741 a 1759.

As citações feitas das cantigas de Herminiguez e Moniz foram igualmente extraídas de *Europa Portuguesa*, livro que também fora objeto de análise de Dieze nos seus estudos sobre a cultura espanhola. Durante sua carreira em Göttingen como historiador e curador da biblioteca, Dieze foi responsável pela organização, tradução e comentários de diversas obras sobre o tema, tais como: *História Geral do Mundo: da Criação ao momento presente*<sup>132</sup>; *A Viagem de Don Pedro Antonio de la Puente pela Espanha ou Cartas sobre a mais distinta peculiaridade neste Reino*<sup>133</sup>; e *Don Luis Joseph Velazquez, História da Poética Espanhola*<sup>134</sup>. Destes três títulos, o primeiro é mais relevante do ponto de vista histórico, por conter, em seu décimo segundo tomo, um esboço da nova história da Espanha e de Portugal. Assim sendo, é visível que os conhecimentos de Dieze abrangeram toda a extensão entre os dois países, ainda que grande parte de seus estudos enfatizem a descrição do panorama político e cultural espanhol. Esses dados sugerem que Bouterwek deva muito ao trabalho de seu colega acadêmico, já falecido no momento em que a enciclopédia estava sendo escrita, e cujo legado fora a reunião de obras clássicas sobre história, cultura e literatura das nações da península Ibérica em conjunto, e não somente sobre a Espanha, como indicavam Rivera e Pastor (2002, p. XIII).

Dando continuidade à análise do Livro Primeiro, chegamos a “Composições Antigas em Poesia Épica”<sup>135</sup>, um tópico brevíssimo e de pouca relevância no contexto geral da obra. Todavia, é curioso notar que, nesse tópico, Bouterwek começou a dialogar com os livros utilizados como suporte teórico e bibliográfico, não somente em concordância plena com o conteúdo oferecido, mas questionando as observações que, por exemplo, Faria e Sousa

---

<sup>132</sup> No décimo segundo tomo, encontramos o título: *História Geral do Mundo: da Criação ao momento presente, o qual contém a história da Idade Média e moderna de Espanha e Portugal/ Corrigido por escritores profissionais, complementado, com minucioso detalhe do período e com observações de Johann Andreas Dieze.* (tradução nossa) Em alemão, *Allgemeine Weltgeschichte : von der Schöpfung an bis auf gegenwärtige Zeit, welcher die mittlere und neuere Geschichte von Spanien und Portugal enthält / Aus Originalschriftstellern verbessert, vermehrt, mit einer durchaus fortlaufenden Zeitrechnung und mit Anmerkungen versehen von Johann Andreas Dieze* (1774).

<sup>133</sup> Em alemão, *Don Pedro Antonio de la Puente Reise durch Spanien oder Briefe über die vornehmsten Merkwürdigkeiten in diesem Reiche* (1775).

<sup>134</sup> Em alemão, *Don Luis Joseph Velazquez Geschichte der Spanischen Dichtkunst* (1769).

<sup>135</sup> Em inglês, “Early essay in epic poetry.”

fizera acerca do período em que a narrativa histórica em discussão fora escrita, datando-a de uma época anterior aos escritos de Herminguez e Moniz.<sup>136</sup>

Bouterwek compreende que essas primeiras composições eram somente tentativas primitivas do que depois se concretizaria na poesia e prosa portuguesa. Os escritos em questão não modificaram muito sua estrutura, mas a língua portuguesa, de acordo com o escritor, estava se regularizando. O primeiro grande escritor de Portugal eleito pelo crítico é Dom Dinis, cujos poemas foram reunidos em cancioneiros, encontrados apenas em manuscritos antigos no século XIX. Por esse exato motivo, não é apresentada nenhuma amostra de sua escrita. Dinis ficou conhecido por suas obras temporais e espirituais, sendo o *Cancioneiro de Nossa Senhora* a coletânea mais renomada.

Afora o rei português, nenhum outro poeta conseguiu se sobressair em 1200, e o mesmo se aplica para o século XIV; são citados somente os compositores de famílias nobres e reais, pois estes eram “considerados os representantes de todos os poetas contemporâneos na nação.”<sup>137</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 10, tradução nossa). Alphonso IV, assim como Affonso Sanchez, filhos de Dinis, se dedicaram à poesia, mas seus versos são desconhecidos. Pedro I, outro filho de Dinis, cultivou a poesia de maneira mais acentuada que os anteriores, porém, sua preferência era pela escrita em castelhano, contidas no *Cancioneiro* de Garcia Resende, como Bouterwek toma nota. Nesta parcela do livro, é frequente a citação e menção de escritores, sem a legítima presença de seus poemas, como consequência não tanto do distanciamento geográfico e cultural entre Alemanha e Portugal, advertido pelo próprio escritor no prefácio de 1804 e censurado pelos críticos portugueses, mas também pela adoção

---

<sup>136</sup> “Uma antiga narrativa portuguesa em estrofes dactílicas (versos de arte maior) [...] pode não ser tão velha quanto supunha Manuel de Faria e Sousa, o qual indicava a origem desses versos ao período exato da invasão árabe.” (tradução nossa). Em inglês, “An old Portuguese narrative in datetylic stanzas (*versos de arte mayor*) [...] may not be so old as it is supposed to be by Manuel de Faria e Sousa, who would refer the origin of these verses to the very period of the Arabic invasion.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 8). Este é um diálogo com os comentários do escritor português, em espanhol antigo, no terceiro tomo da *Europa Portuguesa*; fato que evidencia a influência desses volumes para a redação da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*: “Quando o castelo de Lousã ganhou dos mouros, que aconteceu nos dias do primeiro rei, ou segundo, encontraram lá alguns papéis, e entre eles um poema da perda da Espanha, com o qual descobrimos duas coisas; uma, o quão antigo é o poetar em Portugal, e assim esse escrito vem a ser o mais antigo que se encontrará na Europa, pois tendo sido encontrado há 500 anos consumido, e com sinais de grande velhice, necessariamente parece ser daquele século da própria perda, que se sucedeu há quase mil anos; a outra é a linguagem que então havíamos.” (tradução nossa). Em espanhol, “Quando el Castillo de Lousan se ganó de los Moros, que fue en los dias del primer Rey, o segundo, hallaronse en èl algunos papeles, i entre ellos un Poema de la perdida de España, con que descubrimos dos cosas; una quan antiguo sea en Portugal el poetar, i assi viene a ser este escrito por ventura el demás antiguedad que se hallará en Europa, pues siendo hallado à 500 años consumido, i con señaz de gran vejez necesariamente parece ser de aquel siglo de la propia perdida que sucedió á casi mil años: la otra el lenguaje que entonces teníamos.” (SOUSA, 1680, v. 3, p. 378).

<sup>137</sup> Em inglês, “[...] as if they were considered the representatives of all the contemporary poets of their nation.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 10).

do espanhol nessas composições, o que desconfigura qualquer citação neste volume sobre a literatura portuguesa.<sup>138</sup>

Em “Poetas da Família Real no Século XIV”<sup>139</sup>, é abordada a hipótese de que as influências italianas têm raízes muito mais antigas do se imaginava, as quais, na opinião de Bouterwek, são o exemplo da excelência literária. Associar uma produção portuguesa à italiana é demonstrar a boa qualidade dos poemas lusitanos, que floresceram muito antes daqueles compostos em castelhano. Segundo o crítico, o que favoreceu o intercâmbio literário entre essas duas nações foram as relações comerciais que permitiram a disseminação da poesia italiana em Portugal. Nesse ponto, vê-se que as políticas entre ambas as nações foram relevantes, na perspectiva literária, para o cultivo do gosto nesse último país; assim sendo, embora as composições lusitanas sejam analisadas em comparação à castelhana e à galega, sua evolução se deu mediante o suporte da italiana. Mesmo assim, Bouterwek acredita que as influências estrangeiras tenham sido limitadas pela evolução dos estilos nacionais de poesia:

É provável que o intercâmbio comercial entre Lisboa e os portos da Itália fez os Portugueses se familiarizarem com a literatura italiana. Mas no período agora em consideração, a imitação do estilo italiano parece ter sido bem limitada em Portugal; porque a velha poesia lírica no estilo nacional começara, particularmente neste momento, a se desdobrar em suas belezas características.<sup>140</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 13, tradução nossa).

É bem verdade que, neste início da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, a maioria dos exemplos, senão todos, é escrita em português, sejam poemas ou composições em prosa. Dentro deste último gênero, Bouterwek faz o elogio às crônicas históricas, produzidas no decorrer do século XIV, as quais tinham por objetivo “gravar os eventos memoráveis de sua história nacional.”<sup>141</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 14, tradução nossa). O destaque para a função nacionalista das “Crônicas em Prosa”<sup>142</sup> leva a crer que este gênero

<sup>138</sup> Muitas exclusões desse tipo são feitas no decorrer do livro, as quais aparecem desde o início, como se atesta a seguir: “Esse poema é dado por Barbosa Machado sob a entrada *D. Pedro I.* – Como está escrito em língua castelhana, o poema ficaria fora do lugar em uma coleção de espécimes da poesia portuguesa.” (tradução nossa). Em inglês, “This poem is given by Barbosa Machado, under the head *D. Pedro I.* – As it is written in the Castilian language, it would be out of place in a collection of specimens of Portuguese poetry.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 11).

<sup>139</sup> Em inglês, “Poets of the royal family in the fourteenth century.”

<sup>140</sup> Em inglês, “It is probable, that the mercantile intercourse between Lisbon and the ports of Italy, made the Portuguese early acquainted with Italian literature. But at the period now under consideration, the imitation of the Italian style appears to have been very limited in Portugal; for the old lyric poetry in the national style, began about this time more particularly to unfold its characteristic beauties.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 13).

<sup>141</sup> Em inglês, “From this period the Portuguese vied with the Castilians in the patriotic task of recording the memorable events of their national history.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 14).

<sup>142</sup> Em inglês, “Chronicles in prose.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 14).

é outro exemplo, apontado pelo escritor, para se estabelecer as raízes de uma produção que busca, através da escrita vernácula e em detrimento do latim, descrever os muitos fatos históricos de seu povo.

Outro artifício utilizado por Bouterwek, com o fim de construir os limites culturais entre as nações ibéricas, está na comparação de seus autores e de como cada um representa o espírito nacional em sua escrita. O caso mais representativo, nesse primeiro livro, se encontra no tópico “Conexão Íntima da Poesia Portuguesa e Galega – o poeta galego Macias”<sup>143</sup>. Embora seja de escolha muito peculiar, a análise do perfil poético de Macias chega a ser complementar ao estudo da poesia portuguesa. Prevendo a estranheza do conteúdo, o crítico explica de antemão aos leitores que os textos desse poeta possuíam grandes similitudes na expressão passional, característica da poesia em língua portuguesa. Segundo o escritor, existe uma simplicidade de expressão inata no português, que propicia o surgimento de “efusões amorosas”, muito menos frequentes no espanhol.

A comprovação de qualquer declaração por parte do crítico sempre provém da legitimação de outrem; neste caso, a existência do caráter romântico lusitano é corroborada na citação de Cervantes, o expoente da literatura espanhola, em que se demonstra o mesmo: “Até Cervantes, em sua Jornada ao Parnaso, faz Mercúrio designar à *Lusitânia* o suprimento de *Amores*, a fim de coletar conjuntamente os ingredientes da poesia romântica.”<sup>144</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 17, tradução nossa).

A leitura do Livro Primeiro é, em certos aspectos, muito mais relevante ao propósito principal deste texto, pois corresponde à construção e delimitação das barreiras culturais nacionais. As comparações entre os cenários literários de Portugal e Espanha são constantes, na tentativa de estabelecer as origens de cada literatura – enfoque dessa primeira etapa. *A priori*, o desenvolvimento das línguas vulgares foi eleito como fator determinante sob essa finalidade, cuja função basicamente era separar o joio do trigo que, em termos literários, se resume na divisão de o que fora escrito em português, castelhano, galego e assim por diante. É gradativamente que Bouterwek vai designando maior importância ao fazer literário, pois, a princípio, os primeiros exemplos datados do século XII a XIV são tentativas isoladas do início da poesia portuguesa. São, basicamente, as primeiras sementes plantadas da literatura em língua portuguesa.

<sup>143</sup> Em inglês, “Intimate connection of the Portuguese and Galician poetry – the Galician poet Macias.”

<sup>144</sup> Em inglês, “Even Cervantes in his Journey to Parnassus, makes Mercury assign to *Lusitania* the supplying of *Amores*, in order to collect together the ingredients of romantic poetry.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 17).

É a partir dos escritos do século XV que encontramos uma exposição mais laboriosa das obras, iniciando com os cancioneiros, o maior destaque desse período, por serem as primeiras coletâneas literárias compostas de canções trovadorescas. A mais conhecida é o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, escritor de grande erudição e que atuou nas cortes de João II e Emanuel, o grande. Ela foi responsável por conter “mais nomes poéticos do que a mais conhecida coleção espanhola do mesmo tipo, e dentre esses estão os nomes de diversos escritores que viveram no século XIV.”<sup>145</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 18, tradução nossa). Um estudo mais profundo de seus textos e autores seria essencial na análise das diferenças básicas entre a poesia de Espanha e Portugal, porém, a indisponibilidade desse livro<sup>146</sup> em Göttingen dificultou a tarefa de análise do professor, uma vez constatado que as edições hoje presentes no catálogo são todas do final do século XIX. Sem o acesso ao original, o crítico não pôde expor, tal como pretendia, as características mais pungentes dos bardos portugueses:

Aqui, o autor dessa história da literatura portuguesa, que inutilmente se esforçou a mostrar-se familiarizado com a interessante coleção de Garcia de Resende, deve se lamentar, pois ele está compelido a deixar um abismo o qual não pode ser facilmente preenchido; porque aqui é certamente o lugar no qual seria mais apropriado buscar descobrir naquelas características, as quais são indubitavelmente comuns a todas, ou pelo menos à maioria dos bardos líricos Portugueses do século XV, a natureza da diferença original do gênio Português e Espanhol.<sup>147</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 18-19, tradução nossa).

Até o presente momento, constata-se a predominância de textos em vernáculo, uma escolha deliberada. A importância dada a estes textos é maior do que aos elaborados em latim, tendência que prevaleceu, segundo o escritor, em Portugal e na Itália. (BOUTERWEK,

---

<sup>145</sup> Em inglês, “[...] this old Portuguese *Cancioneiro* contains many more poetic names than the better known Spanish collection of the same kind, and that among these names are several writes who lived in the fourteenth century.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 18).

<sup>146</sup> É pertinente apontar que Bouterwek, ao comentar a data de publicação do manuscrito, confessa ter retirado essa informação de Barbosa Machado no livro *D. Pedro I*, o qual não consta na biblioteca de Göttingen. Como atesta, “Barbosa Machado likewise gives an account of this collection under the head *D. Pedro I*. p. 540, a place in which such a notice would scarcely be looked for.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 18). Considerando a aleatoriedade da informação e o fato de que este título não consta no catálogo geral da universidade de Göttingen, julgamos que essa referência, em particular, fora concedida pelo erudito português, mencionado pela tradutora Thomasina Ross.

<sup>147</sup> Em inglês, “Here the author of this history of Portuguese literature, who has vainly endeavored to render himself acquainted with Garcia de Resende’s interesting collection, must deplore that he is now compelled to leave a chasm which cannot be easily filled up; for this certainly is the place in which it would be most proper to endeavor to discover, in those features, which were doubtless common to all, or at least to most of the Portuguese lyric bards of the fifteenth century, the nature of the original difference of Portuguese and Spanish genius.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 18-19).

1823, v. 2, p. 20). Por sua vez, os escritores que ficaram reconhecidos por sua poesia em língua latina, como Henrique Cayado, não chegaram a impedir o progresso da literatura em língua portuguesa:

Mas não parece que a poesia nacional, em língua vernácula, foi de forma alguma negligenciada ou desprezada pela nobreza Portuguesa; as boas graças dos nobres exerceram influência mais poderosa sobre o espírito poético da nação, do que o exemplo dos eruditos.<sup>148</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21, tradução nossa).

Conforme foi exposto no início deste capítulo, em específico na sua introdução ao primeiro volume da *História da Poesia e Eloquência*, sendo a língua uma expressão do elemento popular, o latim não era mais capaz de representar os povos europeus, apesar de seu uso contínuo: “Como base para as ciências, aprendia-se nas escolas uma língua morta. Mesmo que o latim fosse na Itália, Espanha e França, a mãe dos novos idiomas populares desses países, ele não se adequava mais à maneira de pensar, que já tinha se alterado.” (BOUTERWEK, 2003, p. 126) Então, embora se utilizasse ainda a língua latina nas produções poéticas, elas não ofereciam nenhum ganho cultural à literatura portuguesa, ou mesmo a qualquer outra nação.

Neste ponto, Bouterwek adverte que os autores portugueses não tentaram imitar as formas antigas de poesia, ou seja, seguindo um estilo *clássico*. Esta é a primeira vez que encontramos uma distinção entre o clássico e o romântico, fato este digno de reconhecimento, uma vez que o último termo não tinha um significado concreto no final do século XVIII. Embora não determine com precisão o que caracteriza cada um dos estilos literários, a partir da leitura percebe-se que os termos têm sentidos opostos. Na citação a seguir, está constatada a diferença, seguida por comentários em repúdio às formas barrocas predominantes no século XVI. Entre os escritores e críticos dos séculos XVIII e XIX, é generalizada essa aversão à obscuridade na expressão poética, contrastante com as novas tendências do neoclassicismo vigentes então:

Uma noção correta da distinção essencial entre a composição romântica e a clássica assegurou, nesse período, que os portugueses, assim como os italianos, fossem contra a introdução de formas incongruentes e falsas em sua poesia; e o gosto ainda não estava suficientemente cultivado para admitir

---

<sup>148</sup> Em inglês, “But it does not appear that the national poetry, in the vernacular language, was in any way neglected or despised by the Portuguese nobility; and the favour of the great exercised a more powerful influence over the poetic spirit of the nation, than the example of the learned.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21).

uma união judiciosa dos estilos clássico e romântico.<sup>149</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21, tradução nossa).

A contraposição entre o clássico (antigo) e o romântico (atual) é evidente. Em alemão, devemos lembrar que Bouterwek utiliza a palavra *romantisch*, cuja definição é ainda pouco desenvolvida por ele. Não encontramos no texto o que, exatamente, o termo em questão implica, embora seja um adjetivo recorrente. No entanto, no ensaio *O Conceito de "Romantismo" na História Literária*, René Wellek (1949), ao discutir a definição do adjetivo "romântico" na crítica literária, comenta o uso desta palavra por Bouterwek, explicitando seu significado:

Esse uso então penetrou nos primeiros livros de história geral da literatura: na história literária de Eichhorn (1799) e nos primeiros volumes, dedicados à poesia italiana e espanhola, da monumental obra de Friedrich Bouterwek, *História da Poesia e Eloquência desde o final do Século treze* (1801-05). Lá, o termo "romantisch" é usado em todas as combinações: estilo, maneiras, caracteres, poesia são chamados de "romantisch". Algumas vezes Bouterwek usa o termo "altromantisch" para se referir à Idade Média e "neuromantisch" para se referir ao que nós chamaríamos de Renascimento.<sup>150</sup> Esse uso é substancialmente idêntico à definição de Warton, exceto pelo fato de que seu domínio se expandiu mais e mais: não somente a literatura medieval e Ariosto e Tasso, mas também Shakespeare, Cervantes e Calderón são chamados "românticos". Isso significa simplesmente toda a poesia escrita em uma tradição que difere daquela que descende da antiguidade clássica.<sup>151</sup> (WELLEK, 1949, p. 4, tradução nossa).

No Livro Primeiro, portanto, é notável o surgimento de novos conceitos que começam a fazer parte do vocabulário e do universo literário, tais como: a aparição dos adjetivos acima citados – *romantisch* e suas variações em alemão –; as poucas menções à

---

<sup>149</sup> Em inglês, "A correct notion of the essential distinction between romantic and classic composition secured at this period the Portuguese as well as the Italians against the introduction of incongruous and spurious forms in their poetry; and taste was not yet sufficiently cultivated to admit of a judicious union of the classic and the romantic styles." (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 21).

<sup>150</sup> Na tradução literal, o "velho romantismo" e o "novo romantismo", respectivamente, *altromantisch* e *neuromantisch*.(tradução nossa).

<sup>151</sup> Em inglês, "This usage then penetrated into the first handbooks of general history of literature: into Eichhorn's *Literärsgeschichte* (1799) and into the first volumes, devoted to Italian and Spanish literature, of Friedrich Bouterwek's monumental *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts* (1801-05). There the term "romantisch" is used in all combinations: style, manners, characters, poetry are called "romantisch." Sometimes Bouterwek uses the term "altromantisch" to refer to the Middle Ages, and "neuromantisch" to refer to what we would call the Renaissance. This usage is substantially identical with Warton's except that its realm has been expanded more and more: not only medieval literature and Ariosto and Tasso but also Shakespeare, Cervantes and Calderón are called "romantic." It simply means all poetry written in a tradition differing from that descended from classical antiquity." (WELLEK, 1949, p. 4).

literatura como uma reunião de obras nacionais, e a distinção de escritores por gêneros literários, como as cantigas, a poesia lírica, os épicos em prosa (chamados também de poesia histórica), os sonetos de inspiração italiana, as crônicas em prosa e a prosa histórica; todos citados e contextualizados em momentos específicos, de forma cronológica. Gustav Struck, nas suas considerações sobre leitura dos volumes da *História da Poesia e Eloquência*, indica que a organização de Bouterwek foi bem articulada e conseguiu abranger os autores e suas obras de forma consonante, enxergadas como um produto da época em que surgiram. De fato, na *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, a literatura como um nítido reflexo de sua época é contemplada em vários trechos dedicados à descrição histórica do período literário estudado, como nos tópicos: “A Ascensão da Poesia Portuguesa”<sup>152</sup> e “Aumento do Poder Português, seguido pelo rápido desenvolvimento da poesia nacional, no início do século dezesseis.”<sup>153</sup> Nas palavras de Struck,

Com sua obra, Bouterwek queria construir uma história estético-crítica do desenvolvimento do espírito poético e crítico e da predileção das novas nações. Ele insere as literaturas individuais nos contextos da história política e cultural dos seus países. Ele tenta demonstrar, para cada povo, como ‘gênio e época se unem, o que os poetas e escritores devem a si mesmos e aos outros, como especialmente o caráter nacional das formas de pensamento e da mentalidade em breve mal se sobressairão notavelmente em suas características mais fortes, como total e individualmente o gosto, aquele que merece ser chamado de bom, se desenvolve, permanece estático ou degenera.’<sup>154</sup> (STRUCK, 1919, p. 56, tradução nossa).

Indiretamente, Struck reconhece as influências de Herder nas tentativas de Bouterwek em determinar o espírito dos povos, como uma espécie de fio condutor que perpassa a totalidade da obra, cujas características particulares foram sendo construídas, gradativamente, desde o início pelo escritor, por meio de exemplos retirados de obras literárias. Portanto, no final da primeira parcela do livro, são selecionados os autores mais representativos do século dezesseis, que lograram projetar em seus textos o verdadeiro

<sup>152</sup> Em inglês, “Rise of Portuguese Poetry”.

<sup>153</sup> Em inglês, “Increase of Portuguese power, followed by the rapid development of the national poetry, at the commencement of the sixteenth century”.

<sup>154</sup> Em alemão, “Mit seinem Werke wollte Bouterwek eine ästhetischkritische Geschichte der Fortschritte des poetischen und rhetorischen Geistes und Geschmacks der neueren Nationen schaffen. Er fügt die einzelnen Literaturen in den Rahmen der politischen und kulturellen Geschichte ihres Landes ein. Bei jeder Volke sucht er zu zeigen, ‘wie Genie und Zeitalter zusammenwirkten; was die Dichter und Schriftsteller sich selbst, und was sie Andern verdankten, wie besonders das Nationale der Denk- und Sinnesart in der Literatur der neueren Nationen bald kaum merklich, bald in den stärksten Zügen hervortrat; wie im Ganzen und Einzelnen der Geschmack, der der gute zu heißen verdient, sich entwickelte, oder still stand oder ausartete.’” (STRUCK, 1919, p. 56).

espírito de seu povo, destacando-se na excelência escrita. Até então, poucos nomes foram citados, e somente dois deles, evidentemente, se sobressaíram perante os demais: Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. De modo a compreender como a crítica literária é constituída, tomaremos o exemplo de Ribeiro, ao qual é dedicada uma quantidade maior de páginas, a partir das quais é possível identificar certo padrão de análise adotado e que será recorrente nesta historiografia.

Quando um autor específico é estudado, antes de qualquer crítica estética, Bouterwek atenta para os detalhes de sua biografia, tais como sua história pessoal, a descrição de sua formação educacional, as vocações ou qualquer nota que forneça explicação ou contexto que agregue valor às obras escrutinadas, a exemplo dos estudos da Antiguidade. Dentro desta análise biografista, as efusões amorosas de sua poesia são correlatos diretos à sua própria vivência emocional. Os trechos abaixo ilustram exatamente essa associação, que, vale ressaltar, é novamente uma tendência do período e tem caráter fortemente romantizado:<sup>155</sup>

Escritores portugueses insinuam que a Infanta Dona Beatrice, a filha do rei, foi a dama pela qual o desafortunado Ribeiro se enamorou. É evidente, a partir de seus escritos, que ele estudiosamente colocou um véu sobre o segredo de seu coração.<sup>156</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 24-25, tradução nossa).

É relatado que ele frequentemente se retirava às florestas onde passava a noite sozinho, cantando para os riachos murmurantes suas cantigas de paixão e desespero.<sup>157</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 25, tradução nossa).

Mas o fato de ele ter nutrido interesses românticos na vida real, assim como em sua poesia, é suficientemente confirmado pelos relatos que foram preservados de sua conduta e pelo caráter geral de seus escritos.<sup>158</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 25, tradução nossa).

---

<sup>155</sup> Algumas décadas à frente no século XIX, Sainte-Beuve se destaca no cenário da crítica literária com ensaios conhecidos pelo caráter biografista de sua análise, muito mais acentuado do que o exemplo de Bouterwek, claramente; destaca-se aqui a coletânea “Causeries du Lundi”, publicadas no jornal francês *Revue des Deux Mondes*, entre 1851 e 1862.

<sup>156</sup> Em inglês, “Portuguese writers insinuate that Infanta Dona Beatrice, the king’s daughter, was the lady of whom the unfortunate Ribeyro was enamoured. It is evident from his writings, that he has studiously thrown a veil over the secret of his heart.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 24-25).

<sup>157</sup> Em inglês, “It is related that he frequently retired to the woods where he passed the night alone, singing to the murmuring brooks his songs of passion and despair.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 25).

<sup>158</sup> Em inglês, “But that he cherished romantic fancies in real life, as well as in his poetry, is a fact which is sufficiently confirmed by the accounts which have been preserved of his conduct and by the general character of his writings.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 25).

Voltando à bibliografia de Bouterwek, a biografia de Ribeiro é totalmente embasada nos apontamentos de Barbosa Machado, o qual por sua vez retirou suas informações do livro *Fuente de Aganippe*, de Faria e Sousa, infelizmente indisponível para consulta nesta dissertação. Como comprovação, a passagem abaixo, extraída da Biblioteca Lusitana é a síntese dos excertos acima:

Arrebatado de impulsos amorosos passava muitas noites entre a espessura, e solidão dos bosques explicando junto à corrente das águas com suspiros, e lágrimas a veemência de paixão tão violenta que o obrigou a empreender impossíveis dedicando os seus afetos à Infanta D. Beatriz filha do Sereníssimo Rei D. Manoel como elegantemente cantou Manoel de Faria e Sousa na 3. Part. Da *Fuente de Aganip*. Centur. 2. Madrig. 33. (MACHADO, 1741, v. 1, p. 518).

A despeito do apreciado “sentimento poético”<sup>159</sup> de Ribeiro, Bouterwek julga lhe faltarem ideias e variações em sua poesia. Sua linguagem também não era apreciada pelo crítico, devido à prolixidade e ao distanciamento das regras clássicas.<sup>160</sup> Um dos atributos mais relevantes é a capacidade do autor em introduzir e representar os cenários e figuras nacionais em sua poesia, qualidade que é congruente ao sistema herderiano adotado por esta história literária; como vemos:

Ribeiro descreveu em suas églogas somente o cenário de seu país natal. O Tejo, o Mondego e o mar da costa de Portugal, e por vezes a cidade de Coimbra, e outros povoados, são exibidos de um ponto de vista poético.<sup>161</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 26, tradução nossa).

Segundo Gustav Struck, Bouterwek concebia “[...] que toda poesia deve ser, em seu fim, uma poesia nacional. O poeta, que quer alcançar o objetivo da arte, precisa emprestar expressão ao caráter de sua nação”<sup>162</sup> (STRUCK, 1919, p.55, tradução nossa) e deve, por conseguinte, representar o espírito de seu povo. Como foi comentado acima, esse atributo é

---

<sup>159</sup> “[...] lá aparece um espírito da verdade e um sentimento poético que nenhuma arte ou estudo poderia ter produzido.” (tradução nossa). Em inglês, “[...] there appears a spirit of truth and poetic feeling, which no art or study could have produced.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 26).

<sup>160</sup> “Sua linguagem e composição estão muito remotas da correção clássica, e sua prolixidade é entediante.” (tradução nossa). Em inglês, “His language and composition are very remote from classical correctness, and his prolixity is tedious.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 25-26).

<sup>161</sup> Em inglês, “Ribeyro has described in his eclogues only the scenery of his native country. The Tagus, the Mondego, the sea on the coast of Portugal, and even sometimes the city of Coimbra, and other towns, are exhibited in a poetic point of view.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 26).

<sup>162</sup> Em alemão, “Der Dichter, der das Ziel der Kunst erreichen will, muß dem Charakter seiner Nation Ausdruck verleihen.” (STRUCK, 1919, p.55).

encontrado em todos os grandes escritores eleitos pelo crítico e na relação do poeta com sua época; no exemplo de Ribeiro, Bouterwek deixa evidente a vinculação existente entre sua poesia e as tendências vigentes: “As *Cantigas* de Bernardim Ribeiro inquestionavelmente carregam o selo característico do século quinze. Elas podem ser classificadas em igualdade com as melhores peças do mesmo tipo contidas no antigo *Cancionero* espanhol.”<sup>163</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 30, tradução nossa).

Quanto aos aspectos formais dos textos apresentados, vários apontamentos são feitos sobre as técnicas de escrita: no caso de Ribeiro, é dada especial atenção às repetições de vocabulário que, porventura, possam ser significativas dentro do conjunto das obras ou mesmo dentro da estrutura dos poemas e écloas. Este último gênero possuía uma disposição particular e, sabendo da propriedade de Bouterwek em matéria de estética, ele a descreve com desvelo: a metrificacão dos versos e o arranjo das estrofes estão sempre em pauta. Embora tenha havido esse detalhamento da estrutura dos elementos estéticos dos poemas, em geral a análise literária pouco se deteve nestes aspectos em comparacão com os demais comentários sobre enredo e biografia. De modo a ilustrá-los, há um número abundante de citações, todas no original em língua portuguesa, sempre dispostas nas notas de rodapé.<sup>164</sup> Considerando a inviabilidade de traduzir extensivamente todos os trechos, o leitor menos versado em português teve o aprendizado prejudicado. No entanto, tendo previamente resumido o enredo da obra e conhecendo o estilo de cada autor, foi possível diminuir as “distâncias linguísticas”.

No estudo sobre *Menina e Moça*, obra pela qual Ribeiro ficou conhecido, Bouterwek não soube precisar o gênero a que este texto pertencia; a seu ver, era “uma espécie de romance.”<sup>165</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 33, tradução nossa). Seguindo o mesmo padrão de análise, após a descrição estética e temática, neste caso particular, a história de *Menina e Moça* é, mais uma vez, relacionada com a vida pessoal do escritor, o qual, pela falta de engenho, converteu os nomes de pessoas reais em pseudônimos facilmente desvendados. Em tom de ironia, estes artifícios utilizados pelos poetas pastoris do século quinze são condenados pelo crítico.

<sup>163</sup> Em inglês, “The *Cantigas* of Bernardim Ribeyro unquestionably bear the characteristic stamp of the fifteenth century. They may be ranked on an equality with the best pieces of the same kind in the old Spanish *Cancionero*.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 30).

<sup>164</sup> No caso particular desse escritor, não temos evidências de onde Friedrich Bouterwek tenha retirado as citações de suas obras. A única ressalva está em nota de rodapé, na qual indica ter utilizado o apêndice do livro *História de Menina e Moça*, por Bernardim Ribeiro (1559), para consultar as écloas, o qual, por sua vez, está catalogado na biblioteca da universidade alemã. “Essas écloas formam um apêndice à nova e à velha edição da prosa romântica *Menina e Moça*, a qual será observada em breve.” Em inglês, “These eclogues form an appendix, to the old as well as the new edition of the prose romance of *Menina e Moça*, which will soon be further noticed.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 30).

<sup>165</sup> Em inglês, “This work is a kind of romance [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 33).

Abordando brevemente os comentários a respeito de Cristóvão Falcão, sua expressão romântica-pastoril é composta por uma linguagem mais antiquada em comparação com Ribeiro. Ambos, no entanto, possuem temáticas similares, tal como se infere pelas duas citações ulteriores, referentes a Ribeiro e a Cristóvão, respectivamente: “Isso, portanto, prova que os interesses poéticos de Ribeiro, seu misticismo romântico, sem exceção, não eram de nenhuma forma algo individual.”<sup>166</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 40, tradução nossa). E “o cenário rural descrito nesta écloga, como nos poemas de Ribeiro, é completamente nacional: o Tejo, o Mondego, e as pedras do Cintra são introduzidos aqui, assim como no romance de Ribeiro.”<sup>167</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 40, tradução nossa).

Durante o século XVI, portanto, encontramos em Portugal muitos exemplos de poesia pastoril em vernáculo, com frequência associada à doçura descritiva e à simplicidade de expressão, tão aclamadas pelo professor alemão. A explicação para o tom pastoril das poesias lusitanas, de acordo com o crítico, provém das inspirações italianas, as quais, de modo geral, foram assimiladas por ambos os países da península Ibérica. Os empréstimos estéticos da Itália foram responsáveis pela modernização dos moldes antigos portugueses, datados da Idade Média, e pelo conteúdo romantizado. Em Portugal, os dois expoentes do período adaptaram tais formas aos moldes nacionais, por meio da representação da natureza conterrânea, o que supostamente deu origem às poesias pastorais e à naturalidade na representação, observada por muitos críticos da literatura, incluindo Bouterwek:

Portugal pode, portanto, ser considerado como a terra nativa da poesia pastoral romântica, que, entretanto, floresceu no mesmo período na Itália, onde assumiu formas mais cultivadas, particularmente após os escritos de Sanazzaro; porém, em Portugal sozinho foi certamente nacional.<sup>168</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 43, tradução nossa).

---

<sup>166</sup> Em inglês, “It therefore proves that Ribeyro’s poetic fancies, his romantic mysticism, not excepted, were by no means individual.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 40).

<sup>167</sup> Em inglês, “The rural scenery described in this eclogue, like that in the poems of Ribeyro, is all national: the Tagus, the Mondego, and the rocks of Cintra, are introduced here as in Ribeyro’s romance.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 40).

<sup>168</sup> Em inglês, “Portugal may therefore be regarded as the true native land of romantic pastoral poetry, which, however, about the same period flourished in Italy, where it assumed more cultivated forms, particularly after Sanazzaro had written; but in Portugal alone was it properly national.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 43).

### 2.2.3 – Livro Segundo, *Do Início do Século Dezesseis ao Final do Dezesete.*

Nesta parcela do livro, é dado início ao estudo literário mais aprofundado sobre as obras produzidas entre os séculos XVI e XVII, correspondentes ao Renascimento cultural europeu. A partir de então, é estudada uma maior quantidade de escritores do que no capítulo anterior, dentre os quais surgem Sá de Miranda, Gil Vicente e Luís de Camões, o grande herói nacional. Simultaneamente, o molde utilizado para estudar os autores se transforma: enquanto no Livro Primeiro havia maior interesse biográfico e narrativo, agora a atenção se dirige principalmente para os aspectos formais da escrita e para os gêneros empregados. Esta alteração se redimensiona nos grandes “gênios”<sup>169</sup> (STRUCK, 1919, p. 56), devido à excelência e à prática de variados estilos literários, acarretando em um estudo mais minucioso.

Ao longo do primeiro capítulo, “Visão geral do cultivo da poesia e da retórica pelos portugueses durante o período em questão”<sup>170</sup>, as muitas problemáticas contidas no estudo da história literária portuguesa são reapresentadas, tais como as disputas linguísticas com o castelhano, os empréstimos de formas italianas, a menção aos autores mais relevantes, concomitante à análise dos impactos políticos, e aos incentivos às produções escritas nas cortes reais; os tópicos são respectivamente: “Relação da poesia portuguesa com a espanhola nos séculos dezesseis e dezessete”<sup>171</sup>, “Causas do contínuo cultivo da língua espanhola em Portugal”<sup>172</sup>, “Caráter religioso e político dos portugueses durante esse período”<sup>173</sup>.

Novamente e por motivos já mencionados, o enfoque está na análise dos moldes providos pelo estilo italiano que, conforme discute Bouterwek, forneceram inspirações às primeiras poesias modernas em Portugal e, da mesma forma, aos espanhóis que, posteriormente, se utilizaram destes mesmos exemplos no intuito de criar suas próprias obras. Como o crítico fez questão de apontar, embora existam diferenças no gosto entre as duas

---

<sup>169</sup> Embasamo-nos na descrição de Struck, o primeiro a apontar esta faceta da crítica realizada por Bouterwek: “No tratamento do material, o que lhe fornece a direção são os gênios, aos quais ele habitualmente associa os espíritos menores. Sobre cada poeta, ele também traz, ao lado da explicação sobre suas obras, um apontamento biográfico. Em notas ele acrescenta muitos exemplos de obras menos acessíveis.” (tradução nossa). Em alemão, “Richtung gebend sind für ihn bei der Behandlung des Stoffes die Genies, an die er gewöhnlich die kleineren Geister anschließt. Ueber jeden Dichter bringt er neben den Ausführungen über seine Werke auch einige biographische Notizen. In Anmerkungen fügt er eine Menge Beispiele aus weniger zugänglichen Werken bei.” (STRUCK, 1919, p. 56).

<sup>170</sup> Em inglês, “General View of the Poetic and Rhetorical Cultivation of the Portuguese During the Period Above”.

<sup>171</sup> Em inglês, “Relation of the Portuguese to Spanish Poetry in the sixteenth and seventeenth centuries”.

<sup>172</sup> Em inglês, “Causes of the continued cultivation of the Spanish Language in Portugal”.

<sup>173</sup> Em inglês, “Religious and Political character of the Portuguese during this period”.

nações ibéricas, isto não impediu a competição entre seus poetas; esta disputa é visível através das discussões sobre as reivindicações de ambos os países entre seus autores e obras e, até mesmo, no pioneirismo em certos gêneros.

Estas competições remetem a um problema de ordem política, comentado em ambos os prefácios, que é recapitulado: a unificação entre as monarquias da Espanha e de Portugal e suas implicações linguísticas. Sobre esta matéria, alguns dados históricos adicionais são oferecidos para explicar como a unidade portuguesa se sustentou durante toda a tensão pela qual esse período é reconhecido. O fato de os departamentos de estado terem permanecido em solo lusitano, sem aderir à língua espanhola, foi uma destas causas:

As peculiaridades nacionais que, mesmo sob o domínio espanhol, continuaram a distinguir os portugueses dos espanhóis, foram assistidas por consequências notavelmente favoráveis à literatura portuguesa [...].<sup>174</sup>  
(BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 50-51, tradução nossa).

Esta é mais uma forma de Bouterwek defender a teoria da unidade nacional e cultural, acentuada pelos muitos empecilhos políticos que, porventura, poderiam ter desestruturado a cultura portuguesa; suportar as adversidades impostas pela Espanha, a seu ver, conferiu grande valor à unidade deste povo. Isto a despeito de o castelhano continuar a ser utilizado por escritores portugueses que, mesmo após a divisão política, ficaram conhecidos como importantes contribuintes à literatura espanhola.

No segundo capítulo, “História da Poesia e Eloquência Portuguesa da época da introdução do estilo italiano até o fim do século dezesseis”<sup>175</sup>, verifica-se a abrangência de novos gêneros de escrita, como comédias, tragédias, dramas espirituais, elegias, entre outros; e a tranquila introdução do estilo italiano, responsável por oferecer novos recursos aos autores portugueses, aprimorando o antigo gosto poético. Dentre aqueles que o incorporaram, Sá de Miranda é o primeiro escrutinado, sob o propósito de analisar a inovação escrita e estrutural, que, por sua vez, refletiu os anseios literários de muitos outros autores que seguiram seus passos.

Antes de tudo, deve-se notar que a parte referente a Miranda segue o mesmo modelo de Ribeiro, com o acréscimo de detalhes particulares sobre sua educação, incluindo as

---

<sup>174</sup> Em inglês, “The national peculiarities which, even under the Spanish dominion, continued to distinguish the Portuguese from the Spaniards, were attended by consequences remarkably favourable to Portuguese literature [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 50-51).

<sup>175</sup> Em inglês, “History of Portuguese Poetry and Eloquence from the Epoch of the Introduction of the Italian Style, Till Towards the end of the Sixteenth Century”.

viagens de formação literária à Itália e o início das atividades como poeta, além da descrição das boas graças das quais gozou na corte e que lhe garantiram respaldo perante os demais escritores do período. Como é de se esperar, todas essas notícias biográficas foram retiradas da *Biblioteca Lusitana* e é inegável o fato de que o professor alemão seguiu a mesma sequência de dados concatenada por Barbosa Machado.

Em continuação, Bouterwek surge com a explicação do estilo, o qual – como se pode supor pelo título do segundo capítulo – fora inspirado pelas produções italianas, já conhecidas pelo público lusitano,<sup>176</sup> as quais possibilitaram o refinamento do “antigo estilo português.”<sup>177</sup> Muitas menções são feitas à ligação de Sá de Miranda com os poetas da Antiguidade e, por este motivo, fora constantemente comparado a Teócrito, em referência à poesia bucólica, e a Plauto e Terêncio, dois célebres comediógrafos romanos:

Miranda apresentou aos seus conterrâneos o primeiro exemplo da maneira na qual o gênio poético, aspirante do ápice da arte, deve estudar os poetas clássicos da antiguidade, de modo a adquirir clareza na percepção poética, julgamento sólido na invenção e precisão, elegância e simplicidade engenhosa na composição e dicção, sem renunciar seu caráter individual e o gênio de sua época e nação.<sup>178</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 84, tradução nossa).

Dentre os gêneros explorados por Miranda estão as éclogas, as epístolas, o drama e as comédias. Por ter escrito majoritariamente em espanhol, “foi somente no Parnaso castelhano que Sá de Miranda estabeleceu sua fama como um dos mais distintos dos poetas bucólicos.”<sup>179</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 70, tradução nossa). Em contrapartida, Bouterwek reforça a importância do uso da língua materna, porém admite a incapacidade de um estrangeiro compreender a qualidade destas poesias, algo que se agrava, no caso de Sá de

<sup>176</sup> “Algumas das métricas silábicas italianas podem já ser consideradas como vernáculas em Portugal, e o espírito da poesia italiana certamente não era desconhecida pelos portugueses já que, desde cedo, possuíram traduções de alguns sonetos de Petrarca.” (tradução nossa). Em inglês, “Some of the Italian syllabic metres might already be regarded as vernacular in Portugal, and the spirit of Italian poetry was certainly not unknown to the Portuguese, since they had, from an early period possessed translations of some of Petrarch’s sonnets.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 60).

<sup>177</sup> “O que ele [Sá de Miranda] aprendeu dos italianos foi um genuíno, embora imperfeito, refinamento do antigo estilo português, sob formas mais belas.” (tradução nossa). Em inglês, “What he learnt from the Italians was a genuine though not perfect refinement of the old Portuguese style, under more beautiful forms.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 63-64).

<sup>178</sup> Em inglês, “Miranda presented to his countrymen the first example of the manner in which poetic genius aspiring to the highest pinnacle of art, ought to study the classic poets of antiquity, in order to acquire clearness of poetic perception, solid judgement in invention and precision, elegance and ingenious simplicity in composition and diction, without renouncing his individual character and the genius of his age and nation.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 84).

<sup>179</sup> Em inglês, “It was only on the Castilian Parnassus that Saa de Miranda established his fame as one of the most distinguished of bucolic poets.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 70).

Miranda, por “discursar em uma nova linguagem.”<sup>180</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 67, tradução nossa). O crítico alemão aplaude essa iniciativa, ainda que não fosse capaz de descrevê-la com total propriedade:

Nesta questão, a primeira das duas écloas portuguesas deste Teócrito moderno é parcialmente inteligível ao estrangeiro que possua somente um conhecimento literário das peculiaridades do idioma rural de Portugal. O poeta mesmo observa, na conclusão de suas estrofes dedicatórias ao Infante Dom Manoel, que ele discursa em uma nova linguagem. A nova linguagem aqui aludida é produzida por uma delicada combinação de arranjos, notável pela graciosa simplicidade do dialeto do português vernáculo, com um conjunto de palavras e frases prestigiadas que se aproximam mais do latim. Mas o efeito da união é apreciado pelo estrangeiro com muita imperfeição; e o mais elegante charme da expressão é perdido no esforço de se estudar uma linguagem poética deste tipo.<sup>181</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 67, tradução nossa).

Entre os demais problemas de compreensão atestados pelo crítico alemão, encaixam-se as duas citações abaixo.<sup>182</sup> A última reclamação é peculiar e difere das queixas precedentes: ela demonstra como, independente da dificuldade de entendimento do crítico, os erros abundantes das edições portuguesas são responsáveis por acrescentar desafios a mais ao leitor estrangeiro:

Em uma palavra, esta écloa é inteiramente nacional. Ninguém, exceto um português, pode justamente estimar os méritos e deméritos poéticos. Para um

<sup>180</sup> Em inglês, “[...] that he discourses in a new language.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 67).

<sup>181</sup> Em inglês, “On this account the first of the two Portuguese eclogues of this modern Theocritus, is partly unintelligible to the foreigner, who possesses only a literary knowledge of the peculiarities of the rural idiom of Portugal. The poet himself observes, at the conclusion of his dedicatory stanzas to the Infante Dom Manoel, that he discourses in a new language. The new language here alluded to is produced by a delicate blending of the turns most remarkable for graceful simplicity in the Portuguese vernacular dialect, with a set of dignified words and phrases approximating more nearly to the Latin. But the effect of the union is very imperfectly appreciated by a foreigner; and the finest charm of expression is lost in the labour of studying a poetic language of this kind.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 67).

<sup>182</sup> Bouterwek insinua que a forma encontrada para uma leitura compreensiva das obras portuguesas ocorreu por meio de seus conhecimentos em latim, sendo possível fazer associações com cognatos; logo, à medida que a linguagem se aproxima dos vulgarismos, a dificuldade aumenta significativamente. No trecho a seguir temos a comprovação disso, muito embora Ferreira tenha sobressaído no estudo de sua língua nativa: “As obras de Ferreira pertencem certamente àquela classe da poesia portuguesa que é facilmente inteligível para o estrangeiro que possua conhecimento em língua latina.” (tradução nossa). Em inglês, “The works of Ferreira belong indeed to that class of Portuguese poetry which is easily intelligible to a foreigner possessing a knowledge of Latin.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 115-116).

estrangeiro, as cantigas são decididamente a melhor porção.<sup>183</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 69, tradução nossa).

Porém, nesta nova edição, a pontuação é tão defeituosa quanto nos livros portugueses mais antigos; e, portanto, o estrangeiro experimenta dificuldade adicional ao estudar um poeta, cujas obras, mesmo quando corretamente impressas, não seriam tão facilmente compreendidas.<sup>184</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 84, tradução nossa).

A análise das obras de Miranda não consiste apenas de elogios; pelo contrário, Bouterwek critica suas escolhas nas ocasiões em que poderia ter sido ainda mais inovador, não somente nas questões estéticas, bem como no linguajar. Mais uma vez, o gosto pelo popular foi fator discriminante para qualificar os escritores que souberam articular o espírito nacional de seu povo à literatura, consoante a capacidade de representá-lo em sua época<sup>185</sup>; no quesito anterior, Miranda deixou a desejar.<sup>186</sup>

Neste propósito, ele se apropriou do interessante estilo popular, no qual adquiriu extraordinária facilidade como um poeta idílico. Se o espírito poético de seu estilo popular brilhasse conspicuamente em suas comédias, tal como em seus poemas pastorais, o anterior, assim como o último, teriam sido inovadores e únicos em seu tipo.<sup>187</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 80-81, tradução nossa).

---

<sup>183</sup> Em inglês, “In a word this eclogue is entirely national. None but a Portuguese can justly estimate its poetic merits and demerits. To a foreigner the cantigas are decidedly the best portion.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 69).

<sup>184</sup> Em inglês, “But in this new edition the punctuation is as faulty as in Portuguese books of older date; and thus the foreigner experiences additional difficulty in studying a poet whose works, even if correctly printed, would not be very easily understood.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 84).

<sup>185</sup> O mesmo é apontado em Gil Vicente, quando a crítica é evidente: “A invenção e a execução dos Autos de Gil Vicente apresentam igual grau de falta de refinamento. Os menos artificiais dentre eles são aqueles nos quais aparecem os traços mais decididos do caráter nacional.” (tradução nossa). Em inglês, “The invention and the execution of Gil Vicente’s Autos present an equal degree of rudeness. The least artificial are also those in which the most decided traits of national character appear.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 92).

<sup>186</sup> Por sua vez, esta habilidade de coesão literária com seu tempo fora louvada em Antônio Ferreira: “Mas o espírito patriótico que então brilhou na alma de Ferreira fora combinado, de uma maneira ao todo incomum, com similar entusiasmo para os clássicos antigos e particularmente pela poesia de Horácio.” (tradução nossa). Em inglês, “But the patriotic spirit which thus glowed in the soul of Ferreira was combined, in a manner then altogether uncommon, with a similar enthusiasm for the ancient classics, and particularly for the poetry of Horace.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 112).

<sup>187</sup> Em inglês, “For this purpose he availed himself of the interesting popular style in which he acquired such extraordinary facility as an idyllic poet. Had the poetic spirit of this popular style shone as conspicuously in his comedies as in his pastoral poems, the former, like the latter, would have been novel and single in their kind.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 80-81).

Graças às suas contribuições à literatura portuguesa, Bouterwek associa-o a outros escritores de nível menor, e que se espelharam no estilo e na escola por ele formada,<sup>188</sup> como Antônio Ferreira, Andrade Caminha e Diogo Bernardes, os quais são comparados e estão subjugados ao gênio de Miranda. Esta organização, que tem por princípio associar escritores menores a um gênio literário, é artifício da crítica de Bouterwek, anteriormente descrito por Struck.<sup>189</sup>

Na continuidade do texto, observa-se que o estudo sobre Gil Vicente segue o mesmo padrão do anterior: biografia, vida literária, descrição de estilos de escrita e gêneros. Neste momento, chega a ser dispensável uma exposição copiosa sobre as qualidades desse dramaturgo, como foi feito acima com base em Sá de Miranda, porém, as novas discussões colocadas em pauta serão aqui aludidas.

Gil Vicente, que também escrevera em castelhano, torna-se o centro das questões sobre a propriedade nacional, formada ao redor dos portugueses e espanhóis. Neste cenário, as disputas linguísticas são novamente tema de reflexão, sobretudo por Vicente ter se envolvido, indiretamente, no debate entre as duas nações ibéricas em que se questionavam as origens do gênero das comédias espirituais, nas quais ele se distinguira. Bouterwek tenta colocar-se à margem de qualquer posição e propõe, mediante indagações – por vezes não respondidas –, discutir os pressupostos preestabelecidos:

Fora Gil Vicente o primeiro escritor a exhibir um tipo de projeto poético no entretenimento dramático para a celebração de festivais cristãos, elevando então para consideração literária um estilo de composição que previamente degradado por monges e bufões? Ou as obras correspondentes de escritores espanhóis contemporâneos foram completamente esquecidas? Fora Gil Vicente um imitador de Torres Naharro, ou este copiou daquele?<sup>190</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 89, tradução nossa).

<sup>188</sup> “Diversos poetas que honraram seu país natal, particularmente Antonio Ferreira e Andrade Caminha, formaram-se principalmente no modelo de Sá de Miranda.” (tradução nossa). Em inglês, “Several poets, who reflect honour on their native country, particularly Antonio Ferreira and Andrade Caminha, formed themselves chiefly on the model of Saa de Miranda.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 63).

<sup>189</sup> Em algumas páginas à frente, há a reiteração desta associação, porém, envolvendo nomes de diferentes escritores: “Em suas ambições poéticas, ele [Antônio Ferreira] se uniu a muitos outros jovens de talentos similares, particularmente Andrade Caminha, Jerônimo Cortereal e Diogo Bernardes, os quais formaram um círculo de discípulos e admiradores de Sá de Miranda junto a outros poetas de sua época.” (tradução nossa). Em inglês, “In his poetic pursuits, he was joined by several young men of similar talent, particularly Andrade Caminha, Jeronymo Cortereal, and Diogo Bernardes, who, together with other poets of that age, formed a circle of disciples and admirers of Saa de Miranda.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 113-114).

<sup>190</sup> Em inglês, “Was Gil Vicente then the first writer who exhibited a kind of poetic design in dramatic entertainments for the celebration of Christian festivals, and thus raised to literary consideration a style of composition which had previously been degraded by monks and buffoons? Or are the corresponding works of contemporary Spanish writers lost in oblivion? Was Gil Vicente an imitator of Torres Naharro, or did the latter copy from the former?” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 89).

Bouterwek dedica um grande espaço para o estudo desse autor e descreve muitas de suas obras conhecidas; um feito considerável, tendo em vista a raridade desses textos.<sup>191</sup> O acesso restrito a esses volumes, incluindo aos estudiosos mais importantes da literatura em língua portuguesa, como Barbosa Machado e, posteriormente, até o próprio Almeida Garrett, leva-nos a pensar que Bouterwek conseguiu lê-los em português, seja pela ajuda de seu amigo erudito, ou não; uma conquista notável entre a comunidade de estudiosos. Não seria insólito pensar, conhecendo a tendência dos estudos hispanistas em Göttingen durante o século XVIII, que o professor alemão também conhecesse a língua espanhola e um pouco da portuguesa; porém não o podemos afirmar seguramente, dado à falta de informações sobre seus conhecimentos idiomáticos. Segundo Zilberman,

Talvez [Bouterwek] não tenha analisado os textos dos quatro volumes que formavam a compilação, mas o que leu bastou para estabelecer o *corpus* reproduzido em seu livro sobre a literatura portuguesa e repetido por seus sucessores. (ZILBERMAN, 2006, p. 210).

Os dados biográficos concernentes ao dramaturgo foram extraídos das obras de Diogo Barbosa Machado e do espanhol Nicolas Antonio, autor de *Biblioteca Hispana Nova* (1696), conforme alega o professor alemão.<sup>192</sup> Contudo, o elemento que distingue o empreendimento de Bouterwek na análise sobre Vicente são as citações, as quais não foram expostas nos títulos consultados acima. Na visão do leitor que desconhecesse o português, pouco é apreendido dos muitos exemplos citados em rodapé, restando-lhes os dados fornecidos pelo crítico, que, como estrangeiro, tenta destrinchar o conteúdo dos livros aludidos. Nesse sentido, a referência a uma edição de 1562,<sup>193</sup> composta por cinco volumes e contida no acervo da universidade, sugere que esta tenha sido a procedência de todas as amostras de farsas apresentadas.

Voltando ao texto, outra consideração digna de ser descrita é a grave crítica voltada aos portugueses, por deixarem de reeditar os clássicos de sua literatura. Além das

---

<sup>191</sup> Um aspecto notado pelos editores ingleses no prefácio ao primeiro volume e previamente apresentado neste capítulo. (PREFACE, 1823, v. 1, p. 9-10).

<sup>192</sup> “Nicolas Antonio e Barbosa Machado são as autoridades dos detalhes aqui coletados. Do mesmo modo, Dieze citou, dos escritores acima mencionados, as considerações dadas no apêndice a Velasquez, p. 86. Referentes a Gil Vicente e Paula Vicente, a filha do poeta.” (tradução nossa). Em inglês, “Nicolas Antonio and Barbosa Machado are the authorities for the particulars here collected. Dieze has likewise quoted from the above-mentioned writers, the account given in the appendix to Velasquez, p. 86. Respecting Gil Vicente, and Paula Vicente, the daughter of the poet.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 85).

<sup>193</sup> Em inglês, “Compilaçam de todalas obras de *Gil Vicente* &c. – Empreiosse em a muy noble e sempre leal cidade de Lisboa, anno 1562, in folio.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 86). A nota completa foi inserida no capítulo seguinte, no tópico a respeito de Ferdinand Denis.

implicações culturais negativas, é claro que a falta de reedições dificultou o trabalho do crítico pela ausência de citações – assim como acontecera com os poemas de D. Dinis. As causas da “defasagem da intelectualidade lusitana”, abordadas no primeiro capítulo, provocaram grande indignação em Bouterwek, diante desse “descaso” português:

Desconheço qualquer edição das obras de Gil Vicente. Barbosa Machado não menciona nenhuma obra de data subsequente. Como pode o público português se esquecer, completamente, de um antigo favorito? Somente alguns Autos de Gil Vicente foram impressos isoladamente no século dezessete.<sup>194</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 87, tradução nossa).

Entretanto, a informação fornecida por Bouterwek não está correta, pois como diz Regina Zilberman, “Barbosa Machado informa que, em 1586, foi impressa uma edição corrigida, sendo que ‘várias obras poéticas saíram dispersas antes’[...]” (ZILBERMAN, 2006, p. 209). Ao continuar seu argumento, a crítica enfatiza que realmente não existiram, durante o século XVIII, novas edições da obra de Gil Vicente e, portanto, os historiadores da literatura tiveram de se apoiar nessas antigas publicações do século XVI para a concretização de suas obras.

A partir de então, começa a ser ilustrado um panorama literário mais completo, onde é perceptível a coexistência de vários gêneros literários em um mesmo período, característica particularmente evidenciada pela exposição em ordem cronológica dos eventos. Não é possível, segundo Bouterwek, seguir uma sequência orientada pelos estilos literários; seria inviável até pela quantidade de textos que, de fato, existiu. Esse cenário é contemplado ao se estudar o exemplo de Gil Vicente, conterrâneo de Sá de Miranda, representantes de estilos essencialmente distintos:

Retrocedendo, dos dramas de Gil Vicente às obras poéticas de escritores clássicos, encabeçados por Sá de Miranda, o leitor se verá transportado para um mundo completamente diferente. Porém, esta transição pertence à ordem cronológica do assunto estudado.<sup>195</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 111, tradução nossa).

---

<sup>194</sup> Em inglês, “I know of no later edition of Gil Vicente’s works. Barbosa Machado mentions none of subsequent date. How can the Portuguese public so completely forget an old favourite? Only a few Gil Vicente’s Autos were printed singly in the seventeenth century.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 87).

<sup>195</sup> Em inglês, “On reverting from the dramas of Gil Vicente to the poetic works of the classic writers, at whose head Saa de Miranda stands, the reader will find himself transported to a totally different world. But this transition belongs to the chronological order of the subject.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 111).

A próxima personalidade literária a ser analisada é Camões e, como era de se esperar, a extensão desta parcela é relativamente superior aos demais tópicos, em virtude do vasto número de notícias existentes sobre ele, agrupadas em setenta páginas (número que supera a extensão do Livro Primeiro). Diversos escritores são associados a Camões, até mesmo Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro e muitos outros que excederam na arte escrita anteriormente, mas que ficaram à sombra do herói lusitano. Uma característica da análise a respeito deste autor é a associação feita a mitos e fatos biográficos que agregam valor ao caráter *heroico* de seu épico. Nos trechos abaixo, Camões é retratado como o verdadeiro homem de seu tempo: um herói aventureiro que soube articular-se a todos os grupos literários de Portugal:

Camões, é verdade, fora um pobre aventureiro que perambulava pela Índia, no período em que Ferreira, Andrade Caminha e outros escritores contemporâneos estabeleciam a moda poética na brilhante corte lisboeta. [...] Desse modo, o gênio de Camões, como os primeiros poetas portugueses, pode ser considerado conjuntamente a seus méritos como um poeta no espírito da época em que vivera.<sup>196</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 138-139, tradução nossa).

Ele se tornou soldado e serviu contra os Mouros como um voluntário na frota portuguesa no Mediterrâneo. Quando o tempo e a oportunidade permitiam, ele compunha versos, normalmente, líricos ou elegíacos.<sup>197</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 141, tradução nossa).

A maioria das notícias contadas sobre Camões tem respaldo em outros livros consultados por Bouterwek; sob este propósito, ele cita Barbosa Machado para constatar o “traço heroico” que marcou a imagem daquele escritor, muito embora haja – curiosamente, da sua parte – suspeitas sobre a veracidade dessas informações. Bouterwek, como crítico, tem discernimento para discutir com suas fontes; no caso, a inexatidão de Dieze é censurada por atribuir, erroneamente, a Camões palavras pertencentes a Júlio César.

<sup>196</sup> Em inglês, “Comoens (sic), it is true, was a poor adventurer, wandering in India, at the period when Ferreira, Andrade Caminha, and other contemporary writers were setting the poetic fashion at the brilliant court of Lisbon. [...] Thus the genius of Camoens, as the first of Portuguese poets, may be considered conjointly with his merits as a poet in the spirit of the age in which he lived.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 138-9).

<sup>197</sup> Em inglês, “He became a soldier, and served against the Moors as a volunteer on board the Portuguese fleet in the Mediterranean. To be once a hero and a poet was now the object of his ambition. Whenever time and opportunity permitted, he composed verses, which often, particularly those of the lyric and elegiac class [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 141).

Barbosa Machado, em seu dicionário, diz sobre Camões: ‘Salvou se em huma taboa com o seu divino poema, imitando a Júlio César, que no porto de Alexandria em huma maõ levava la espada e em a outra seus commentarios.’ De modo a acrescentar ao milagre uma analogia perfeita, Dieze, no seu apêndix a Velasquez, atribuiu as últimas palavras de Camões, as quais se referiam somente a César. A ocorrência ocasional de descuidos deste tipo deve ser esperada na história da literatura.<sup>198</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 145, tradução nossa).

Portanto, de forma geral, a parte referente à biografia de Camões foi alicerçada nos apontamentos de Barbosa Machado, no que diz respeito a datas e a curiosidades históricas, como o envolvimento do poeta com a Dama do Paço, Dona Catherina de Attayde. Demonstrando familiaridade com as fontes bibliográficas portuguesas, Bouterwek faz uma ressalva: ele alerta que a biografia de Machado é um rearranjo dos fatos comentados por Manuel de Faria e Sousa em a “Vida del Poeta”, artigo que compõe a edição comentada de *Os Lusíadas* (1639).<sup>199</sup> De fato, toda a sequência redigida por Barbosa Machado é um eco do trabalho de Faria e Sousa, compreendendo citações e fatos biográficos. Tendo conhecido o conteúdo desses dois livros, ambos registrados na GUK,<sup>200</sup> é possível que Bouterwek tenha lido esse último anexo sobre a vida de Camões redigido em espanhol.

Assim sendo, no decorrer da obra, existe uma variedade de apropriações de Barbosa e de Sousa, nem sempre declaradas, mas que, a partir de uma simples comparação entre textos, tornam-se evidentes. Apesar da ascendência, o suporte oferecido pelo texto de

<sup>198</sup> Em inglês, “Barbosa Machado, in his dictionary says of Camoens – Salvou se em huma taboa com o seu divino poema, imitando a Julio Cesar, que no porto de Alexandria em huma maõ levava la espada e em a outra seus commentarios. In order to render the miracle perfect in analogy, Dieze in his appendix to Velasquez, has applied to Camoes last words in which Machado refers exclusively to Cæsar. Inadvertencies of this sort must be expected occasionally to occur in the history of literature.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 145).

<sup>199</sup> “A fonte original, de onde derivam essas notas biográficas, são, deve-se admitir, um tanto obscuras. Por volta da metade do século dezessete, um escritor chamado Manoel Severim de Faria compilou uma narrativa biográfica de Camões a partir das obras do próprio poeta. Esta biografia serviu como base para Manoel de Faria e Sousa, que anexou uma ‘Vida del Poeta’ à sua edição de Camões e seus comentários sobre os Lusíadas. Os fatos então coletados foram, posteriormente, retificados e arranjados por escritores subsequentes, e entre outros por Barbosa Machado. Manoel de Faria anexa importância particular às origens nobres e ao brasão de Camões. Ele dá a passagem da carta na qual se diz que o poeta escreveu na aproximação da morte, e que Barbosa Machado reimprimiu. Suas palavras são: - Quem houvio dizer nunca, que em tam pequeno teatro, como o de hum pobre leito, quisesse Fortuna representar tam grande desventura?” (tradução nossa). Em inglês, “The original source whence these biographic notices are derived is, it must be admitted, somewhat obscure. About the middle of the seventeenth century, a writer named Manoel Severim de Faria compiled a biographical account of Camoens from the poet’s own works. This biography served as a ground work for Manoel de Faria e Sousa, who annexed a *Vida del Poeta* to his edition of Camoens and his commentaries on the Lusiad. The facts thus collected were afterwards rectified and arranged by subsequent writers, and among others by Barbosa Machado. Manoel de Faria attaches particular importance to the noble extraction and armorial bearings of Camoens. He gives the passage from the letter which the poet is said to have written on the approach of death, and which Barbosa Machado has re-printed. The words are: - Quem houvio dizer nunca, que em tam pequeno teatro, como o de hum pobre leito, quisesse Fortuna representar tam grande desventura?” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 147).

<sup>200</sup> Catálogo da Universidade de Göttingen. Em alemão, “Göttinger Universitätskatalog.”

Machado se resume aos dados biográficos, não conferindo nenhuma espécie de embasamento crítico que fornecesse ajuda ao professor alemão durante suas ponderações sobre os títulos avaliados. A fim de demonstrar o processo de construção da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* e de relatar as origens de seus comentários, foram selecionadas as citações abaixo relativas a uma mesma estrofe do décimo canto, à qual todos os escritores atribuem ser inspirada no fatídico naufrágio de Camões, relatado anteriormente<sup>201</sup>; a única diferença é que Bouterwek teve a preocupação de oferecer aos leitores uma súpula do enredo do décimo canto comentado. A seguir, expõem-se os comentários de Faria e Sousa, de Machado e de Bouterwek, respectivamente:

Depois, foi a Macau com o ofício de Provedor mor dos defuntos: onde, com o descanso, devia corrigir este Poema; pois já quando saiu perdido no porto, ou à margem do rio Mekong, falou como se fosse coisa concluída, dizendo na e. 128 aí citada, que ali salvou essa obra que trazia consigo. Tendo saído náufrago naquela praia do Mekong, ou melhor, no delta amplíssimo no qual desemboca e entra no mar por onde vinha navegando, e achando-se em miséria extrema, procurando se recuperar, deteve-se alguns dias convidado por bondade, e abrigo que achou naquela terra, como parece da própria e. 128. *Este receberá plácido e brando*. Aqui se crê ter escrito aquelas admiráveis Redondilhas à imitação do Salmo: *Super flumina Babylonis* [...].<sup>202</sup> (SOUSA in CAMÕES, 1639, p. 30, grifo do autor, tradução nossa).

<sup>201</sup> Outras passagens foram selecionadas com o propósito de corroborar o uso desta bibliografia, “Voltando para a Pátria, e não recebendo o premio devido aos seus merecimentos a deixou com resolução de nunca mais a ver repetindo para desafogo de sua justificada queixa as palavras de Scipião Africano. *Ingrata pátria non possidebis ossa mea.*” (MACHADO, 1752, v. 3, p. 70). Em Faria e Sousa, antecessor de Machado, encontra-se a seguinte estrofe: “Seja como for, o Poeta saiu de Lisboa para a Índia tão escandalizado que propôs não retornar à pátria, crendo que assim se vingava dela; pois na própria carta diz que, ao sair do porto, disse aquelas palavras notórias do Cipião Africano: *Ingrata pátria non possidebis ossa mea* [...]”(tradução nossa). Em espanhol, “Sea como fuere, el Poeta salió de Lisboa para la India tan escandalizado, que llevó proposto de no volver a la patria, creyendo se vengava assi dela; pues en la própria carta dize, que al salir del puerto dixo aquellas notórias palavras de Scipion Africano: *Ingrata pátria non possidebis ossa mea* [...]” (SOUSA in CAMÕES, 1639, p. 28). Por fim, em Friedrich Bouterwek, se repetem as mesmas palavras: “Que seu ingrato país não deveria nem mesmo ter seus ossos era a opinião que, na sua partida, seus sentimentos de indignação o impeliram a exclamar, nas palavras do Cipião: - *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*” (tradução nossa). Em inglês, “That his thankless country should not have even his bones, was the sentiment which, on his departure, his indignant feelings prompted him to exclaim in the words of Scipio: - *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.*” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 142).

<sup>202</sup> Em espanhol antigo, “Despues pasó a Macao con el oficio de Proveedor mayor de los defuntos: adonde con el descanso devia dar alguna buena mano a este Poema; pues ya quando salió perdido en el puerto, ò margen del rio Mecon, habló como de cosa concluida, diciendo en la e. 128 ai citada, que allí salvò esta obra que traia consigo. Aviendo salido naufrago en aquella playa del Mecon, o bien del seno amplíssimo en que èl desboca, i entra en el mar, por donde venia navegando, i hallandose en miseria extrema, i procurando repararse, se detuvo algunos dias combidado de humanidad, i abrigo que hallò en aquella tierra, como rarece de la propia e. 128. *Este receberá plácido e brando*. Aquí se cree aver escrito aquellas admirables Redondillas, a imitació del Psalmo: *Super flumina Babylonis* [...]” (SOUSA in CAMÕES, 1639, p. 30).

Havendo exercitado em Macau o Ofício de Provedor mor dos Defuntos se embarcou para Goa com esperança de lograr nela o desejado descanso, porém a fortuna, que sempre lhe era oposta, permitiu que navegando pela Costa de Cambaya (sic) naufragasse na foz do rio Meconde de cuja fatalidade se salvou em uma taboa com o seu divino Poema, imitando nesta grande ação a Júlio César, que no Porto de Alexandria em uma mão levava a espada, e em outra os seus comentários. Deste trágico sucesso se lembra nos *Lusíad*. Cant. 10. Estanc. 128. (MACHADO, 1752, v. 3, p. 70).

Detalhadamente, na chegada de um novo vice-rei em Goa, ele obteve a permissão de retornar àquela ilha, porém, na passagem para lá ele naufragou na costa de Camboja. Com dificuldade, ele salvou sua vida, e também seu poema, cujo manuscrito ensopado de água do mar ele trouxe a terra. A circunstância é notada na própria obra.<sup>203</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 144, tradução nossa).

A alusão a este evento ocorre no décimo canto dos *Lusíadas*, no qual a deusa Tétis, do cume de uma colina, aponta para Vasco da Gama o teatro das conquistas futuras dos portugueses. Tétis diz, apontando à costa de Camboja, mas sem mencionar Camões: - Este recebera placido e brando / No seu regaço os Cantos, que molhados / Vem de naufragia triste e miserando, / Dos procellosos baixos escapados.<sup>204</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 144, tradução nossa).

Quanto ao estudo de *Os Lusíadas*, Bouterwek elogia a iniciativa do escritor em narrar os episódios mais notáveis da história portuguesa, mesmo admitindo que sua estrutura não seja convencional para um poema épico, ao se considerar as regras clássicas,<sup>205</sup> pois esta obra não segue a teoria da unidade de ação prevista em textos, como a *Iliada* de Homero. Ademais, o autor dispensou o uso de outras formalidades épicas em prol das adaptações

<sup>203</sup> Em inglês, “At length, on the arrival of a new viceroy at Goa, he obtained permission to return to that island, but in the passage thither was shipwrecked on the coast of Camboya. With difficulty he saved his life, and also his poem, the manuscript of which, soaked with sea-water, he brought to land. The circumstance is noticed in the work itself.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 144).

<sup>204</sup> Em inglês, “The allusion to this event occurs in the tenth canto of the *Lusíad*, in which the goddess Thethis from the summit of a hill, points out to Vasco da Gama the theatre of the future conquests of the Portuguese. Thethis says, pointing to the cost of Camboya, but without naming Camoens: - Este recebera placido e brando / No seu regaço os Cantos, que molhados / Vem de naufragia triste e miserando, / Dos procellosos baixos escapados.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 144).

<sup>205</sup> “Mas com todos seus esforços em obter perfeição clássica, ele era um português no espírito de sua época e um patriota bom demais para desejar ser qualquer outra coisa. [...] Ele não conseguiu produzir um todo perfeitamente clássico de qualquer forma. Mas as passagens mais belas de seus poemas, particularmente dos seus *Lusíadas*, irão resistir à crítica mais rígida, conforme as regras da poesia pura e da excelência clássica.” (tradução nossa). Em inglês, “But with all his endeavours to attain classic perfection, he was a Portuguese in the spirit of his age, and too good a patriot to wish to be anything else. [...] He was unable to produce a classically perfect whole of any extent. But the more beautiful passages of his poems, particularly of his *Lusíad*, will stand the test of the most rigid criticism according to the rules of pure poetry and classic excellence.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 150).

feitas.<sup>206</sup> Mesmo com estas mudanças no esqueleto do épico, *Os Lusíadas* são a obra mais importante da história da poesia e eloquência em língua portuguesa. Por sua importância político-histórico-literária, na narração das glórias do povo lusitano, contou com igual apreço do público e dos intelectuais:

Camões pretendia realizar um agrupamento poético e épico de todos os grandes e mais interessantes eventos nos anais de seu país natal. Portanto, ele felizmente selecionou o evento que constitui a época mais brilhante na história portuguesa, como um fator unificador para todas as diferentes partes nesta imagem épica.<sup>207</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 153, tradução nossa).

Em referência à divisão episódica desse épico, Bouterwek afirma que: “em verdade, *Os Lusíadas* não têm episódios”<sup>208</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 153, tradução nossa), pois segue a unidade histórica de Portugal e, caso o leitor a desconheça, infelizmente perderá suas “belezas essenciais.”<sup>209</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 165, tradução nossa). Resgatando o prestígio que a literatura italiana imprimiu em Portugal, Bouterwek associa esta composição com a *Divina Comédia* de Dante, já que ambas não se configuram como “epopeias no sentido estrito do termo.”<sup>210</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 183, tradução nossa). Em termos de identificação da obra com seu país e época, o épico camoniano é a máxima representação literária de Portugal. Em virtude da estrutura diferenciada dessa obra,

---

<sup>206</sup> “A composição perdeu a vantagem daqueles pequenos grupos de personagens, os quais teriam, caso contrário, sido reunidos ao redor da personagem principal. A partir deste plano, portanto, *Os Lusíadas* não podem ser julgados como um modelo de perfeição épica como a *Ilíada*.” (tradução nossa). Em inglês, “The composition lost the advantage of those little groups of characters which would otherwise have been assembled around the principal character. From its plan, therefore, the *Lusíad* cannot be accounted such a model of epic perfection as the *Illiad* [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 152).

<sup>207</sup> Em inglês, “A poetic and epic grouping of all the great and most interesting events in the annals of his native country, was what Camoens wished to accomplish. He therefore very happily selected the event which constitutes the most brilliant epoch in the Portuguese history, as a common keeping point for all the different parts of his epic picture.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 153).

<sup>208</sup> Em inglês, “But the *Lusíad* has in reality no episode, except the short story of the giant Adamastor.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 153).

<sup>209</sup> Em inglês, “[...] most essential beauties [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 165).

<sup>210</sup> “Por fim, os dois poemas se distinguem pelo tipo de sentimento que prevalece em cada um e por um estilo totalmente diferente. Dante introduziu toda a variedade do mundo terrestre, do qual ele teve controle perfeito, dentro da região mística da existência celeste e subterrânea [...]. Camões brilhou com patriotismo e heroísmo; e, para evitar o enfraquecimento do caráter patriótico e heroico-nacional de seu poema, mediante a força do interesse religioso, ele preferiu introduzir em sua ficção terrestre o céu da mitologia, porque sentiu que isto lhe proporcionaria a imagética mais refinada.” (tradução nossa). Em inglês, “Finally, the two poems are distinguished by the kind of feeling which prevails in each and by a total different style. Dante introduced all the variety of the terrestrial world, of which he had perfect command, into the mystic region of a celestial and subterranean existence [...]. Camoens glowed with patriotism and heroism; and to avoid weakening the patriotic and nationally heroic character of his poem, by the force of religious interest, he preferred introducing into his terrestrial fiction the heaven of mythology, because he felt that it afforded him the finest imagery.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 183-4).

alguns portugueses engajados nos estudos literários questionaram o valor de *Os Lusíadas*, mas todos foram desmerecidos por Bouterwek.<sup>211</sup>

Na sequência, o início do enredo é apresentado com minúcia e compreende a tradução integral da primeira estrofe,<sup>212</sup> uma das poucas exceções na *História da Poesia e Eloquência*, na tentativa de oferecer um vislumbre aos leitores da maior obra portuguesa. Bouterwek se deteve na descrição pormenorizada dos cantos do poema, dedicando vinte e nove páginas à exposição do épico, em conjunção a citações referentes às estrofes mais célebres. No entanto, no entender do crítico, “grande parte da segunda metade do poema, do sexto ao décimo canto, é relegada à sombra pela primeira metade; e a falta essencial de um interesse crescente enfraquece o caráter épico do todo.”<sup>213</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 176, tradução nossa).

É necessário apontar que, após os comentários sobre *Os Lusíadas*, Bouterwek examina, de forma mais breve, os demais trabalhos de Camões, por estes serem “efusões secundárias de seus sentimentos e sua imaginação.”<sup>214</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 184, tradução nossa). O crítico aponta que, devido à reverência que os portugueses tinham ao poeta, este serviu também de modelo para todos os tipos de composições poéticas a que se dedicara.<sup>215</sup> Nesse aspecto, seus sonetos e suas canções são elogiados pela ascendência de ambos com o estilo italiano de Tasso e Petrarca. Quando o professor alemão considera ser necessário fazer alguma censura, logo a reitera ressaltando a maestria do poeta. Um exemplo disso é encontrado em rodapé, no qual compara uma estrofe camoniana às *canzoni* de

---

<sup>211</sup> “Todas as objeções que podem surgir contra uma composição épica deste tipo são tão óbvias que, de um mero esboço do conteúdo dos *Lusíadas*, é impossível conceber como um poeta, mesmo com o talento mais incomum, poderia formar um todo grandioso e belo em um plano inicial tão trivial e irregular. [...] A unidade de efeito e, consequentemente, do poema, se encerra completa e unicamente na execução do plano, a partir do qual um poeta como Camões pode criar *Os Lusíadas*.” (tradução nossa). Em inglês, “All the objections which may be urged against an epic composition of this kind, are so very obvious, that from a mere sketch of the contents of the *Lusiad*, it is impossible to conceive how a poet, even of the most uncommon talents, could form a grand and beautiful whole on a plan at once so trivial and so irregular. [...] The unity of effect, and consequently of the poem, rests wholly and solely on the execution of the plan, out of which only a poet like Camoens could have created a *Lusiad*.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 158-9).

<sup>212</sup> A tradução integral dessa estrofe se encontra em inglês, na edição de 1823, e em alemão, no original de 1805; uma exceção à regra, pois todas as demais citações se encontram em português. (BOUTERWEK, 1805, p. 163).

<sup>213</sup> Em inglês, “The chief portion of the second half of the poem, from the sixth to the tenth canto, is thrown into shade by the first half; and the essential want of a rising interest, weakens the epic character of the whole.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 176).

<sup>214</sup> Em inglês, “The other poetic works of Camoens, appeared even in the eyes of the poet himself, when compared with the *Lusiad*, merely secondary effusions of his feelings and his imagination.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 184).

<sup>215</sup> “O mesmo espírito nacional, que preveniu o patriótico Camões de rejeitar as antigas formas líricas da poesia portuguesa, o induziu a escrever diversos dramas sem deixar de contemplar, dessa forma, gênero poético algum.” (tradução nossa). Em inglês, “The same national spirit which prevented the patriotic Camoens from rejecting the old lyric forms of the Portuguese poetry, induced him to write several dramas, and thus to leave no kind of poetic composition unattempted.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 200-201).

Petrarca: “Pode qualquer coisa se assemelhar mais com Petrarca, em espírito e estilo, do que a estrofe seguinte? Toda a canção, entretanto, é imitada de Bembo”<sup>216</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 189, tradução nossa). A esse comentário, segue uma retificação de Bouterwek: “Nessas canções, bem como em outros poemas de Camões, a pintura do cenário natural, onde quer que a imagem lírica a abrace, apresenta um caráter de percepção vivaz, a qual nunca poderia ser imitada, mesmo de perto, por qualquer exercício trabalhoso da imaginação.”<sup>217</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 189-190, tradução nossa). Outra manifestação crítica sobre a obra poética de Camões está na falta de correção do estilo elegíaco,<sup>218</sup> bem como na impureza de suas élogas ao tentar “dar um interesse poético a eventos emprestados da vida real.”<sup>219</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 196, tradução nossa).

Esse distanciamento “emocional”, que permitiu a crítica livre no estudar da obra do maior escritor português, é justificável e compreensível, se considerarmos a nacionalidade e a função do historiador de literatura: como estrangeiro, Bouterwek se posiciona à margem de qualquer “inflamar de ânimos” que pudesse interferir no juízo de críticos portugueses sobre obras conterrâneas. Ele mesmo aponta, mais para o final desta história literária, como o orgulho nacional pôde obscurecer o julgamento. Dessa forma, a convicção no trabalho crítico abriu espaço a comentários elogiosos e censuras a Camões, os quais, provavelmente, agitaram a intelectualidade lusitana oitocentista.

<sup>216</sup> Em inglês, “Can any thing more strongly resemble Petrarch, both in spirit and style than the following stanza? The whole canção is, however, imitated from Bembo.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 189).

<sup>217</sup> Em inglês, “In these canções, as well as in the other poems of Camoens, the painting of natural scenery, wherever the lyric Picture embraces it, presents a character of lively perception, which never could be imitated in the closet (sic) by any laboured exercise of the imagination.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 189-190).

<sup>218</sup> “Camões, no entanto, não tinha uma noção correta do estilo elegíaco. Como Ferreira, ele o misturava com o epistolar. Mas uma junção do tipo não é menos prejudicial à ternura, do que a unidade do caráter elegíaco e, em geral, priva a elegia de metade do seu interesse poético. [...] Porém, a suavidade harmoniosa e o rico fluir da expressão, mesmo quando se aproxima da prolixidade, estabelece, enfim, em certo grau, a unidade do caráter entre os ingredientes heterogêneos, do qual a elegia de Camões é composta.” (tradução nossa). Em inglês, “Camoens had, however, no correct notion of the elegiac style. Like Ferreira, he blended it with the epistolary. But such a junction is no less detrimental to the tenderness than to the unity of the elegiac character, and in general deprives elegy of half of its poetic interest. [...] But the harmonious softness and rich flow of the expression, even where it approaches to prolixity, establish, at least, in a certain degree, a unity of character among the heterogeneous ingredients of which the elegy of Camoens is composed.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 193).

<sup>219</sup> “Mas com todos os seus méritos inquestionáveis, eles não atingem o estilo puro das élogas de Sá de Miranda. O caráter rural que eles devem possuir é, além disso, muito defeituoso, em consequência de Camões ter empregado, como Ferreira, as formas bucólicas meramente para dar um interesse poético a eventos emprestados da vida real [...] e assim o espírito da poesia pastoral frequentemente desaparecia por completo nessas composições em que sua forma era exibida de maneira ostentosa.” (tradução nossa). Em inglês, “But with all their unquestionable merits, they do not reach the pure eclogue style of Saa de Miranda. The rural character which they ought to possess, is besides much impaired, in consequence of Camoens having, like Ferreira, employed the bucolic form merely to give a poetic interest to events borrowed from real life. [...] and thus the spirit of pastoral poetry often entirely vanished in those compositions in which its form was most ostentatiously displayed.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 196-197).

Além de Camões, outros autores do século XVI são contemplados, incluindo-se Jorge Montemayor, cujo sucesso se dera em solo espanhol, no cultivo do gosto pelos pastorais. Este período indica o surgimento de outra vertente de escritores, formada ao redor da escola clássica fundada por Sá de Miranda; o grupo é composto por Antônio Ferreira, Andrade Caminha, Diogo Bernardes e Jerônimo Cortereal.

Logo que o assunto se volta para a obra de Diogo Bernardes, uma nova questão extremamente delicada torna-se assunto das reflexões: o litígio envolvendo plágio de Bernardes dos sonetos camonianos. Embora, neste caso, o crítico esteja a favor do escritor<sup>220</sup>, não é se estranhar que o comentário mais inofensivo a respeito destas disputas causasse mal-estar nos portugueses que se engajaram nos estudos literários no século XIX, envoltos pelo forte veio romântico de orgulho nacional.

Os demais escritores são todos organizados em um grupo à parte,<sup>221</sup> paralelo a estas duas vertentes principais do século XVI. Contudo, dada a atenção quase exclusiva à produção em língua vernácula, Bouterwek sente-se obrigado a discutir as produções em latim, de alta expressividade entre os portugueses da nobreza. É visível que ele se exime de qualquer responsabilidade em ter de discutir os nomes que aí se incluem, por não qualificar tais obras como importantes para a delimitação da literatura portuguesa, visto que o latim fora utilizado como língua literária em muitos outros países, não se configurando, a princípio, como elemento de distinção cultural.<sup>222</sup>

Porém, em grande medida, os maiores elogios são feitos àqueles que, de alguma forma, souberam contribuir para o desenvolvimento da língua e da história portuguesa, engajadas à literatura. No excerto abaixo, relativo à contemplação do trabalho de Rodriguez

<sup>220</sup> “Desde sua morte [Diogo Bernardes], ele foi objeto de graves censuras críticas, em particular, devido à suposição, já apontada, de que ele se apropriou de alguns poemas de Camões.” (tradução nossa). Em inglês, “Since his death [Diogo Bernardes] he has been object of severe animadversion, owing particularly to the supposition, which has been noticed, of his having appropriated himself some poems of Camoens.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 218).

<sup>221</sup> “Desconectado com essa escola clássica, que se extinguiu no final do século dezesseis, muitos poetas portugueses seguiram seu próprio caminho, quase da mesma forma que fizera Camões, embora sem alcançar o mesmo sucesso.” (tradução nossa). Em inglês, “Unconnected with this classical school, which became extinct about the close of the sixteenth century, several Portuguese poets pursued their own course, nearly in the same manner as Camoens, though not with the same success.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 225).

<sup>222</sup> “Toma-se a presente oportunidade para mencionar os versos latinos, os quais eram, ainda neste período, correntes em Portugal e, por este tipo de composição, é que homens de educação e até mesmo oficiais de alta patente se empenhavam para obter um lugar próximo dos clássicos antigos, sem interferir com os poetas que aderiram à herança da língua vernácula.” (tradução nossa). Em inglês, “The present opportunity may be taken to mention the Latin verses, which were at this period still current in Portugal, and by composition of which, men of education, and even men in office of the first rank, endeavoured to obtain a place near the ancient classics, without interfering with the poets who adhered to their vernacular tongue.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 225-226).

Lobo, pode-se constatar o valor dado ao aprimoramento da cultura nacional, o que se reflete na numerosa quantidade de páginas a ele dedicadas:

Após Sá de Miranda, Ferreira e Camões, a língua e literatura portuguesa nunca deveu tanto quanto a Rodriguez Lobo, a partir do qual começou de fato a história da eloquência portuguesa. Ele melhorou em alto grau a prosa romântica no idioma português e estabeleceu a fundação para um estilo puro da prosa que, no esforço de alcançar a perfeição clássica neste departamento de composição, os escritores seguintes tentaram meramente seguir no mesmo caminho.<sup>223</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 227-228, tradução nossa).

Os detalhes sobre a estrutura dos poemas são explicados pela familiaridade com a Estética, principal disciplina estudada por Bouterwek durante sua carreira acadêmica, e que lhe rendeu matéria para a publicação de muitos livros. Por esse motivo, a exposição da estrutura e dos estilos de poesias, em particular nas observações a respeito das formas poéticas adotadas, do esquema de métrica e da adaptação dos moldes estrangeiros em formato nacional, é bem desenvolvida. Os comentários sobre a filosofia de certos poemas – analisada dentro dos limites literários – também fluem suavemente e são descritos com uma simplicidade que transparece mesmo na tradução de Ross. Conforme o crítico, o estudo da filosofia e didática aplicadas por um autor incrementaria o valor sobre uma obra poética ou em prosa:

Dessa forma, a poesia não pode ser mais adequadamente combinada com a moralidade do que com a média da composição pastoral. Portanto, não é surpreendente que o discurso dos pastores deveria ser o veículo da filosofia prática. [...] Mas a poesia é, generalizando, uma mera vestimenta da verdade.<sup>224</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 247-248, tradução nossa).

Em contrapartida ao florescimento do gênero poético nos séculos XVI e XVII, a eloquência, segundo o crítico, não conseguiu “superar” o sucesso atingido naquela área, após

---

<sup>223</sup> Em inglês, “To no other poet, after Saa de Miranda, Ferreira and Camoens, are the language and literature of Portugal so much indebted as to Rodriguez Lobo, with whom, indeed, the history of Portuguese eloquence may be said to commence. He so highly improved romantic prose in the Portuguese language, and laid so excellent a foundation for a pure prose style, that in endeavouring to attain classic perfection in that department of composition, later writers have merely followed in the same course.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 227-228).

<sup>224</sup> Em inglês, “Thus poetry cannot be more suitably combined with morality than through the medium of pastoral composition. It is therefore nothing surprising that the discourse of shepherds should be the vehicle of practical philosophy. [...] But poetry is, generally speaking, merely the clothing of truth.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 247-248).

as contribuições de Sá de Miranda, Camões e Antônio Ferreira.<sup>225</sup> A prosa, cultivada com maior ênfase neste período, parece não ter sido muito frutífera entre os portugueses; falha que Bouterwek atribuiu a causas políticas, como a falta de liberdade de expressão, e a outras casualidades, como a falta de talento. A crítica é ácida e não prevê nenhuma absolvição entre os escritores seiscentistas de Portugal. Ainda assim, o desenvolvimento da eloquência, ou a “elegante literatura em prosa”,<sup>226</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 252, tradução nossa) provocou mudanças significativas nos antigos moldes das crônicas históricas, dando espaço para a “arte histórica”.<sup>227</sup> Os autores que contribuíram nesta área, com frequência, estavam ligados ao governo e tinham claro objetivo político, ao qual Bouterwek também imputou caráter literário.

Os homens [Cronistas a serviço do governo] que relataram a história de seu país natal e, mais particularmente, das descobertas e conquistas portuguesas, foram inspirados por um ardente sentimento nacional [...]. No entanto, um esforço para preservar a fidelidade histórica é, em geral, observável nas obras desses escritores. [...] Eles se esforçaram com seriedade para introduzir em suas narrativas o máximo do clássico antigo que pudesse se unir ao estilo da crônica [...].<sup>228</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 259-60, tradução nossa).

A despeito dos elogios à preservação da “fidelidade histórica”, Bouterwek é taxativo ao discutir sobre o quão fidedignas são as representações historiográficas, frisando, quando necessário, os casos em que o ardente espírito patriótico ou crenças pessoais interferiram na narrativa.<sup>229</sup> Dentre os autores mais expressivos, encontram-se João de Barros,

---

<sup>225</sup> “Embora a poesia portuguesa tivesse agora atingido um grau de consideração que não conseguiu superar no século seguinte, a eloquência, ou a elegante literatura em prosa, permanecera deixada para trás.” (tradução nossa). Em inglês, “Though Portuguese poetry had now attained a degree of consideration which in the following century it was unable to surpass, eloquence, or the elegant literature of prose, remained far behind.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 252).

<sup>226</sup> Em inglês, “[...] or the elegant literature of prose [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 252).

<sup>227</sup> “Mas as obras históricas que foram escritas em língua portuguesa no século dezesseis são mais importantes ao amante da literatura, assim como ao político, do que outras composições em prosa, as quais já foram mencionadas [romances e novelas]. [...] E antes que o antigo estilo das crônicas pudesse se tornar inteiramente obsoleto, fora necessário que o espírito da antiga crônica desse passagem ao nobre espírito da arte histórica [...]” (tradução nossa). Em inglês, “But the historical works which were written in the Portuguese language in the sixteenth century, are more important to the lover of literature, as well as the politician, than the other compositions in prose which have just been noticed [romances and novels]. [...] But before the old chronicle style could become entirely obsolete, it was necessary that the old chronicle spirit should yield to the nobler spirit of historic art [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 258).

<sup>228</sup> Em inglês, “The men who [...] related the history of their native country, and more particularly of the Portuguese discoveries and conquests, were inspired with ardent national feeling [...]. But an endeavour to preserve historical fidelity, is in general observable in the works of these writers. [...] They earnestly endeavoured to introduce into their narratives as much of the style of the ancient classics as could be united with the style of the chronicle [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 259-60).

<sup>229</sup> Em comentários como: “Barros aproveita toda a oportunidade para colocar em evidência suas opiniões católicas, embora o resultado não seja, de forma alguma, em benefício da obra histórica.” (tradução nossa). Em

a quem estão vinculados as obras de Lopez de Castanheda, Damião de Góes e Affonso D'Albuquerque. Houve também, com participação reduzida neste trabalho, as novelas e romances de cavalaria por Eloy de Sá Sotomayor e Gaspar Pires de Rebello.

No capítulo seguinte do Livro Segundo, “História da poesia e eloquência portuguesa, dos últimos anos do século dezesseis até o encerramento do dezessete”<sup>230</sup>, o crítico reforça a estagnação do progresso das formas literárias portuguesas, que se perpetua na sequência do Livro Terceiro em “História da Eloquência, Crítica e Retórica Portuguesa durante este período”<sup>231</sup>:

Mas diversas circunstâncias convergiram para limitar o gênio poético em Portugal para uma monótona continuação do estilo antigo em alguns ramos da composição poética, enquanto na Espanha, a poesia dramática cheia de vivacidade nacional, rapidamente avançou na carreira da bem merecida fama.<sup>232</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 274, tradução nossa).

Uma das razões apontadas que explicam essa decadência foi a influência do gongorismo e sua popularidade entre os portugueses;<sup>233</sup> muitos críticos foram avessos ao estilo por obscurecer a expressão, caracterizado pelas inversões e oposições imagéticas, as quais, na concepção destes estudiosos, atrapalham o fluir da linguagem. Bouterwek atribui a expressão afetada e prolixa típica desses estilos como marca de Faria e Sousa, um dos autores extremamente reverenciados em Portugal, e cuja importância dentro da história literária, apesar de qualquer repulsa da crítica oitocentista, deve ser exposta.<sup>234</sup> Mesmo sendo um dos adeptos “não intencionais” do gongorismo e marinismo (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 280)

inglês, “Barros seizes every opportunity for putting forward his catholic opinions, though the result is by no means to the advantage of his historical work.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 266).

<sup>230</sup> Em inglês, “History of Portuguese Poetry and Eloquence, from the Latter Years of the Sixteenth Century until Towards the Close of the Seventeenth.”

<sup>231</sup> Em inglês, “History of Portuguese Eloquence, Criticism, and Rhetoric, during this period.”

<sup>232</sup> Em inglês, “But several circumstances concurred to limit poetic genius in Portugal to a somewhat monotonous continuation of the old style in a few branches of poetic composition, while in Spain dramatic poetry, full of national boldness, rapidly advanced in the career of well merited fame.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 274).

<sup>233</sup> “A influência que a escola fantástica dos Gongoristas produziu, na primeira metade do século dezessete, na maioria dos escritores portugueses, não reprimiu inteiramente o cultivo do melhor estilo.” (tradução nossa). Em inglês, “The influence which the fantastic school of the Gongorists produced, in the first half of the seventeenth century, on most of the Portuguese writers, did not entirely repress the cultivation of the better style.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 273).

<sup>234</sup> “Em uma história geral da literatura, qualquer nota particular sobre essas declamações semiverdadeiras e, principalmente, triviais seria desnecessária, se este escritor não fosse reverenciado como um oráculo crítico em Portugal, por um período considerável.” (tradução nossa). Em inglês, “In a general history of literature any particular notice of these half true, but mainly trivial declamations, would be quite unnecessary, had not this author been for a considerable period revered as a critical oracle in Portugal.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 285-6).

que mais atraiu admiradores, suas obras participam da bibliografia fundamental no estudo de Bouterwek:

Por vezes, mal é possível supor o significado destes conceitos românticos. Mas este estilo de composição poética era denominado como o estilo engenhoso e delicado pelos admiradores de Faria e Sousa.<sup>235</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 281, tradução nossa).

Faria e Sousa foi o responsável por escrever duas das mais importantes fontes bibliográficas de Bouterwek: elas são *Fuente de Aganippe* e *Europa Portuguesa*. De forma geral, não houve muito cuidado em padronizar a grafia de seu nome, pois, como é perceptível, em certos casos adotou-se a grafia espanhola, “Faria y Sousa”, contida na maioria de seus livros e, em outros, a portuguesa, “Faria e Sousa”. Embora tais obras sejam essenciais para a extração de citações em toda a primeira parcela deste quarto volume, Bouterwek destituiu esse autor da maioria dos méritos atribuídos pelos seus próprios contemporâneos. Isto posto, a sua inclusão no *corpus* diz muito sobre a tarefa do crítico literário: se não fosse o prestígio com o qual contara entre o público, seu nome seria completamente ignorado e nenhuma informação teríamos sobre suas obras.

Outra crítica feita a Faria e Sousa diz respeito à linguagem: como já vimos, as obras escritas em língua portuguesa têm sempre maior valor. Contudo, a aplicação deste idioma precisa ser feita com refinamento e elegância, de preferência, uma vez que o uso vulgar e imediato da fala, ou a inclusão de coloquialismos, deva ser evitado na literatura. É possível estabelecer uma correspondência entre o uso ideal da língua, proposto por Bouterwek, com aquele apresentado por Dante Alighieri em *De Vulgare Eloquentia*, no qual se forjaram as bases de um italiano culto: ainda que este não seja o mesmo caso, existiu uma necessidade de enobrecimento do idioma nacional. No trecho abaixo, a carência de purismo do português é censurada, mesmo nas falas das personagens mais simples, como os pastores, as quais não devem ser adequadas e rebaixadas ao uso mais condizente a cada uma:

Suas élogos rústicas são, de fato, suficientemente rurais, mas não no estilo de Sá de Miranda, o qual, com a mais delicada arte, deu dignidade poética às maneiras rústicas. Os pastores de Faria e Sousa são completos palhaços; e ele faz com que discurssem apropriadamente em uma espécie de baixo português, cuja metade é ininteligível aos estrangeiros não familiarizados

<sup>235</sup> Em inglês, “Sometimes it is scarcely possible to guess the meaning of these romantic conceits. But this style of poetic composition was by the admirers of Faria e Sousa denominated the ingenious and the tender style.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 281).

com os dialetos mais rudimentares do campesinato em Portugal.<sup>236</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 287, tradução nossa).

Essa também fora a época dos sonetos que substituíram o gosto pela métrica nacional em redondilhas. Os representantes eleitos nessa área são Thomas de Noronha, Antonio Barbosa Barcellar e Torrezão Coelho. O primeiro se sobressaiu na arte dos sonetos cômicos e burlescos, já os dois últimos competiram entre si na efusão de sentimentos românticos. Aparentemente, Bouterwek deu maior apreço aos sonetistas que aos representantes da eloquência e, desta forma, o espaço reservado à descrição deste gênero em Portugal resume-se a 10 páginas do capítulo três. Houve, no entanto, uma reprimenda aos sonetos portugueses pela já comentada adesão ao espanhol nessas composições, visto que “dos compositores de sonetos portugueses, não havia um que não se orgulhasse da facilidade em compor versos em língua espanhola, dentro do costume da época.”<sup>237</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 316, tradução nossa).

*A priori*, pode ser difícil precisar porque Bouterwek faz menção a certos autores, inclusive no *corpus* por motivos não embasados na qualidade literária de seus textos. Jerônimo Bahia é um exemplo: segundo o crítico, o poeta, além de corromper o gosto do público, não era muito lembrado pelos próprios portugueses. Com efeito, seu nome não consta nem mesmo nos quatro tomos da *Biblioteca Lusitana*, o que foi comentado de antemão pelo crítico, porém, foi contemplado no segundo volume de *A Fênix Renascida*, no qual é exposta vasta variedade de exemplares compreendendo décimas, sonetos, canções, romances e versos em redondilhas. (SYLVA, 1717, v. 2, p. 290-383). Apesar de seus poemas terem caído no ostracismo, Bouterwek atenta a uma particularidade da obra de Jerônimo que ilustra como a religião fora aplicada à literatura, especialmente em um momento de fragilidade política; e essa singularidade temática demonstra um aspecto cultural do povo português:

Dos trabalhos desse autor pode ser depreendido, por acaso, a direção tomada pelo espírito religioso prevalecente em Portugal, em um momento quando a energia nacional já havia expirado, e quando o ainda mais notável declínio da monarquia espanhola permitiu aos portugueses manter uma guerra de 28

<sup>236</sup> Em inglês, “His rustic eclogues are, it is true, sufficiently rural, but not in the style of Saa de Miranda, who with the most delicate art gave a poetic dignity to rustic manners. Faria e Sousa’s shepherds are absolute clowns; and he accordingly makes them discourse in a kind of low Portuguese, one half of which is unintelligible to foreigners unacquainted with the rudest dialect of the peasantry of Portugal.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 287).

<sup>237</sup> Em inglês, “Of the Portuguese sonneteers [...], there was none who did not, according to the custom of the age, pride himself in his facility of composing verses in the Spanish language.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 316).

anos contra a Espanha, em defesa da sua independência recuperada.<sup>238</sup>  
(BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 310-1, tradução nossa).

O contexto literário que envolveu o século dezessete não foi, de modo algum, favorável aos autores e poucos deles conseguiram se desvencilhar da “gravidade pomposa” detestada por Bouterwek, já que, “despido de seu peso original, e unido ao elaborado marinismo, o gongorismo parece agora ter sido elevado acima do alcance do ridículo por seus defensores.”<sup>239</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 309, tradução nossa). Logo, a maioria dos nomes citados neste capítulo pode ser enquadrada, basicamente, em duas categorias: o primeiro grupo, daqueles que conseguiram se separar da corrente barroca, e o segundo, composto pelos adeptos desse estilo e que, em consequência, gozaram de grande renome entre o público. Esta dualidade está compreendida no excerto abaixo:

O domínio do mau gosto e da sutileza sem valor não fora, entretanto, estendido sobre a totalidade do Parnaso português, durante a segunda metade do século dezessete. Os escritos de alguns poetas ainda demonstram julgamentos sensatos e certa porção do nobre e antigo estilo de arte.<sup>240</sup>  
(BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 311, tradução nossa).

Com o conseqüente aumento dos registros de escritores portugueses, foi imperativo abreviar os comentários feitos a cada um; assim sendo, já pelos fins do capítulo 3, existe uma multidão de nomes concatenados sem a devida análise das obras. Para fins de curiosidade, entre eles estão Francisco de Vasconcellos, Antonio Telles da Silva, André Nunes da Silva, e em menor grau, Diogo de Monroy e Vasconcellos, Thomas de Sousa, Luis Simões de Azevedo. Neste final de capítulo, é vislumbrada a prosa romântica,<sup>241</sup> em que se

<sup>238</sup> Em inglês, “From the works of this author may also be incidentally learned the direction which the prevailing spirit of religion took in Portugal, when the old national energy expired, and when the still more remarkable decline of the Spanish monarchy enabled the Portuguese to maintain an eight-and-twenty years war against Spain, in defense of recovered independence.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 310-311).

<sup>239</sup> Em inglês, “Divested of its original heaviness, and united with the fanciful Marinism, Gongorism now seemed to its defenders to be raised above the reach of ridicule.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 309).

<sup>240</sup> Em inglês, “The dominion of bad taste and worthless subtilty was not, however, during the second half of the seventeenth century extended over the whole of the Portuguese Parnassus. The writings of some poets still evinced sound judgement and some portion of the old and nobler style of art.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 311).

<sup>241</sup> O termo “prosa romântica” é utilizado pontualmente por Bouterwek desde o Primeiro Livro. A primeira aparição ocorre na descrição de *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, e ressurgue nos elogios a Rodriguez Lobo, o qual “[...] melhorou altamente a prosa romântica e assentou a fundação para o espírito puro da prosa [...]” (tradução nossa). Em inglês, “He so highly improved romantic prose in the Portuguese language, and laid so excellent a foundation for a pure prose style [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 228). Aparentemente, a “prosa romântica” é um dos exemplares da eloquência e se distingue do gênero das obras históricas; como Bouterwek comenta, “Em Portugal e na Espanha, narrativas de eventos reais há muito tempo são completamente

destacaram Matheus Ribeiro e Castanheira Turacem. A este último, poucos pareceres foram feitos, por se tratar de um pseudônimo utilizado por Frei Lucas de Santa Catarina, desconhecido por Bouterwek, e que, ao contrário do que é dito, está presente na *Biblioteca Lusitana*.<sup>242</sup> Do mínimo escrito a respeito deste autor, a maior parte é elogiosa, em particular no referente à prosa histórica, por deixar de comprometer as verdades históricas, em troca de caprichos do estilo das crônicas:

Mas o fato de esse engenhoso escritor, acima de tudo, manter a mais correta noção do cultivo da retórica dentro da prosa histórica e de pretender escrever um estilo energético apropriado ao seu assunto sem, porém, fazer uma disposição ostentosa de frases elegantes, são evidências suficientes do caráter de todo o trabalho, ainda que o autor não tivesse se explicado com clareza suficiente neste aspecto, durante o breve prefácio. [...] Ele não seguiu o conselho de alguns que recomendaram a extensão de sua obra, ou mesmo adotou a opinião de outros que esperavam que ele sacrificasse a verdade da natureza, em prol dos ornamentos elegantes próprios do cultivo afetado.<sup>243</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 323-324, tradução nossa).

Como a extensão de sua crítica é longa, torna-se inviável – apropriando das excusas do próprio Bouterwek – intentar fazer apontamentos acerca de todos os autores por ele mencionados, em especial no Livro Terceiro. Até então, nosso objetivo fora expor a maioria dos autores mencionados, de modo a entender a disposição de conteúdos históricos e estilísticos. À frente, analisaremos a parte final considerando alguns tópicos temáticos significativos nas problemáticas literárias, como a inclusão e o registro de escritores da colônia portuguesa, que lançaram as sementes do cânone brasileiro.

---

distinguidas da prosa romântica.” (tradução nossa). Em inglês, “In Portugal, as well as in Spain, relations of real events had long been completely distinguished from romantic prose.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 258).

<sup>242</sup> Em rodapé, encontra-se a nota a seguir: “[...] o nome de Félix de Castanheira não tem ocorrência no dicionário de homens letrados de Machado.” (tradução nossa). Em inglês, “[...] Felix de Castanheira’s name does not occur in Machado’s dictionary of learned men.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 319).

<sup>243</sup> Em inglês, “But that this ingenious writer upon the whole entertained the most correct notion of the rhetorical cultivation of historical prose, and that his intention was to write an energetic style appropriate to his subject, but by no means to make an ostentatious display of elegant phrases, would be sufficiently evident from the character of the whole work, even though the author had not, in his brief preface, explained himself with sufficient clearness on this point. [...] He neither followed the advice of some who recommended the extension of his work, nor adopted the opinion of others who wished him to sacrifice the truth of nature to the fashionable ornaments of affected cultivation.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 323-324).

#### 2.2.4 – Livro Terceiro, *Do Final do Século Dezesete até o Final do Século Dezoito*.

A chegada do século dezoito marca uma nova fase para a literatura portuguesa, graças à introdução dos moldes e maneiras francesas, os quais não substituíram os estilos e os gostos antigos pelas formas italianas, até então imperantes. Pascale Casanova, em *A República Mundial das Letras* (2002), comenta sobre essa fase de transição das “potências literárias” europeias, em um movimento que se estendeu, não somente a Portugal, mas por todo o continente:

O espaço literário internacional foi criado no século XVI, ao mesmo tempo em que se inventava a literatura como ensejo de luta, e ele não cessou de se ampliar e estender desde então: constituíram-se referências, reconhecimentos e, por aí mesmo, rivalidades no momento da emergência e da construção dos Estados europeus. [...] A Itália do Renascimento, confiante em sua herança latina, foi a primeira potência literária reconhecida; em seguida a França, no momento da emergência da Plêiade, fez surgir o primeiro esboço do espaço literário transnacional, contestando ao mesmo tempo o avanço italiano e a hegemonia latina [...]. (CASANOVA, 2002, p. 25).

Embora este seja o panorama das letras na Europa como um todo, em Portugal, como foi dito acima, o novo estilo não suprimiu o antecessor italiano, ainda utilizado por autores como Cláudio Manoel da Costa, considerado discípulo de Metastásio. De acordo com o que se afirma na obra, a absorção daquele fora natural e muito diferiu da tumultuosa relação literária com os moldes importados da Espanha.<sup>244</sup> Contudo, no contexto histórico de conflito entre esses países e a França, que envolveu o início do século XIX e a feitura da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, Friedrich Bouterwek notadamente vê com bons olhos o restabelecimento da poesia, a partir da elevação do estilo italiano, e ressalta a baixa influência do gosto francês em Portugal:

A influência do gosto francês nos portugueses é uma marca característica do início deste último período. Mas mesmo esta influência nunca produziu nada como uma revolução no estado da educação em Portugal. O gosto francês adentrou a língua e literatura portuguesa de modo pacífico, assim como os costumes. Portanto, não chegou a suplantar forçosamente o antigo gosto, ou causou algum conflito de facções literárias de modo algum semelhante ao

<sup>244</sup> “Portanto, lá não ocorreu nenhuma reação violenta do antigo patriotismo contra os galicismos, como aquela que se experimentou com a literatura espanhola.” (tradução nossa). Em inglês, “There occurred, therefore, no violent reaction of old patriotism against Gallicism, like that experienced in Spanish literature.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 329).

conflito que despontou entre os galegos e os partidários do estilo antigo na Espanha.<sup>245</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 328, tradução nossa).

É de se esperar, portanto, que o primeiro capítulo deste Livro Terceiro, “História geral do cultivo poético e retórico em Portugal durante este período”<sup>246</sup>, se resume à contextualização histórica do final do século XVII à primeira metade do XVIII. As políticas administrativas do Marquês de Pombal e o surgimento das academias portuguesas são os principais eventos deste período; estas últimas, fundadas com base nos empreendimentos italianos, franceses, ingleses e alemães, tiveram pouco prestígio, mesmo entre os portugueses.<sup>247</sup> Pelo final do século XVIII, surgiu a *Academia Real das Ciências de Lisboa*,<sup>248</sup> fundada no reinado de Dona Maria I, cujo propósito era o de incentivar e encorajar as ciências e, ao mesmo tempo, oferecer incentivos à história e escrita nacional: “[...] essa instituição era de grande importância para a literatura erudita. Prêmios eram oferecidos para a melhor comédia e tragédia a serem escritas em língua portuguesa.”<sup>249</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 335, tradução nossa). Originalmente dividida em Ciências Exatas, Ciências Naturais e Belas Letras, parte dos ensaios publicados nesta última seção sob o título *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* consiste em estudos sobre língua e literatura portuguesas, intercalados com a análise da história antiga de Portugal.<sup>250</sup> Guilhermino César alega serem essas “durante muito tempo, juntamente com a **Biblioteca Lusitana** do Abade Barbosa Machado, [...] a principal fonte primária da história da literatura em Portugal.” (CÉSAR, 1968b, p. 26, grifo do autor).

<sup>245</sup> Em inglês, “The influence of the French taste on the Portuguese is the characteristic mark of the commencement of this last period. But even that influence never produced any thing like a revolution in the state of polite learning in Portugal. French taste worked its way into the language and the literature of the Portuguese, as tranquilly as into their manners. It therefore neither forcibly supplanted the old taste, nor caused any conflict of literary factions at all resembling that warfare, which arose between the Gallicists and the adherents of the old style in Spain.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 328).

<sup>246</sup> Em inglês, “General history of poetical and rhetorical cultivation in Portugal during this period.”

<sup>247</sup> “Mesmo um português erudito e familiarizado com a literatura de seu país, com quem travei conversas a respeito do destino da *Academia Portuguesa*, não conseguiu me oferecer maiores informações além de que esta instituição não mais existia.” (tradução nossa). Em inglês, “Even a learned Portuguese, well acquainted with the literature of his country, of whom I made enquiries respecting the fate of the *Academia Portuguesa*, could give me no further information than that the institution was no longer in existence.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 332).

<sup>248</sup> Hoje conhecida como Academia das Ciências de Lisboa.

<sup>249</sup> Em inglês, “This institution was, however, of important service to polite literature. Prizes were offered for the best comedy and the best tragedy, to be written in Portuguese language.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 335).

<sup>250</sup> “Alguns volumes [...] publicados desde o ano de 1792 contém, em imitação à maneira francesa, ensaios puramente literários, intercalados com artigos sobre história nacional.” (tradução nossa). Em inglês, “Some volumes [...] published since the year 1792, contain, in imitation of the French manner, essays purely literary, interspersed with articles on national history.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 335).

Essas últimas *Memórias* consistem parcialmente de tratados críticos e filológicos sobre a língua e literatura portuguesa, e de investigações referentes à história antiga da constituição de Portugal. A união singular de dois departamentos essencialmente tão distintos proveio da definição francesa de *littérature*, a qual fora adotada em Portugal. Os respeitáveis membros da academia bem poderiam, como de fato eles fizeram intimamente, achar difícil determinar o que deveria ser chamado literatura. Portanto, de modo a reconciliar todas as opiniões, eles incluíram nesta definição a história nacional. Contudo, os alemães não estão de forma alguma autorizados a cometer este erro, sujeito à repreensão, pois eles continuam a empregar a compreensiva palavra *literatura* para designar meramente o conhecimento de livros.<sup>251</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 336, tradução nossa).

Nesta parte da obra, há um nível de consciência maior quanto às influências externas à literatura portuguesa, a qual se apoiou em outras literaturas além da italiana e da francesa, deixando transparecer a existência de uma rede integrada de trocas culturais pela Europa. Outra grande contribuição para Portugal veio da Inglaterra, que se aproveitara das estreitas relações comerciais para disseminar seu poderio literário:

Um gosto pelas artes visuais, pela filosofia e pela erudição literária entrou em voga em Portugal. A conexão com a Inglaterra provou, em alguns aspectos, ser vantajosa para o novo progresso do gênio português, além de promover uma melhora literária; isso porque os galicistas perderam uma fatia considerável em sua influência política quando a literatura inglesa começou a ser estimada, de fato, em Portugal.<sup>252</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 334, tradução nossa).

Ao final, o ritmo narrativo desacelera em comparação com as páginas iniciais por dois motivos principais: primeiro, pelo progressivo declínio da qualidade literária das obras portuguesas, que marcou o início do século XVIII, dificultando a tarefa do crítico na constituição do *corpus*; e segundo, pela aproximação histórica, que impediu o

---

<sup>251</sup> Em inglês, “These last *Memorias* consist partly of philological and critical treatises on the Portuguese language and literature, and partly investigations relating to the ancient history of constitution of Portugal. The singular union of two departments so essentially distinct, arose out of the French idea of *littérature*, which had been adopted in Portugal. The worthy members of the academy well might, as indeed they intimate they did, find it difficult to determine what was to be called literature. To reconcile all opinions, therefore, they included under that title national history. Germans, however, are by no means entitled to make this mistake, a subject of reproach, while they continue to employ the comprehensive word literature to designate merely the knowledge of books.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 336).

<sup>252</sup> Em inglês, “A taste for the fine arts, for philosophy, and literary cultivation, became fashionable in Portugal. The connexion (sic) with England proved, in some respects, advantageous to the new progress of Portuguese genius, and promoted a literary improvement; for the Gallicists lost a considerable portion of their political ascendancy, when English literature began to be properly estimated in Portugal.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 334).

aprofundamento da crítica, quando alicerçada na recepção do público, àquela época ainda não concretizada.

Fazer um ensaio sobre a poesia portuguesa nos últimos trinta anos do século dezoito é uma tarefa que deve ser designada a outros escritores. Nesta história geral é suficiente descrever brevemente como o novo espírito da literatura portuguesa adquiriu, mesmo no seu lado poético, uma influência marcante, embora ela não tenha se desdobrado com aquela energia que foi necessária para reproduzir a poesia do século dezesseis sob traços um tanto variados.<sup>253</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 364-365, tradução nossa).

No entanto, quanto mais próximo de seu objeto de análise, mais ácida e sarcástica se torna a crítica de Bouterwek. A princípio, as obras fundadoras da literatura portuguesa, como os poemas de D. Dinis, Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão, são respeitadas pela função histórica que assumem. No tocante às publicações tardias dos setecentos, Bouterwek se torna mais rigoroso à medida que elas se aproximam de 1750, pois, até então, não existia crítica consolidada em torno destes livros, permitindo-lhe explorá-los sem amarras. Nos dois excertos a seguir, sobretudo no segundo, verificamos a ironia presente na sua análise literária: “Assim acaba a Esopaida, a qual deveria ser mais apropriadamente intitulada Bufoníada”<sup>254</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 356, tradução nossa); “[...] como, por exemplo, quando ele [Barbosa Machado] chama um poeta de ‘um dos mais melodiosos cisnes do Parnaso português’, sem considerar que o Parnaso não é um rio, nem um lago.”<sup>255</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 389, tradução nossa).

Não houve perdão nem mesmo para os autores dos textos-base para a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, como Faria e Sousa e Barbosa Machado. Neste ponto, é relevante questionar: quais foram exatamente as motivações para uma avaliação de caráter negativo? Analisando todos os exemplos abordados acima, as causas convergem no desvio do projeto de construção da identidade nacional, por meio da adoção de línguas estrangeiras, no intuito de facilitar a divulgação dos lusitanos; da composição em um estilo de baixa erudição,

<sup>253</sup> Em inglês, “To make a detailed report of Portuguese poetry during the last thirty years of the eighteenth century, is a task which must be consigned to other writers. In this general history it is sufficient briefly to describe how the new spirit of Portuguese literature acquired, even on its poetic side, a marked influence, though it did not unfold itself with that energy which was necessary to reproduce the poetry of the sixteenth century under somewhat varied features.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 364-365).

<sup>254</sup> Em inglês, “Thus ends the Æsopeid, which might with more propriety be entitled the Buffooniad.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 356).

<sup>255</sup> Em inglês, “[...] as for example when he calls a poets ‘one of the most melodious swans of the Portuguese Parnassus’, without considering that Parnassus is neither a river nor a pond.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 389).

representada pelas escolas gongorista e marinista; e da má adaptação dos estilos estrangeiros à língua portuguesa.

Quando a discussão se volta para a evolução do gênero dramático em Portugal e à preferência do público pelos teatros cômicos, Bouterwek adverte com reprovação que não houve refinamento do gosto português, cuja predileção tendia a composições como *entremeses* e óperas burlescas, já bem distantes da variante italiana da qual se originou. E o sucesso dessas produções não deu espaço para o cultivo das formas poéticas elevadas,<sup>256</sup> obras como as de o Judeu, escritor “anônimo”,<sup>257</sup> logo ganharam fama entre as massas. O afã em torno do autor fora tamanho a ponto de existir ávida busca pelas “cópias manuscritas.”<sup>258</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 352, tradução nossa). Esse fenômeno entre o público é digno de destaque para o crítico alemão, que se sente pesaroso em não poder fornecer maiores informações acerca de sua identidade:

Por esta pequena notícia, eu estou endividado à informação verbal de um literato português, através do qual eu poderia ter obtido, de Lisboa, o nome deste dramaturgo hebreu, se o registro fosse objeto de importância.<sup>259</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 351, tradução nossa).

Diferentemente de Bouterwek, que desconhecia a identidade desse dramaturgo, pela falta de informações fornecidas pelo erudito que o ajudou, hoje sabemos que o homem por trás desses textos era Antônio José da Silva, cujas notícias biográficas estão contidas na *Biblioteca Lusitana* de Machado, a qual inclui alguns títulos a ele atribuídos, à exceção de *A Esopaida*, única peça discutida na história literária em questão:

---

<sup>256</sup> “Mas a ópera portuguesa, que parecia um filho bastardo ao lado da italiana, manteve sua posição, a despeito de seus pais. [...] A restauração de um estilo verdadeiro e nobre na poesia portuguesa não poderia, portanto, ser esperada originar-se do drama.” (tradução nossa). Em inglês, “But the Portuguese opera which stood like a spurious child beside the Italian, maintained its ground in spite of its parent. [...] The restoration of a truly noble style in Portuguese poetry, could not therefore be expected to derive its origin from the drama.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 356).

<sup>257</sup> Seu anonimato é justificado pela condição marginalizada da religião judaica, durante os anos em que a Inquisição tomara conta da península Ibérica: “[...] e este prolífico dramaturgo, cujas produções anônimas tiveram a sorte de obter as maiores graças do público, provavelmente teve, na época, razões pessoais por desejar permanecer desconhecido.” (tradução nossa). Em inglês, “[...] and this prolific dramatist, whose anonymous productions were so fortunate as to obtain the chief favour of the public, had probably at the time private reasons for wishing to remain unknown.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 351).

<sup>258</sup> Em inglês, “[...] manuscript copies [...]”. (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 352, tradução nossa)

<sup>259</sup> Em inglês, “For this little notice I am indebted to the verbal information of a literary Portuguese, through whose means I could have obtained from Lisbon, the name of this Hebrew dramatist, had the recording it been an object of importance.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 351).

## ANTÓNIO JOSEPH DA SYLVA

natural do Rio de Janeiro filho de João Mendes da Sylva Advogado nefta Corte, e Lourença Coutinho. Estudou Direito Cível em a Univerfidade de Coimbra donde paffando a Lisboa exercitava o officio de Advogado de Cauflas Forenfes. Teve genio para a Poefia Cómica, de que compoz varias obras, que foraõ representadas com applaufo dos expectadores fendo as principaes.

*Labirinto de Creta* Lisboa por Antonio Ilidoro da Fonleca. 1756. 8.

*As Variedades de Protheo.* Lisboa pelo dito Impreffor. 1757. 8.

*Guerras do Alecrim e Mangerona* Lisboa pelo dito Impreffor. 1737. 8.

*Anfitrião.* M. S.

*D. Quixote.* M. S.

*Faetonte.* M. S. (MACHADO, 1741, v.1, p. 303).

Apesar desse cenário decadente na dramaturgia, após a formação da *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, surgiram novos incentivos à literatura nacional através das premiações às melhores composições. Uma das obras vencedoras e que gozou de grande prestígio fora a tragédia *Osmia* (1788), de Dona Catarina de Sousa.<sup>260</sup> Esta foi aplaudida pelo crítico, por conseguir orquestrar a utilização de cenários típicos de Portugal e o manejar dos recursos trágico-clássicos, atualizados ao gosto francês.<sup>261</sup> Bouterwek elogia sobremaneira a capacidade de Dona Catarina de Sousa em compor uma tragédia que respeitasse todas as qualidades mais valiosas, durante um período em que o gosto do público lusitano tendia aos dramas burlescos. O comentário mais interessante feito à autora diz respeito às qualidades desse drama, consonantes às habilidades da “escrita feminina”; aqui sinônimo de elegância de expressão e furor sentimental:

Sua celebridade [da tragédia *Osmia*] não se deve, meramente, à circunstância de ser uma produção da pena de uma mulher. Em diversas cenas deste drama, o *pathos* trágico é, da forma mais feliz, combinado com uma

<sup>260</sup> “A academia ofereceu um prêmio para a melhor tragédia na língua portuguesa. Os competidores se apresentaram vorazmente. Mas nenhuma das tragédias que foram coroadas pela academia obteve tanta popularidade quanto *Osmia* de Dona Catharina de Sousa.” (tradução nossa). Em inglês, “The academy offered a prize for the best tragedy in the Portuguese language. Competitors came eagerly forward. But none of the tragedies which have been crowned by the academy, obtained so much popularity as the *Osmia* of Dona Catharina de Sousa.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 378).

<sup>261</sup> “O rápido fluir do diálogo, em algumas cenas, se aproxima mais do estilo de Voltaire, do que de Corneille e Racine. A linguagem é dignificada durante toda a obra, embora em algumas cenas seja deficiente no ritmo poético.” (tradução nossa). Em inglês, “The rapid flow of the dialogue in some of the scenes, approximates more nearly to the tragic style of Voltaire, than to that of Corneille and Racine. The language is dignified throughout; though in some scenes it is deficient in poetic keeping.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 383).

elegância, a qual é mais esperada do gênero feminino, do que a qualidade anterior.<sup>262</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 379, tradução nossa).

No tópico “Retomada de um Estilo Aprimorado na Poesia Portuguesa”<sup>263</sup>, Cláudio Manuel da Costa é apontado como “um dos primeiros escritores que [...] contribuiu à reintrodução de um estilo elevado na poesia portuguesa” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 357, tradução nossa),<sup>264</sup> mediante a proposta de afastamento das antigas formas dominantes do marinismo português, a não adoção do castelhano como língua literária,<sup>265</sup> e a reaproximação dos moldes italianos, principalmente de Metastásio e de Petrarca.

Mas, de modo geral, pode-se dizer que nenhum escritor português, no espaço de quase um século, foi tão bem sucedido neste tipo de soneto, o qual encantadoramente se aproxima do estilo de Petrarca; e que nas outras composições desse poeta brasileiro, os erros são contrabalanceados com méritos de tipos mais agradáveis.<sup>266</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 358, tradução nossa).

No trecho acima, podemos ver que Bouterwek ressalta o lugar de nascimento do poeta, contudo, essa diferenciação se resume justamente nisso, na localização, pois ainda assim é considerado como poeta português; fato que prevalecerá nos livros de Almeida Garrett e Simonde de Sismondi, abordados no capítulo seguinte. De qualquer forma, julgou-se válido ressaltar que as poucas citações feitas se encontram incompletas: no caso da nota de rodapé da página 363, algumas estrofes foram excluídas do original, formando um novo arranjo para a referência no texto.

O terceiro e último capítulo funciona como um panorama geral que expõe a integração e a contribuição internacional na literatura: este senso de interação entre países se reflete nas comparações entre a literatura portuguesa e as demais (sendo elas a italiana, espanhola, inglesa e francesa) e em tópicos referentes às traduções realizadas no século

<sup>262</sup> Em inglês, “It owes its celebrity not merely from the circumstance of its being a production of a female pen. In several scenes of this drama, tragic pathos is, in the happiest way, combined with an elegance which from the sex of the writer was more to be expected than the former quality.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 379).

<sup>263</sup> Em inglês, “Resumption of an Improved Style in Portuguese Poetry.”

<sup>264</sup> Em inglês, “A Brazilian, named Claudio Manoel da Costa, was one of the first writers who in this way contributed to reintroduced an elevated style into Portuguese poetry.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 357).

<sup>265</sup> “Os sonetos inclusos na coleção de suas obras poéticas contabilizam quase cem; e dentre eles existem alguns em italiano, mas nenhum em língua espanhola.” (tradução nossa). Em inglês, “The sonnets included in the collection of his poetic works, amount to nearly a hundred; and among them are some in Italian, but none in the Spanish language.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 358).

<sup>266</sup> Em inglês, “But upon the whole, it may be said, that for nearly the space of a century, no Portuguese writer had so well succeeded in that kind of sonnet poetry, which most charmingly approximates to the style of Petrarch; and that in the other compositions of this Brazilian poet, the faults are counterbalanced by merits of the most pleasing kind.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 358).

XVIII. Segundo Bouterwek, o processo de tradução é uma forma de se aprimorar a literatura nacional, por meio dos exemplos clássicos e contemporâneos. Entre as obras da Antiguidade vertidas para a língua portuguesa, encontram-se alguns títulos latinos, entre eles as odes de Horácio, as sátiras de Sulpitia, as *Heroides* de Ovídio, e as comédias de Terêncio.<sup>267</sup> Em compensação, e para o lamento de Bouterwek, quase nenhuma atenção fora dada às poesias gregas.

No segundo grupo dedicado às obras contemporâneas, temos as traduções de textos mais recentes, principalmente, os sucessos setecentistas como as *Aventuras de Telêmaco*<sup>268</sup> (1770), as tragédias de Young (1788) e *Gil Blas* (1715-1735).<sup>269</sup> Como Bouterwek enfatiza, a tradução é uma forma de contribuir com o desenvolvimento e refinamento da literatura de uma nação; mas, no caso português, o crítico aponta que este aperfeiçoamento na área da prosa romântica não chega a acontecer no século XVIII. Não obstante seja este o panorama descrito, nota-se que os tradutores, em outras palavras, os agentes dessa importação, também são inclusos no *corpus* de Portugal. Por exemplo, na seção “Araujo de Azavedo (sic) – suas traduções de poemas ingleses”, o erudito alemão elogia o empenho desse tradutor em trazer para Portugal obras como *Alexander’s Feast* de John Dryden, as *Odes* de Gray e a *Elegy in a Country Church-yard*:

Traduções de novelas estrangeiras parecem ter prontamente satisfeito aquela porção do público português, cuja erudição gradualmente se aproximava do gosto de outras nações da Europa, através dessa espécie de leitura. Uma tradução do francês do popular *Gil Blas* de Le Sage foi fornecida pelo poeta Barbosa du Boccage [...] <sup>270</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 391, tradução nossa).

A despeito das iniciativas em tradução, cujo intento era integrar Portugal a obras modernas de considerável celebridade, os tratados literários publicados pela *Academia Real das Sciencias*, sob o título de *Memorias de Litteratura*, foram descritos como demonstrações

<sup>267</sup> Traduzidos por: Joaquim José da Costa e Sa, Antonio Luis de Azavedo, Miguel de Couto Guerreiro e Leonel da Costa. Este último e Antonio Luis são os únicos contemplados anteriormente na *Biblioteca Lusitana*.

<sup>268</sup> A editora Boosey and Sons fez o anúncio desse título no catálogo de 1817, contido no livro *Canine Pathology*, onde se encontra “Telemaque, 4s. 6d.”, na seção de livros franceses. (BOOSEY AND SONS, 1817, p. 6).

<sup>269</sup> Nos catálogos da Boosey and Sons, encontramos também esse mesmo título na seção de obras espanholas: “Aventuras de Gil Blas de Santillana, por M. le SAGE, 4 vols. 12mo. Boards, 18s.” (BOOSEY AND SONS, 1817, p. 4).

<sup>270</sup> Em inglês, “Translations of foreign novels seem to have too readily satisfied that portion of the Portuguese public, whose cultivation was, through this species of reading, gradually approximating to the taste of the other nations of Europe. A translation from the French of Le Sage’s popular *Gil Blas* was supplied by the poet Barbosa du Boccage [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 391).

do gosto conservador português pelos moldes mais antigos de poesia. Selecionado com o claro objetivo de acentuar a preferência pelos tradicionais pastorais, Bouterwek cita Joaquim de Foyos, cujo tratado:

[...] serviu para registrar de uma vez a inconquistável predileção dos portugueses pela poesia pastoril e a nova liberdade de opinião, que se aventurou a se opor aos oráculos da crítica francesa. Joaquim de Foyos afirma que a poesia pastoral deve ser a mais velha e, conseqüentemente, o estilo mais natural e original de poesia.<sup>271</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 398, tradução nossa).

O ensaio de Antônio de Naves Pereira, contido nestas mesmas *Memórias*, também é relevante do ponto de vista filológico, por prezar pela manutenção da pureza da língua portuguesa, então alvejada pelos galicismos em voga.<sup>272</sup> Em meio a esses tratados, é notável “a falta de uma obra que pudesse ser chamada de uma teoria completa da crítica, no senso estrito do termo, [a qual] não parece ter sido sentida pelos portugueses.”<sup>273</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 402, tradução nossa). Esta lacuna foi preenchida por obras de caráter bibliográfico, como as já citadas *Biblioteca Lusitana*, *Fuente de Aganippe* e *Fênix Renascida*, as quais ainda não apresentam conteúdo crítico.

Nas palavras de Bouterwek, os trinta anos finais do século XVIII se destacaram pela empresa de alguns escritores em retomar a escrita em língua portuguesa, adequando-se às novas exigências impostas pela época em questão, e buscando a revalorização da literatura lusitana. Em consequência, procurou-se rebater as influências que o gosto francês imprimiu pela Europa:

Sem forçar com um rigor pedante a restauração de todas as formas do século dezesseis, os melhores autores portugueses agora tentam escrever na sua língua materna com pureza e, ao mesmo tempo, satisfazer os novos desejos

<sup>271</sup> Em inglês, “[...] served at once to record the unconquerable predilection with which the Portuguese adhered to their pastoral poetry, and the new freedom of opinion which ventured to shew itself in opposition to the oracles of French criticism. Joaquim de Foyos asserts, that pastoral poetry must be the oldest, and consequently the most natural and original style of poetry.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 398).

<sup>272</sup> “Um ensaio de Antonio das Naves Pereira sobre o uso apropriado da linguagem de escritores portugueses dos séculos quinze e dezesseis está recheado de apontamentos de crítica judiciosa. Este é escrito para condenar expressamente a galicização (*a Francezia*) do português moderno.” (tradução nossa). Em inglês, “An Essay by Antonio das Naves Pereira on the proper use of the language of the Portuguese writers of the fifteenth and sixteenth centuries, abounds in judicious critical remarks. It is written expressly to condemn the Gallicizing (*a Francezia*) of modern Portuguese.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 401-402).

<sup>273</sup> Em inglês, “The want of a work which might in the strict sense of the term be called a complete theory of criticism, does not appear to have yet been felt by the Portuguese.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 402).

criados pelo progresso dos tempos e espírito da época.<sup>274</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 390, tradução nossa).

### 2.3 – Considerações Finais sobre a Obra

Por meio das frequentes comparações com o volume precedente, a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* foi eclipsada pela espanhola em diversos níveis; no entanto, “a poesia portuguesa não é menos nacional que a espanhola”<sup>275</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 404), se bem que a predileção fora evidente. Apesar de contar inicialmente com maior número de poetas líricos, com a dramaturgia de Gil Vicente, com os dramas célebres de Sá de Miranda, Ferreira e Vasconcelos, todos foram ofuscados pelos autores espanhóis do gênero correspondente. Contudo, mediante a comparação entre as literaturas de Portugal e Espanha, Bouterwek conseguiu ressaltar as grandes diferenças entre ambas e colocar abaixo antigas crenças que atribuíam aos espanhóis o pioneirismo nas poesias pastoris e em outros gêneros, como os teatros cômicos compostos no início do século XVI.

Mas, em uma visão geral do gênio poético de ambas as nações, seria errado ignorar a extensão diferente dos territórios ao quais pertencem estas duas línguas, ou se esquecer de que, no estilo da poesia pastoral romântica, que brilha lindamente na literatura espanhola, foram os portugueses que instruíram os últimos e nunca foram superados por eles. Generalizando, pode ser dito que, em nenhuma competição literária séria entre os portugueses e os espanhóis, o anterior jamais tolerou ser superado pelos últimos. Circunstâncias acidentais, e não a falta de energia, privaram os portugueses de manter o ritmo com os espanhóis na poesia dramática; e sob estas circunstâncias nenhuma competição séria poderia surgir. No cultivo da eloquência moderna, ambas as nações avançaram quase ao mesmo grau de refinamento.<sup>276</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 403-404, tradução nossa).

<sup>274</sup> Em inglês, “Without enforcing with pedantic rigor the restoration of all the old forms of the sixteenth century, the best Portuguese authors now endeavour to write their mother tongue with purity, and at the same time to satisfy the new wants created by the progress of times and the spirit of the age.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 390).

<sup>275</sup> Em inglês, “Portuguese poetry is no less national than the Spanish.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 404).

<sup>276</sup> Em inglês, “But in a general view of the poetic genius of both nations, it would be wrong to overlook the different extent of the territories to which the two languages belong, or to forget that in the style of romantic pastoral poetry, which shines so brilliantly in Spanish literature, the Portuguese instructed the Spaniards, and never were excelled by them. Generally speaking it may be said, that in no earnest literary competition between the Portuguese and the Spaniards, have the former ever suffered themselves to be outdone by the latter. Accidental circumstances, not want of energy, prevented the Portuguese from keeping pace with the Spaniards in dramatic poetry; an under these circumstances no serious competition could arise. In the cultivation of modern

A quebra de alguns paradigmas que submetiam a literatura portuguesa à espanhola funcionou como encorajamento para a produção de novas teses críticas sobre as produções e escritores lusitanos. Antes de Bouterwek, não existiu nenhuma obra que se propôs a reunir seus autores mais célebres, a partir de um ponto de vista crítico. Nas palavras de Guilhermino César, “Sem discussão possível, cabe a Friedrich Bouterwek o título de precursor da nossa historiografia literária, pois não surgiu antes dele nenhum crítico que tivesse aplicado o método histórico ao estudo da literatura portuguesa.” (CÉSAR, 1968b, p. 6).

Todavia, como foi demonstrado no decorrer deste capítulo, existem claras evidências de que o escritor alemão utilizou as consagradas e antigas fontes de consulta entre os portugueses, com interesse particular, nas notas biográficas e nas citações e referências relevantes lá contidas. Para tanto, Bouterwek contou com o vasto acervo da biblioteca da universidade de Göttingen, a qual, além de disponibilizar aqueles livros essenciais de Machado, Faria e Sousa e Pereira da Silva, continha também muitos títulos de autores portugueses, cujas escassas edições impediam a leitura de muitos estudiosos lusitanos, como a edição de 1562 de Gil Vicente, a novela *Menina e Moça* de 1559 ou então a rara edição de *Os Lusíadas* de 1572. Mais uma vez, vale frisar que, embora não possamos precisar quando tais títulos foram adquiridos, Bouterwek faz menção a todos eles e, reconhecendo a tradição de estudos ibéricos naquela instituição e os esforços de Johann Andreas Dieze na reunião de obras, crê-se que eles já estavam acessíveis no final do século XVIII.

Fundamentado nas ideias sobre a cultura popular que circulava no século XVIII, sua análise crítica considerou em que medida os autores selecionados conseguiram demonstrar o espírito do povo português em suas obras: primeiramente, pelo uso dignificado da língua portuguesa, em vez da opção pelo castelhano ou da adoção de galicismos; e em segundo lugar, pela descrição da natureza, da história e dos costumes culturais de Portugal inseridos na poesia. Desta forma, é visível que o professor de Göttingen inclui escritores que se excederam nesses quesitos, e outros graças à popularidade de que gozavam; estes últimos são duramente criticados em sua estrutura e conteúdo, por não atenderem à qualidade literária almejada na delimitação de um *corpus* português que exaltasse língua, cultura e história nacional.

De modo geral, *A História da Poesia e Eloquência Portuguesa* ofereceu aos lusitanos uma nova fonte de referência sobre a literatura nacional e tornou-se, como veremos no capítulo seguinte, modelo para o surgimento de novos estudos no século XIX, os quais

---

eloquence both nations have at last advanced to nearly the same degree of improvement.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 403-404).

perpetuaram o modelo crítico então proposto e também o *corpus*, dando início ao futuro cânone português.

### CAPÍTULO 3

#### AS APROPRIAÇÕES NO SÉCULO XIX

Neste último capítulo, será estudada a apropriação da *História da Poesia e Eloquência* por diferentes autores, em resposta à publicação das primeiras traduções feitas aos volumes, com o intuito de contemplar o panorama geral dos estudos de crítica literária na Europa e, posteriormente, no Brasil. Nosso enfoque é o gênero formulado por Bouterwek, as histórias literárias; como se sabe, outros escritores se apropriaram da estrutura organizacional e teórica desses livros, pois objetivavam recriar e expor, com maiores cuidados que o professor alemão, a literatura nacional.

A princípio, a ideia é verificar os livros referentes à história da literatura portuguesa que surgiram logo após a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* (1805), conforme um ponto de vista analítico, buscando entender a apropriação e a continuação do modelo criado pelo professor de Göttingen no decorrer do século XIX. O crítico que se dedicou com afinco à abordagem do desenvolvimento desse gênero de livros foi Guilhermino César, e é com base em sua análise que os primeiros tópicos deste capítulo foram embasados.

Na sequência cronológica estabelecida pelo crítico brasileiro, o primeiro escritor que se apropriou do molde historiográfico foi Simonde de Sismondi, no livro *De La Littérature du Midi de l'Europe* (1813), cujo quarto tomo destina-se à descrição parcial da literatura espanhola e completa da literatura portuguesa. Apesar de ser escrito por mais um estrangeiro, Sismondi é a pura evidência de como a obra fundadora de Bouterwek, sobre a literatura portuguesa, foi influente do ponto de vista bibliográfico, à qual recorreram muitos outros historiadores da literatura, em busca de citações das mais raras obras. Assim sendo, a relevância desse livro não pode ser subjugada a uma simples citação e, portanto, cremos ser necessário contextualizá-la, ainda que rapidamente.

No âmbito lusitano, será avaliado o livro *Parnaso Lusitano, ou Poesias Seletas dos Autores Portugueses Antigos e Modernos, ilustradas com notas*, publicado entre os anos de 1826-1827 (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 20), analisando os textos “A quem ler” e “Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa”. Embora ambos sejam associados a Garrett, houve grande controvérsia em torno da verdadeira autoria desses, uma vez que não havia assinatura de seu nome. Apesar disso, essa publicação é, por muitos, considerada como o primeiro trabalho que propõe um levantamento histórico da literatura a ser composto

por um português, diferentemente dos livros precedentes escritos por um alemão e um suíço. Devido à mudança de perspectiva do interlocutor, de um estrangeiro a um nativo refletindo sobre a literatura de sua língua, torna-se mais relevante apontar como o método de Bouterwek fora adaptado, dessa vez por um lusitano, o qual, supostamente, pôde contar com um número maior de material bibliográfico e com outras visões a respeito da elaboração do *corpus*.

No mesmo ano de publicação do *Parnaso Lusitano*, surgiu também o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, por Ferdinand Denis, livro indispensável do ponto de vista literário e político, pois foi o primeiro a desvincular as produções da Metrópole da “recém-independente” colônia. Apesar de ser outra publicação estrangeira, é uma obra que preconiza inovações doravante definitivas, mas ainda preserva a essência do *corpus* formulado em 1805.

Nesse contexto, não é possível deixar de esclarecer como, após a publicação de Denis, o surgimento do *corpus* brasileiro se correlaciona com o movimento romântico europeu e com o processo político que culminou na independência do Brasil. Abel Barros Baptista pormenoriza este período no livro *A Formação do Nome*, comentando as questões problemáticas mais latentes, com o cuidado de desfazer pressupostos sobre o devido início das produções nacionais, separadas da área de abrangência portuguesa. Com este fim, utilizaremos essa obra que, de fato, marcou os estudos e o início do romantismo brasileiro.

### 3.1 – Simonde de Sismondi

Em 1813, o suíço Simonde de Sismondi (1773-1842) lança seu livro *De La Littérature du Midi de l'Europe*, poucos anos após a empreitada de Bouterwek. É bem provável que tal publicação tenha sido motivada pela primeira tradução do volume espanhol, de 1812, para o francês, confeccionada em dois tomos por Jean Muller. O diferencial desse livro é, como percebemos logo no título, o objeto bem identificado de sua análise, a literatura, já definida no conceito moderno do termo. Em conformidade com a estrutura proposta pelo professor de Göttingen às histórias literárias, Sismondi organiza seus volumes em sequência similar: de acordo com Guilhermino César, o primeiro volume corresponde à apresentação de questões linguísticas, como “a formação das línguas românicas, arabização da Europa, poesia provençal” (CÉSAR, 1978, p. XXIII) e trovadoresca, além de uma introdução aos grandes nomes de Dante e Petrarca. O segundo é reservado exclusivamente à literatura nacional

italiana, estendendo-se ao terceiro volume, durante o qual se iniciaram as discussões sobre as produções escritas espanholas. O quarto volume, estudado neste tópico, destina-se à finalização da parte espanhola e à exposição completa, porém singela, da literatura portuguesa.

Por meio da comparação de tópicos entre essa e nossa obra central, é evidente que o gênero das histórias literárias se firmou, dentro de poucos anos, como uma estrutura bem consolidada, digna de continuidade. Além de ter adotado sua ordem organizacional, não é segredo que *A História da Poesia e Eloquência* foi usada por Sismondi como fonte bibliográfica da parte relativa a Portugal<sup>277</sup>, ao menos. Em geral, as obras precursoras pecaram pela carência de textos e exemplos mais consistentes sobre as literaturas estudadas, em particular, quando a bibliografia levantada por todos foi essencialmente a mesma, tendo em vista a pouca diversidade de livros dedicados ao assunto, como discutimos no capítulo anterior. Sobre o trabalho desses pioneiros, Guilhermino César advertira:

A historiografia romântica, por sua vez, cobrou alento com o trabalho desses precursores, que abriram caminho lutando com inúmeras dificuldades, a maior das quais teria sido a falta de documentação. Basta dizer que escreviam sobre a formação da literatura portuguesa antes de publicados os *Cancioneiros*. (CÉSAR, 1978, p. XXIV).

Por vezes, César releva, paradoxalmente, os “imperdoáveis deslizes” (CÉSAR, 1978, p. XXIV) desses primeiros historiadores, nos casos em que as lacunas do texto são decorrentes da “falta de documentação” sobre literatura portuguesa. De acordo com Guilhermino César, todas as informações coletadas por Sismondi, em *De La Littérature du Midi de l'Europe*, serviam a um propósito maior do que simplesmente o levantamento histórico das produções lusitanas: conforme o crítico brasileiro discorre, Sismondi estudou certos gêneros literários, como a poesia trovadoresca, considerando somente os elementos do texto que mais serviram à grande *História do Francês*, “[...] pois tudo, nas investigações do

---

<sup>277</sup> A seguir, um dos muitos comentários sobre a familiaridade de Sismondi com a obra alemã: “Bouterwek cita, entre os poetas de Portugal, o ministro das relações internacionais, Araújo de Azevedo, que traduziu diversas poesias inglesas de Grey, Dryden, entre outros, e que foi um dos primeiros em Portugal a sair da monotonia das poesias pastorais. Juntamos ao seu nome, aqueles de Manuel Barbosa du Bocage, François Diaz Gomez, François Cardoso, Alvarez de Robrega, Xavier de Matos, Valladares e Nicolas Tolentino de Almeida.” (tradução nossa). Em francês, “Boutterwek cite, parmi les poètes du Portugal, le ministre des affaires étrangères Araujo de Azevedo, qui a traduit plusieurs poésies anglaises de Grey, de Dryden et d’autres, et qui l’un des premiers en Portugal est sorti de la monotonie des poésies pastorales. On ajout à son nom, ceux de Manuel Barbosa du Bocage, de François Diaz Gomez, de François Cardoso, Alvarez de Robrega, Xavier de Matos, Valladares et Nicolas Tolentino de Almeida.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 560-2).

autor genebrino, era matéria a contribuir para edifício mais vasto – a monumental *Histoire des Français*.” (CÉSAR, 1978, p. XXV).

Com a finalidade de comprovar a influência da obra de Bouterwek, é necessário expor alguns trechos que resumem certos pontos específicos de análise convergente e breves citações, atestando a presença dos mesmos escritores na proposta do *corpus* formulado por Sismondi. No caso particular do dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu, as informações referentes ao conteúdo de suas óperas, em “Óperas portuguesas do judeu Antônio José, queimado em 1745”<sup>278</sup>, são compatíveis com a síntese feita por Bouterwek em seu quarto volume, cujo diferencial foi a menção de seu nome verdadeiro, além do pseudônimo:

[...] as peças foram escritas por um homem sombrio e ignorado, um judeu chamado Antônio José, que, na grosseria de seu estilo e de suas invenções, indicava bem a classe vulgar onde ele viveu.<sup>279</sup> (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 541, tradução nossa).

[...] o prolífico dramaturgo, cujas produções anônimas foram afortunadas de terem obtido as graças do público, teve provavelmente razões particulares para desejar se manter desconhecido na época. Ele era um judeu, cujo nome, mesmo depois de revelado, era raramente mencionado, já que o público continuava a chamá-lo de O Judeu.<sup>280</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 351, tradução nossa).

As bobearas mais chulas estão combinadas a aventuras singulares, torneios ou cerimônias; cantigas triviais e canções são introduzidas sucessivamente.<sup>281</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 353, tradução nossa).

Alguns trechos, em *De La Littérature du Midi de l'Europe*, são reproduções fiéis da história literária de Bouterwek, uma característica textual apontada por muitos críticos, os quais, no entanto, deixaram de oferecer exemplos que atestem a veracidade dessa informação aos leitores. Esse deslize é justificável pelo fato de o escritor suíço explicitar com frequência quais são suas fontes. No parágrafo abaixo, por exemplo, os vocábulos citados por Sismondi

<sup>278</sup> Em francês, “Opéras portugais du juif Antonio José, brûlé en 1745”.

<sup>279</sup> Em francês, “[...] Les pièces furent écrites par un homme obscur et ignore, un juif nommé Antonio José, qui, dans la grossièreté de son style et de ses inventions, donnait assez à connaître la classe vulgaire où il avait vécu.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 541).

<sup>280</sup> Em inglês, “[...] the prolific dramatist, whose anonymous productions were so fortunate as to obtain the chief favour of the public, had probably at the time private reasons for wishing to remain unknown. He was a Jew, whose name, even after it was disclosed, was seldom mentioned, as the public [...] still continued to call him *O Judeo*, (the Jew).” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 351).

<sup>281</sup> Em inglês, “The lowest buffoonery is blended with singular adventures, tournaments, or ceremonies; and trivial airs and songs are successively introduced.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 353).

são exatamente os mesmos selecionados por Bouterwek durante a exposição das semelhanças entre a língua portuguesa e a castelhana, citadas no início do capítulo dois:<sup>282</sup>

O português é uma contração do castelhano, no qual as consoantes estão suprimidas; a consoante do meio das palavras é, em geral, aquela que é retraída, e esta contração derrubou mais que um etimologista. Dessa forma, *dolor*, torna-se *dòr* (sic); *cielos*, torna-se *ceos*; *mayor*, *mòr*; *nello*, *no*; *dello*, *do*, etc. Existem, depois, quaisquer letras pelas quais o português parece haver uma aversão. Logo, o L é retraído mesmo em seus nomes: *Alfonso*, *Affonso*; *Alboquerque*, *Aboquerque*; ou ele é trocado pelo R *blando* se torna *brando*; *playa*, *praia* [...].<sup>283</sup> (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 263, tradução nossa).

A partir da leitura das citações seguintes, temos a comparação entre as reflexões feitas sobre os dois escritores de colônias portuguesas, Francisco de Vasconcelos e André Nunes da Silva, nas quais, igualmente, é possível verificar a similaridade entre as informações contidas em ambos:

A partir do século dezessete, as colônias portuguesas adicionaram alguns poetas aos que nasceram na antiga Lusitânia: desse modo, Francisco de Vasconcelos, um dos autores de sonetos que cai com menor frequência no mau gosto e na afetação, nasceu na Ilha da Madeira. Ele trata, por sua vez, à imitação de Góngora, a fábula de Polifemo e Galatéia, querida aos poetas espanhóis e aos portugueses. André Nunes da Silva nasceu e foi educado no Brasil, mas ele morou em Portugal sob o hábito dos monges teatinos. Suas poesias religiosas podem ser colocadas entre as melhores do século. Assim, uma nova nação que provavelmente Portugal herdará sozinha, já a crescer e a se elevar para além dos mares.<sup>284</sup> (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 530, tradução nossa).

<sup>282</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 1, p. 13).

<sup>283</sup> Em francês, “Le portugais est une contraction du castillan, où les consonnes demeurent supprimées; la consonne du milieu des mots est en général celle qui demeure retranchée, et cette contraction dérouta plus qu’un autre l’étymologiste. Ainsi, *dolor*, douleur, devient *dòr* (sic); *cielos*, les cioux, devient *ceos*; *mayor*, majeur, *mòr*; *nello*, *no*; *dello*, *do*, etc. Il y a ensuite quelques lettres pour lesquelles les Portugais semblent avoir de l’aversion. Ainsi, *l* est retranchée même de leurs noms: *Alfonso*, *Affonso*; *Alboquerque*, *Aboquerque*; ou elle est changée en *r*; *blando* devient *brando*; *playa*, *praia*. [...]” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 263).

<sup>284</sup> Em francês, “Dès le dix-septième siècle, les colonies portugaises ajoutèrent quelque poètes à ceux qui étaient nés dans l’ancienne Lusitanie: ainsi Francisco de Vasconcellos, un des auteurs de sonnets qui tombe le moins souvent dans le mauvais goût et l’affectation, était né à Madère. Il traita cependant à son tour, à l’imitation de Gongora, la fable de Polyphème et Galathée, si chère aux poètes espagnols et portugais. André Nunes de Sylva naquit e fu élevé au Brésil, mais il mourut en Portugal sous l’habit de moine théatin. Ses poésies religieuses peuvent être mises au nombre des meilleures du siècle. Ainsi une nation nouvelle, qui probablement héritera seule du génie des anciens Portugais, commençait déjà à croître et à s’élever au-delà des mers.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 530).

O domínio do mau gosto e da sutileza sem valor não fora, entretanto, estendido sobre a totalidade do Parnaso português, durante a segunda metade do século dezessete. Os escritos de alguns poetas ainda demonstram julgamentos sensatos e certa porção do nobre e antigo estilo de arte. Francisco de Vasconcelos, da ilha da Madeira, pendeu mais para o lado da razão, do que a maior parte de seus contemporâneos.<sup>285</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 311-2, tradução nossa).

[...] André Nunes da Silva, igualmente um modesto e engenhoso escritor, o qual recebeu sua primeira educação no Brasil, e que morreu como monge teatino em Portugal. Seus sonetos espirituais, canções e romances estão, ao menos, livres dos conceitos absurdos e das sutilezas marinistas.<sup>286</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 313, tradução nossa).

Os comentários sobre Cláudio Manuel da Costa são, desde o índice, embasados nos apontamentos de Bouterwek, como se percebe pelo tópico “Suas felizes imitações de Metastásio”<sup>287</sup>, uma analogia feita na *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*. Além de o professor alemão não ter indicado qual a fonte de onde extraiu essa filiação de Costa com o poeta italiano, esta comparação não se encontra presente no quarto tomo da *Biblioteca Lusitana*, nem nas *Memórias de Literatura Portuguesa* da Academia de Ciências de Lisboa, sugerindo que talvez seja uma análise que partiu de considerações particulares de Bouterwek. Essa referência direta à *História da Poesia e Eloquência* e mais outra alusão crítica, ambas previamente elaboradas pelo erudito alemão, são reapresentadas no tópico “Cláudio Manuel da Costa, poeta brasileiro”<sup>288</sup>:

Ele recebeu em Coimbra, durante cinco anos, uma educação europeia, mas a escola de Gôngora ainda dominava nesta cidade, e foi o gosto de Da Costa que o determina a buscar modelos nos antigos poetas italianos e em Metastásio.<sup>289</sup> (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 545, tradução nossa).

<sup>285</sup> Em inglês, “The dominion of bad taste and worthless subtilty was not, however, during the second half of the seventeenth century extended over the whole of the Portuguese Parnassus. The writings of some poets still evinced some sound judgment and some portion of the old and nobler style of art. Francisco de Vasconcelos of the island of Madeira, inclined somewhat more to the side of reason than most of his contemporaries.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 311-2).

<sup>286</sup> Em inglês, “[...] Andre Nunes da Sylva, an equally unassuming and ingenious writer, who received his first education in Brazil, and who died a Theatin monk in Portugal. His spiritual sonnets, canções, and romances, are at least free from absurd conceits and Marinistical subtilties.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 313).

<sup>287</sup> Em francês “Ses heureuses imitations de Métastase”.

<sup>288</sup> Em francês, “Claudio Manuel Da Costa, poète bresilien”.

<sup>289</sup> Em francês, “Il reçut à Coïmbre, pendant cinq ans une éducation européenne; mais dans cette ville, l'école de Gongora dominait encore, et ce fut le goût de Da Costa qui le détermina à chercher des modèles dans les anciens poètes italiens et dans Métastase.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 545).

Seus sonetos, nos quais nós reconhecemos a escola de Petrarca, possuem graça e um toque picante em seu aspecto; que faltam, em geral, à poesia romântica.<sup>290</sup> (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 545-6, tradução nossa).

O fato de o jovem da Costa, enquanto frequentava a Universidade de Coimbra, ter se aplicado no estudo e imitação dos mais antigos poetas italianos e de Metastásio, era uma circunstância peculiarmente favorável ao seu progresso [...]. Ele até mesmo se aventurou na composição de sonetos petrarquistas em língua italiana, e nessa tentativa ele não foi malsucedido.<sup>291</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 357-8, tradução nossa).

Como bem aponta Márcia Abreu, Sismondi fez citações idênticas de poemas e excertos às do professor de Göttingen, como acontece na parte que concerne Cláudio Manuel da Costa, cujas poesias são extrações declaradas de Bouterwek<sup>292</sup>, ou na parte concernente a Bernardim Ribeiro, na qual também é feita igual referência bibliográfica. Em geral, Sismondi apresentou um aspecto diferenciador em *De La Littérature du Midi de l'Europe*: as traduções dos versos originais para o francês, foram uma inovação que muito contribuiu para ampliar e despertar a apreciação da literatura portuguesa entre o público leitor,<sup>293</sup> o que não ocorria anteriormente.

César comenta que Sismondi fora embalado pelos ideais formulados por Madame de Staël, em livros como *De l'Allemagne*<sup>294</sup>, nutrindo “simpatia [...] pelos traços que aprofundam as divergências entre a latinidade clássica e as formas românticas de sentir e de dizer. [...] é visível a satisfação com que identifica no lirismo a nota predominante da literatura portuguesa.” (CÉSAR, 1978, p. XXIX). Esta asserção do crítico brasileiro indica ter o escritor suíço incorporado a missão de Bouterwek, ao analisar e exaltar composições de

<sup>290</sup> Em francês, “Ses sonnets, où l’on reconnaît l’écolier de Pétrarque, ont de la grâce et quelque chose de piquant dans la tournure, qui manque en général à la poésie romantique.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 545-6).

<sup>291</sup> Em inglês, “That young Da Costa, while at the university of Coimbra, should have applied himself to the study and imitation of the older Italian poets, and of Metastasio, was a circumstance peculiarly favourable to his improvement [...]. He even ventured on the composition of Petrarchic sonnets in the Italian language, and in this attempt he was not unsuccessful.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 357-8).

<sup>292</sup> Sismondi faz referência a Bouterwek em muitas das ocasiões em que recorreu à *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, como nas citações a seguir: “Aqui estão os dois sonetos de Da Costa que Bouterwek apresenta.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 546, tradução nossa); “Eu apresentarei ainda, de acordo com Bouterwek, dois outros excertos de Da Costa. O primeiro foi extraído de sua cantiga intitulada A Despedida (Fileno a Nize, despedida), que ele escreveu, provavelmente, ao deixar a Europa pelo Brasil.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 548, tradução nossa). Em francês, “Voici les deux sonnets de Da Costa, que rapporte Bouterwek (sic)” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 546); “Je rapporterai encore, d’après Bouterwek, deux autres morceaux de Da Costa. Le premier est tiré de sa canzonette intitulée le Congé (*Fileno a Nize, despedida*), qu’il écrivit probablement en quittant l’Europe pour le Brésil.” (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 548).

<sup>293</sup> Em Bouterwek, a *Écloga III* de Ribeiro (*Écloga de Silvestre e Amador*) se encontra logo no início, na página 28 (BOUTERWEK, 1823, v. 2) e em Sismondi ocupa o final das páginas 284 e 285 inteiramente. (SISMONDI, 1829, v. 4, p. 284-5).

<sup>294</sup> Guilhermino aponta que Sismondi acompanhou “Madame de Staël em suas viagens pela Alemanha e Itália.” (CÉSAR, 1978, p. 13).

estilos caracteristicamente nacionais, cuja maioria<sup>295</sup> não se assemelha aos ideais clássicos propostos à poesia.

Considerando a similitude crítica, Sismondi torna-se um difusor das ideias, da estrutura e do conteúdo proferidos pelo professor alemão oito anos antes. Ele “esperava que seus leitores pudessem experimentar (*‘gôûter’*) o ‘mérito real dos escritores’, que não se vinculava, de forma alguma, à adequação a regras conhecidas, mas à sua capacidade de sensibilizar” (ABREU, 2003, p. 55), anseio que configura o modelo de crítica romântica, a qual, ao contrário da clássica, ressalta as belezas do texto e não a conformidade com regras da poética e eloquência instituídas na Antiguidade.

Em comparação com Bouterwek, Sismondi o superou na disseminação do modelo das histórias literárias, graças à familiaridade do público europeu com o francês. A grande diferença entre ambos é, em primeiro lugar, o pioneirismo de Bouterwek, que resultou em um maior número de lacunas e um menor número de escritores citados; em segundo, por Sismondi escrever em francês e, por este ser um idioma mais acessível ao público, as ideias preconizadas pelo alemão foram repaginadas em uma nova obra e melhor disseminadas; e, em terceiro lugar, em *De La Littérature du Midi de l’Europe*, as citações em português são acompanhadas de sua tradução em francês, o que pode ser considerado um progresso aos estrangeiros, dispostos a se informar sobre a literatura de Portugal, inclusive aos portugueses que não tiveram acesso à tradução inglesa de *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*.

### 3.2.1 – Recepção em Portugal

No decorrer do século XIX, houve um movimento interno em Portugal para retomar a escrita da história literária portuguesa por escritores nacionais, conferindo uma suposta maior legitimidade ao texto, que nenhum estrangeiro poderia oferecer. Esse pressuposto aparentemente era de comum acordo entre os intelectuais lusitanos, os quais se lastimavam em ver a literatura nacional discutida externamente, enquanto, no cenário português, não havia repercussões ou respostas da intelectualidade. Em 1826, no *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal*, Ferdinand Denis faz um comentário que ecoa essas ideias:

---

<sup>295</sup> Com exceção de escritores como Antonio Ferreira, reconhecido por adotar um estilo de composição clássica, porém, ressaltando o uso integral da língua portuguesa na poesia.

Um autor comparou, com muita justiça, o Portugal literário a uma dessas ilhas cujas costas foram vistas pelos navegadores mas cujas riquezas são completamente ignoradas. Bouterwek deu os primeiros passos, M. de Sismondi o seguiu; entretanto eles não consagraram a Portugal mais do que uma fraca parte de suas estimáveis obras; teremos sempre para com eles a obrigação que temos com os primeiros exploradores que vira, rapidamente, mas que viram em primeiro lugar: **a história literária de Portugal está ainda por ser feita.**<sup>296</sup> (DENIS citado por ABREU, 2003, p. 60, grifo meu).

Reiterando, antes de Bouterwek, Sismondi e Denis, as únicas produções disponíveis ao estudo da literatura, pelos eruditos portugueses, eram de caráter bibliográfico, carentes de comentários críticos, e divididas em muitos tomos. Entre outros textos de apoio, incluem-se as *Memórias para a História Literária de Portugal e seus Domínios, divididas em várias cartas*, por Antonio Felix Mendes (ABREU, 2003, p. 48) e as *Memórias de Literatura Portuguesa* (1792-1814) pela Academia de Ciências de Lisboa, reunindo artigos de autoria diversa sobre temas como a poesia bucólica<sup>297</sup>, direito Justiniano<sup>298</sup>, história da agricultura<sup>299</sup>, entre outros. Em 1808, A. M. Sané escreve um texto introdutório, *Introduction sur la Littérature portugaise, avec des notes historiques, géographiques et littéraires*, ao livro de Francisco Manoel. Conforme discorre Abreu (2003, p. 53), sua tentativa em apontar os “melhores autores e obras portuguesas” já constitui um esforço na construção da história da literatura portuguesa, mediante o elogio dos exemplares. Ademais, na segunda metade do século XIX, surge o *Dicionário Bibliográfico Português* por Inocêncio Francisco da Silva. Assim sendo, antes de 1823 (data da tradução inglesa), não existia nenhum documento cuja proposta seria estudar a literatura portuguesa a partir do desenvolver histórico, levantando um *corpus* de autores que melhor representassem os estilos e a língua nacional.

A primeira tentativa de apropriação da obra, em terras portuguesas, se deu por intermédio de Almeida Garrett, no livro *Parnaso Lusitano*, cuja proposta era corrigir os erros críticos de seus antecessores e ainda apresentar as melhores amostras de poesia nacional, segundo a opinião de um português. A análise feita no texto introdutório, “Bosquejo da

<sup>296</sup> Em francês, “Un auteur comparait avec assez de justesse le Portugal littéraire à une de ces îles dont les navigateurs ont vu les côtes, mais dont on ignore complètement les richesses. Bouterwek (sic) a fait les premiers pas, M. de Sismondi l’a suivi ; toute fois ils n’ont consacré au Portugal qu’une faible partie de leurs estimables ouvrages ; on leur aura toujours l’obligation qu’on a aux premiers explorateurs qui ont vu rapidement, mais qui ont vu les premiers : l’histoire littéraire de Portugal est enconre à faire.” (DENIS, 1826, p. VIII-IX).

<sup>297</sup> Autoria de Joaquim de Fóios, “Memória sobre a Poesia Bucólica dos Poetas Portugueses” (MEMORIAS, v. 1, 1792, p. 1-15).

<sup>298</sup> Escrito por José Anastácio de Figueiredo “Memória sobre qual foi a época certa da introdução do Direito Justiniano em Portugal, o modo da sua introdução, e os graus de autoridade, que entre nós adquiriu. Por cuja ocasião se trata toda a importante matéria da Ord. Liv. 3 tit. 64.” (MEMORIAS, v. 1, 1792, p. 258-338).

<sup>299</sup> “Memória para a História da Agricultura em Portugal” (MEMORIAS, v. 2, 1792, p. 5-45).

História da Poesia e Língua Portuguesa”, não se compara à extensão dos projetos de Bouterwek e Sismondi. Contudo, as censuras feitas às obras anteriores foram bastante incisivas na invalidação das opiniões de ambos, uma vez que, bem como disse Garrett, o moto “vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza” (MONTEIRO, 2010, p. 28), reflexo do seu comprometimento político com Portugal, incentivava a criação de uma história da literatura portuguesa pelas mãos de um conterrâneo.

No livro *História da Crítica Literária em Portugal, da Renascença à Atualidade*, Fidelino de Figueiredo confirma a importância do lançamento do *Bosquejo*, no âmbito intelectual português e abrange, nas duas citações a seguir, as problemáticas que envolviam a feitura de um livro como esse por um estrangeiro e os pressupostos responsáveis por relegar a *História da Poesia e Eloquência* a um grau inferior de qualidade:

A primeira obra que representa o juízo pessoal e a crítica das belezas, ainda que fracamente, é o *Bosquejo da História da Língua e da Poesia Portuguesa*, (sic) de Garrett, publicado em 1826. No decurso do primeiro quartel do século XIX, a nossa literatura tinha ocupado a atenção desvelada de alguns estrangeiros. [...] Bouterwek escrevera para uma enciclopédia um volume sobre a nossa história literária, publicado em 1802; Sismondi ocupara-se dela no seu quadro geral *De la Littérature du midi d l'Europe*, publicado em 1819; e Ferdinand Denis, em 1824, fizera aparecer o seu conhecido *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*. Eram os materiais críticos que Garrett tinha a sua disposição. (FIGUEIREDO, 1916, p. 107-108).

Garrett, como português, não tinha dificuldades de informação biográfica e bibliográfica, que os estrangeiros confessaram, e tinha ainda muito mais expedito e são critério de avaliação. O trabalho de Denis, publicado nesse mesmo ano de 1826, não o cita, o que faz crer que o não conheceu; talvez alguma pequena distância de meses entre as duas obras impedisse esse conhecimento. E aos outros dois, Bouterwek e Sismondi, claramente os rejeita por os reputar de nenhuma utilidade [...].(FIGUEIREDO, 1916, p. 108-109).

### 3.2.2 – Almeida Garrett

Treze anos após a obra de Sismondi, é lançado, portanto, o livro *Parnaso Lusitano, ou Poesias Seletas dos autores antigos e modernos, ilustradas com notas*, pela casa

J.P. Aillaud situada em Paris, cujo primeiro tomo é de 1826, mesma data de publicação dos *Résumés* de Denis. Nesse livro, encontramos dois textos que são, comumente, associados ao escritor João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett,<sup>300</sup> intitulados “A Quem Ler” e “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”. Ambos são os primeiros textos escritos por mãos portuguesas, tendo como propósito estabelecer uma crítica das obras e dos autores da literatura nacional eleitos pelo autor, o que, de certa forma, determina uma correlação direta com o proposto por Bouterwek na obra inaugural do gênero em Portugal. Dentro do contexto político português, Garrett adotou a postura de incentivar o elogio ao elemento nacional, principalmente no que tange aos costumes populares, à natureza e às paisagens do país; um processo integrante do romantismo, do qual ele fora o maior representante:

A atenção ao peculiar e ao circunstancial passa também a presidir ao credo nacionalista de Garrett em literatura – aquele célebre ‘vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza’, escrevendo portuguesamente para Portugueses, que significa abandono de codificações, antigas ou modernas, artificialmente sobrepostas à linguagem do coração onde se entrecruzam o especificamente subjetivo e a memória da comunidade cultural em que se cresceu [...].<sup>301</sup> (MONTEIRO, 2010, p. 28).

Em 1823, devido às complicações políticas oriundas da retomada do absolutismo, mas, principalmente, a seu engajamento político contra a retomada da monarquia<sup>302</sup>, Almeida Garrett sai em exílio à Inglaterra, onde vivera por três anos, para retornar em 1826, data de publicação do *Bosquejo*<sup>303</sup>. Sua saída fora motivada “[...] pelo sentimento da urgência na regeneração das estruturas e mentalidades do País, decrépito sob a autoridade acabrunhante do Trono e do Altar.” (MONTEIRO, 2010, p. 40). Foi em terras estrangeiras que, provavelmente,

---

<sup>300</sup> De acordo com Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira, “O *Parnaso Lusitano*, aparentemente a primeira coletânea em língua portuguesa e modelo das subsequentes organizadas no Brasil, como as de Januário da Cunha Barbosa, de 1829, e de J. M. Pereira da Silva, de 1843, foi publicado em seis volumes por J. P. Aillaud, editora situada em Paris. O primeiro volume, com o ensaio de Almeida Garrett, apareceu em 1826, os demais em 1827.” (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 20).

<sup>301</sup> Guilhermino César corrobora a escritora Ofélia Paiva Monteiro na seguinte estrofe: “Foi nessa mesma direção, rumo ao nacionalismo, pela pesquisa de traços originais num rico passado luso, ibérico mas antiespanhol, um passado consagrador da lusitanidade batalhadora, que caminhou Almeida Garrett, em tudo quanto a partir daí teve ocasião de levar a cabo, na sua tarefa de escritor.” (CÉSAR, 1978, p. 84).

<sup>302</sup> Segundo Ofélia Paiva Monteiro, Garrett adotou “[...] posições centralistas e antissectárias, traduzidas na defesa entusiasta, em 26, do projeto conciliador da Carta, na adesão inquieta, dez anos depois, à Revolução de Setembro, na atividade jornalística, na redação da Constituição de 38, em toda a intensa intervenção parlamentar, iniciada em 1837.” (MONTEIRO, 2010, p. 26).

<sup>303</sup> “Em 1823, fugiu para a Inglaterra, em virtude do restabelecimento do absolutismo em Portugal; retornou em 1826, com a outorga da Carta Constitucional por D. Pedro IV; mas, em 1828, partiu para novo exílio na Inglaterra, com a ascensão de D. Miguel.” (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 19).

o escritor entrou em contato com a *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*, por meio da tradução inglesa de 1823. É possível que Garrett tenha lido a obra de fato, conferindo ao Bosquejo semelhanças essenciais de método, como a ordenação cronológica, a divisão do trabalho por épocas, a associação histórica com a literatura, e a seleção crítica de autores<sup>304</sup>, além da similaridade de conteúdo, como será comprovado a seguir. A estruturação da obra *Parnaso Lusitano*, conforme segue, está organizada da seguinte forma:

O ‘Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa’ ocupa as páginas VII a LXXVII do primeiro volume, após as quais segue a coletânea. Os tomos estão divididos conforme os gêneros literários, sendo o primeiro dedicado à poesia épica, o segundo, aos poemas descritivos e didáticos bucólicos e herói-cômicos, o terceiro, aos epigramáticos e líricos, o quarto, também à poesia lírica, destacando-se os sonetos, os epigramas, as odes, os ditirambos e as elegias, o quinto à poesia dramática (tragédia e comédia). No último tomo, dos satíricos, aparece *O hissope*, poema herói-cômico de Antônio Dinis da Cruz e Silva. (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 23).

Os propósitos do *Parnaso Lusitano* estão descritos no texto “A Quem Ler”, uma breve nota ao leitor que busca esclarecer as vontades do crítico, bem como as dificuldades na composição de uma obra do tipo. Como visto, originalmente, sua intenção “foi dar ao público um extrato das melhores **poesias** de nossos clássicos” (GARRETT, 1826, v. 1, p. I, grifo meu), porém, o próprio escritor já se desculpa de antemão, como fizera Bouterwek em 1805, pela impossibilidade de abranger completamente todos os gêneros e autores, fazendo jus à literatura portuguesa. A diferença principal entre esse livro e a *História da Poesia e Eloquência* é que Garrett se propõe a analisar somente exemplares de poesia, enquanto Bouterwek se compromete a expor crônicas, prosas românticos e tratados, os quais ele atribui à eloquência. O objetivo final de Garrett, com a idealização desse livro, foi de corrigir os deslizes cometidos pelos estrangeiros que se ocuparam em descrever a literatura portuguesa, pois, segundo ele, foram responsáveis por fornecer informações incorretas sobre os escritores de Portugal. Em suas palavras:

---

<sup>304</sup> Guilhermino César acrescenta que, além da obra de Bouterwek, Almeida Garrett também leu a de Sismondi, posto que o romancista português também fez críticas à obra do suíço, no texto “A Quem Ler”, cuja citação está na página a seguir: “Como vimos, o texto garrettiano desdenha por completo o historiador suíço [Simonde de Sismondi] que o precedera; não chega a escrever-lhe o nome. A despeito disso, é fácil perceber que partem ambos, em muitos passos, dos mesmíssimos pressupostos românticos; coincidem muitas vezes os seus juízos críticos, condenam ambos, com os mesmos exemplos, o gosto geral da poesia portuguesa, nos séculos XVII e XVIII, pela écloga a Polifemo e Galatéia, à boa maneira de Góngora.” (CÉSAR, 1978, p. XXVII).

Julgo haver prestado algum serviço à literatura nacional em oferecer aos estudiosos de sua língua e poesia um rápido bosquejo da história de ambas. Quem sabe que tive de encetar matéria nova, que português nenhum dela escreveu, e os dois estrangeiros Bouterwek e Sismondi incorretissimamente e de tal modo que mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da história literária de Portugal; avaliará decerto o grande e quase indizível trabalho que me custou esse ensaio. Não quero dá-lo por cabal e perfeito; mas é o primeiro, não podia sê-lo. Além de que, a maior parte das ideias vão apenas tocadas, porque não havia espaço em obra de tais limites para lhe dar o necessário desenvolvimento. (GARRETT, 1826, v. 1, p. V-VI).

Nesta introdução, fica visível como o caráter romântico do escritor desmerece os esforços dos dois predecessores estrangeiros, não obstante ter se apoiado fundamentalmente em suas obras, com o pretexto de que, não sendo portugueses, eles não tinham propriedade no discorrer sobre a poesia lusitana. Garrett, todavia, alegou que não fora responsável por esses textos: em 1829, quando seu nome já era bastante conhecido em Portugal, (RAMOS citado por ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 22) durante o prólogo ao livro *Da Educação*, ele se queixa de ter sido o autor somente do projeto do Bosquejo, acusando a perniciosidade de um revisor e do editor J.P. Aillaud e se eximindo dos erros e da inclusão desmerecida de certos autores; independente de qualquer polêmica levantada sobre a autoria, muitos críticos, senão todos, apontam-no como o devido autor:

Já em outra parte protestei que nada meu tinha no Parnaso Lusitano que publicou o Sr. Aillaud, livreiro em Paris, senão o resumo da história literária de Portugal que vem no princípio do primeiro tomo daquela coleção. É certo que arranjei o sistema e plano da obra, que escolhi os autores e peças; mas ausentando-me de Paris antes de completa a impressão do primeiro volume, um homem por nome Fonseca, a quem de minha algibeira paguei para rever as provas, tomou a liberdade de alterar tudo, introduzindo na coleção produções ridículas de gente desconhecida, e que eu nunca vira, omitindo muitas das que eu escolhera, enxovalhando tudo com notas pueris e indecentes, errando vergonhosamente até o índice de matérias que eu preparara para cada volume, e introduzindo uma ortografia galega que faz rir a gente e que está em contradição com as regras que eu na prefação estabelecera e aqui vão transcritas. – Repito esta declaração para que me não atribuam as grossas tolices e grossas má-criações que emporcalham aquela obra que tão bela podia ser.<sup>305</sup> (GARRETT, 1829, p. IV-V).

---

<sup>305</sup> Regina Zilberman discute essa afirmação de Garrett, por comprometer seu depoimento, ao escrever em seguida: “E portanto seguí nesta obra as mesmas regras que para a do *Parnaso Lusitano* tinha estabelecido.” (GARRETT, 1829, p. IV).

A estrutura do “Bosquejo” é embasada no sistema de eras, elaboradas por Bouterwek: como é possível verificar por meio da comparação de tópicos, a organização é feita em igual sequência e propõe a inclusão de autores, muitos dos quais foram mencionados pelo professor de Göttingen em primeira mão. Apesar de expor somente gêneros de poesia, existe uma sutil diferença na abrangência de Garrett, por englobar nomes de autores portugueses expressivos na literatura de seu país, porém não mencionados anteriormente, sem deixar de incluir muitos dos escritores presentes na *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*. Todos os tópicos elaborados pelo escritor português já haviam sido contemplados nessa última obra e, portanto, para cada nova divisão, existe um correlato em Bouterwek. Tal classificação não é de todo estranha, uma vez que é característica do estudo histórico romântico resgatar as origens das literaturas nacionais na era medieval. Por exemplo, o que Garrett identifica como a “Primeira Época Literária: fins do século XIII até os Princípios de XVI”, em Bouterwek é narrado durante o Livro Primeiro, “Do final do século XIII ao início do XVI”<sup>306</sup>; para a “Segunda Época Literária: idade de ouro da poesia e da língua desde os princípios do século XVI até os do XVII”, o correspondente direto é o Livro Segundo, “Do início do século XVI até o final do XVII”<sup>307</sup>; a “Terceira Época Literária: principia a corromper-se o gosto e a declinar a língua. Começo até o fim do século XVII” é reduzida, em Bouterwek, ao terceiro capítulo do Livro Segundo, intitulado “História da poesia e eloquência, dos últimos anos do século XVI até o final do século XVII”<sup>308</sup>; por fim, a “Quarta Época Literária: idade de ferro; aniquila-se a literatura, corrompe-se inteiramente a língua. Fins do século XVII, até meados do século XVIII” tem seu correspondente histórico no Livro Terceiro, “Do final do século XVII ao final do século XVIII”<sup>309</sup>, bem como a “Quinta Época Literária: restauração das letras em Portugal. Meio do século XVIII, até o fim” e a suposta sexta época, “Segunda decadência da língua e literatura; galicismo e traduções”.

Em ambos os livros, houve uma quebra do paradigma de progresso iluminista, já que, nos dois casos, as críticas reservadas aos últimos capítulos descrevem o declínio da literatura portuguesa, e identificam seu apogeu no século XVI. Sobre essa inversão, Regina Zilberman comenta que Garrett “ordena o fluxo temporal em termos de ‘elevação’ e ‘queda’, evitando a linha continuamente ascendente na direção do progresso; sua avaliação do presente é desalentadora, embora deixe no ar a expectativa de novos e bons tempos” (ZILBERMAN,

<sup>306</sup> Em inglês, “From the End of the Thirteenth to the commencement of the Sixteenth Century.”

<sup>307</sup> Em inglês, “From the Beginning of the Sixteenth century until towards the end of the Seventeenth Century.”

<sup>308</sup> Em inglês, “History of Portuguese Poetry and Eloquence, from the later years of the sixteenth century until towards the close of the seventeenth.”

<sup>309</sup> Em inglês, “From the Close of the Seventeenth to the End of the Eighteenth Century.”

1997, p. 60); uma oscilação que segue, muitas das vezes, o progresso da própria nação, cujas conquistas ou conflitos determinam o crescimento das artes. Abaixo, foram escolhidos dois parágrafos, cada um respectivo a um autor, para demonstrar o comentário de Zilberman; o primeiro, referente ao crítico alemão, diz respeito aos eventos pós-dissolução da união ibérica; e, o último, ao período anterior à instalação da dinastia Filipina, precisamente após a morte de Dom Sebastião:

Nesse período, a poesia espanhola já se declinara, enquanto, pelo contrário, a poesia portuguesa, mais uma vez, se reavivava. A reação generalizada contra qualquer coisa relativa à Espanha teve uma influência inspiradora nos poetas portugueses, muito embora eles não tomassem parte em assuntos políticos. Se nenhum segundo Camões surgiu nessa época, ela, no entanto, deu origem a diversos poetas, cujas composições líricas mantiveram honrosamente a reputação de seu país [...].<sup>310</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 51, tradução nossa).

Mas já a nação se perdera nos areais de África, já a glória portuguesa estava ofuscada; com ela foram (como sempre vão) as boas artes. Ainda brilham a espaços faíscas do grande luzeiro que se apagara; mas já não eram senão faíscas. (GARRETT, 1826, v. 1, p. 27).

Em *O Berço do Cânone*, existe uma lista interessante de todos os autores, cujas poesias foram contempladas por Almeida Garrett neste Bosquejo (ZILBERMAN; MOREIRA, 1998, p. 23), por meio da qual é possível identificar que houve a exclusão de muitos nomes, por terem sido representantes da *eloquência*, e a inclusão de poetas mais recentes. Em suma, os escritores comuns a ambos são: Antônio Ferreira, Bernardim Ribeiro, Diogo Bernardes, Fernão Álvares do Oriente, Francisco de Sá de Miranda, Francisco Rodrigues Lobo, Jerônimo Corte-Real, Cláudio Manuel da Costa, João Xavier de Matos, Luís de Camões, Manuel Maria Barbosa du Bocage, Miguel do Couto Guerreiro, Nicolau Tolentino, Paulino Antônio Cabral de Vasconcelos, Pedro Antônio Joaquim Correia Garção, Pero de Andrade Caminha.

O demérito inicial à obra de Bouterwek torna-se relativo e questionável, graças à perpetuação de uma parte considerável do *corpus* por ele criado, vinte e um anos antes, na obra de um português sobre a literatura nacional. Essa proposição, por si só, desmistifica um

---

<sup>310</sup> Em inglês, “At this period, Spanish poetry had already declined, while on the contrary Portuguese poetry once more revived. The general re-action against every thing Spanish had an inspiring influence on the Portuguese poets, even though they took no part in political affairs. If no second Camoens arose in that age, it nevertheless gave birth to several poets, whose lyric compositions honourably maintained the reputation of their country [...]” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 51).

dos mais graves problemas criados ao redor das histórias nacionais: o da invalidação da obra de um estrangeiro sobre uma cultura alheia, devido ao distanciamento cultural e linguístico da nação estudada. Como visto, partindo da perspectiva de Garrett, Bouterwek e Sismondi “mais confundem do que ajudam a conceber e ajuizar da história literária de Portugal”; contudo, os dados abaixo atestam que Garrett se serviu do método e do *corpus* recolhidos dos textos de Bouterwek no *Parnaso Lusitano*, desmentindo esse tipo de preconceito oriundo daquele orgulho romântico nacionalista, pelo qual o escritor português ficara reconhecido. Logo no primeiro tópico, “Origens da nossa língua e poesia”, o discurso apresentado sobre a formação da língua portuguesa e das diferenças entre os idiomas circunvizinhos, como o galego e o castelhano, conversa diretamente com o quarto volume de Bouterwek:

A língua e a poesia portuguesa (bem como as outras todas) nasceram gêmeas, e se criaram ao mesmo tempo. Erro é comum, e geral mesmo entre nacionais, pela maior parte pouco versados em nossas coisas, o pensar que a língua portuguesa é um dialeto da castelhana, ou espanhola segundo hoje inexatamente se diz. (GARRETT, 1826, v. 1, p. VII).

Filhas dos mesmos pais, diversamente educadas, distintas feições, vários gênios, porte e ademã tiveram: há contudo nas feições de ambas aquele *ar de família* que à prima vista se colhe. (GARRETT, 1826, v. 1, p. IX).

Justapondo-as a um trecho do Livro Primeiro de Bouterwek, comprova-se a existência de analogias equivalentes, que fazem da língua castelhana irmã da portuguesa, as quais, a despeito da proximidade “genética”, conseguiram desenvolver suas respectivas poesias, respeitando as fronteiras nacionais; em síntese, foi esta diferença entre ambas as línguas que Garrett ressaltou nas citações anteriores:

O historiador da literatura portuguesa deve, portanto, direcionar sua atenção particular àquelas propriedades aparentemente desimportantes, mas, em si mesmas, memoráveis, por meio das quais a poesia portuguesa, no processo variado de seu cultivo, mais ou menos se desviou da castelhana, ou, como hoje é voga, da espanhola; e também à maneira nas quais as diferenças, não somente das duas línguas irmãs, mas das duas nações, cujos respectivos caracteres estão impressos naquelas línguas, constantemente preservaram os limites que dividem a literatura erudita de Portugal e da Espanha, e que, do contrário, deveriam tão logo ser esquecidas.<sup>311</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2-3, tradução nossa).

---

<sup>311</sup> Em inglês, “The historian of Portuguese literature ought, therefore, to direct his particular attention to those apparently unimportant, and yet in themselves very remarkable properties, whereby Portuguese poetry has in the

É importante ressaltar que o objetivo principal do *Parnaso Lusitano* é dar amostras das poesias nacionais e, de modo a favorecer essa exposição, os comentários feitos durante o Bosquejo são muito breves e não dão espaço suficiente para a crítica mais aprofundada. Por exemplo, nesse mesmo tópico, Bernardim Ribeiro e Gil Vicente são relegados a apenas três parágrafos ao todo, o que de modo algum corresponde ao espaço reservado aos dois em Bouterwek. Inclusive, além de não apresentar nenhum exemplar da poesia de Gil Vicente, um dos grandes expoentes da língua portuguesa, Garrett ainda discute a relevância da seleção de Bouterwek e de Sismondi dos autos mencionados.<sup>312</sup> Em nota, ele justifica a ausência, alegando ser desejo seu dedicar um livro somente ao escritor: “Reservo-me para uma edição que pretendo publicar do nosso Plauto, fruto de longo e penoso trabalho, para examinar melhor esse ponto, e demonstrar o que aqui enuncio” (GARRET, 1826, v. 1, p. XIII), tarefa esta, segundo Zilberman, cumprida somente em 1842, em *Um Auto de Gil Vicente*. (ZILBERMAN, 2006, p. 204).

Na Segunda Época Literária, o cultivo das letras clássicas trouxe erudição, “aperfeiçoou-se a língua”, porém, de acordo com Garrett, comprometeu-se a “originalidade” e a “nacionalidade.” (GARRETT, 1826, v. 1, p. XIV). Estes questionamentos também foram abordados em Bouterwek, e ambos os críticos entram em concordância quando o assunto é a valorização do elemento nacional lusitano, que deve ser resgatado no folclore<sup>313</sup> ou, como Garrett emprega, na arqueologia do povo português:

[...] mui pouco ficou para o que era nacional, para o que já tínhamos, para o que podíamos adquirir ainda, para o que naturalmente devia nascer de nossos usos, de nossas recordações, de nossa arqueologia, do aspecto de nosso país, de nossas crenças populares, e enfim de nossa religião. (GARRETT, 1826, v. 1, p. XVI).

---

varied progress of its cultivation more or less deviated from the Castilian, or, as it is now usually styled, the Spanish; and also to the manner in which the differences not only of the two sister languages, but of the two nations, whose respective characters are impressed on those languages, have constantly preserved the boundary which divides the polite literature of Portugal and Spain, and which must otherwise have soon obliterated.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 2-3).

<sup>312</sup> No Bosquejo, encontra-se a seguinte menção: “Foi seu [Bernardim Ribeiro] contemporâneo Gil Vicente fundador do teatro moderno, de cujas obras imitaram os castelhanos; e delas se espalhou pela Europa o mau e o bom dessa irregular e caprichosa cena, que ainda assim suas belezas têm. O próprio Gil Vicente não deixa de ter seu cômico sal, e entre muita extravagância muita coisa boa. Bouterwek e Sismondi parece que escolheram o pior para citar; muito melhores coisas têm, particularmente nos autos, superiores sem comparação às comédias. A soltura da frase, e a falta de gosto são os defeitos do século; o engenho que daí transparece é do grande homem e de todas as épocas.” (GARRETT, 1826, v. 1, p. XIII).

<sup>313</sup> Antônio José Saraiva, no livro, *Iniciação à Literatura Portuguesa*, diz que: “Este interesse pela poesia folclórica é próprio da escola romântica e fora inaugurado pelos irmãos Grimm (*Lendas Alemãs*, 1816-1818). Garrett é em Portugal o iniciador do movimento de pesquisa da chamada poesia popular, que será continuado por Teófilo Braga, Adolfo Coelho, José Leite de Vasconcelos, etc.” (SARAIVA, 1999, p. 106).

Esse elogio ao patrimônio nacional está presente na descrição das inspirações linguísticas de Antônio Ferreira, mais especificamente do esforço em valorizar o idioma materno, qualidade esta aplaudida por ambos os críticos. No excerto abaixo, Bouterwek acentua a iniciativa de compor em língua portuguesa, frente ao uso corrente do espanhol nas poesias do século XVI:

[...] as obras de Horácio, e de outros poetas da Antiguidade, produziram nele uma impressão totalmente diferente daquela que era experimentada por outros estudantes [...] estava em voga escrever versos em latim e olhar com desdém para a língua portuguesa; mas Ferreira, ainda jovem, provou a si mesmo ser um amante entusiasta de sua língua materna. Ele decidiu não escrever uma linha em qualquer idioma estrangeiro, nem mesmo em espanhol; e ele manteve sua determinação fielmente.<sup>314</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p.111-112, tradução nossa).

Entretanto, Garrett discorda de Bouterwek, ao afirmar que a adoção desmesurada dos estilos da Antiguidade cegou Ferreira, levando-o à cópia e não à imitação<sup>315</sup>, em detrimento da antiga poesia nacional. Apesar de ter defendido o uso da língua portuguesa, a falta do espírito nacional nas formas literárias utilizadas rendeu-lhe muitas críticas neste Bosquejo. Dessa forma, enquanto o professor alemão expõe essas questões a partir de uma visão distanciada, ou seja, pontuando tão somente os deslizes e as conquistas de cada escritor na construção da essência popular nacional herderiana, Garrett argumenta com veemência as escolhas que foram censuráveis entre seus conterrâneos do ponto de vista patriótico e as que contribuíram para a construção de uma literatura nacional e propriamente lusitana, ainda fragilizada pelos eventos políticos ocorridos nos séculos XVIII ao XIX.

A forma como Garrett mobilizou as informações históricas e políticas no texto está enfatizada na Terceira Época Literária, correspondente ao início do declínio do gosto e à decadência da língua, numa sequência lógica que sucede à grandiosa obra camoniana, com a

<sup>314</sup> Em inglês, “[...] the works of Horace, and other poets of antiquity, produced on him an impression totally different from that which was experienced by the other students [...] it was a fashion to write verses in latin, and to look with disdain on the Portuguese language; but Ferreira, while yet a youth, proved himself an enthusiastic lover of his mother tongue. He resolved not to write a line in any foreign language, not even in Spanish; and he faithfully kept his determination.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p.111-112).

<sup>315</sup> “Cegou-se todavia o nosso bom Ferreira na imitação dos antigos; copiou-os, não os imitou: e daí, enriquecendo a língua, empobreceu a literatura, porque a avezou a esse hábito de copista; cancro que rói o espírito criador, alma e vida da poesia nacional.” (GARRETT, 1826, v. 1, p. XX). Em contradição, Bouterwek comenta “De forma alguma, Ferreira foi um cego ou um imitador pedante dos antigos e dos italianos.” (tradução nossa). Em inglês, “Ferreira was by no means a blind or pedantic imitator of the ancients and the Italians” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 114). Embora acrescente, duas páginas à frente, que: “De fato, houve uma época, durante o século dezessete, no qual ele foi desprezado como um pedante erudito, mesmo pelo mundo ilustre.” (tradução nossa). Em inglês, “There was indeed a time during the seventeenth century in which he was despised even by the polite world as a learned pedant.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 116).

qual não há equivalentes, e a fatídica queda de D. Sebastião na África. Os autores precedentes a Camões são, quase todos, desmerecidos e duramente julgados, seja na avaliação da linguagem, nas descrições malfeitas da natureza nacional, ou mesmo na adoção de correntes que corrompem o bom gosto (incluindo aqui gongorismo, marinismo, elmanismo e conceptismo). Sem meias palavras, para Garrett, assim como para Bouterwek, o gongorismo e o marinismo são “a lepra de soberba requintada”. (GARRETT, 1826, v. 1, p. XXIX).

A descrição do declínio da língua ou, em outras palavras, de sua desvalorização, acontece no período de União Ibérica, durante o qual muitos escritores adotaram o espanhol como língua poética. Essa tendência tão lamentada por Bouterwek e abordada no segundo capítulo, é, de igual modo, reprovada dentro do projeto histórico-literário pelo escritor lusitano:

Tínhamos perdido a independência; perdemos logo o espírito nacional, o timbre, o amor pátrio (que amor da pátria poderá haver em quem pátria já não tem); a lisonja servil, a adulação infame levou nossos desonrados avós a desprezar o próprio riquíssimo e tão suave idioma, para escrever no gutural castelhano [...]. (GARRETT, 1826, v. 1, p. XXX-XXXI).

Em oposição ao cenário decadente retratado na Quarta Época, durante o quinto período, os portugueses vivenciaram uma restauração das letras, marco do início do movimento romântico em Portugal. Um dos tópicos selecionados é referente às produções brasileiras, não dissociadas das portuguesas; um dos motivos pelos quais Fidelino de Figueiredo acredita não ter Garrett lido a obra de Ferdinand Denis. Em verdade, apesar de elogiar Cláudio Manuel da Costa e Santa Rita Durão, ele critica a falta de mais originalidade, em meio à exuberante natureza da região. Segundo Almeida Garrett (1826, v. 1, p. XLIV), “a educação europeia apagou-lhes o espírito nacional”. De fato, é a partir da publicação de Denis que se começa a refletir as raízes do elemento pátrio brasileiro, e é somente em 1836 que Gonçalves de Magalhães escreve o manifesto fundador do romantismo “Suspiros Poéticos e Saudades”, matéria integrante da revista *Nitheroy*. Todas as poesias desses autores<sup>316</sup> são ainda consideradas como propriedades literárias de Portugal, pois Garrett não reconheceu a separação política da mais rentável colônia portuguesa, fato que implica a inclusão desses poetas no *Parnaso Lusitano*.

---

<sup>316</sup> Outros autores do Brasil são Antônio José da Silva, Tomas Antônio Gonzaga e Basílio da Gama, cuja poesia foi considerada “verdadeiramente nacional, e legítima americana.” (GARRETT, 1826, v. 1, p. XLVII).

Na última época literária, que, apesar de não identificada, corresponde ao sexto período, compreende alguns dos últimos temas abordados no Livro Terceiro, na *História da Poesia e Eloquência*. Não obstante a presença de novos assuntos introduzidos pelo escritor português, ele não exclui as abordagens do professor alemão, como ao comentar sobre o uso desmedido do francês, cuja influência começava a ser sentida em Portugal em 1700, outra questão bastante lamentada por Garrett que, assim como o alemão, ressaltou as perdas ocasionadas por essa adoção dentro da perspectiva de construção de uma identidade nacional, espelhando-se na crítica ao uso do castelhano no século XVI:

Este mal foi a *galo-mania*, que sobre perverter o caráter da nação, de todo perdeu e acabou com a já combalida linguagem: frases bárbaras repugnantes à índole do idioma, termos híbridos, locuções arrastadas, sem elegância, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as províncias das letras. (GARRETT, 1826, v. 1, p. XLIX).

Como foi atestado acima, existiu uma grande preocupação em elogiar aqueles que se exaltaram no bom uso da língua portuguesa e mobilizaram imagens de cenário e natureza da região, com o cuidado de aperfeiçoar e desenvolver a literatura, concedendo-lhe um caráter particularmente português. É interessante pensar como as ideias sobre a diferença primordial entre os povos, que surgiram em Herder e se espalharam pela Alemanha, agora estão incorporadas ao romantismo oitocentista de Garrett, o qual “abandonara a concepção universal e intemporal do *belo* para começar a admitir um princípio de variabilidade *histórica, nacional e subjetiva* do imaginário e do gosto.” (MONTEIRO, 2010, p. 42).

Até mesmo as traduções são uma ameaça para a acentuação da essência do povo português;<sup>317</sup> embora importantes, ele reitera, no decorrer dos comentários sobre Manuel Maria Barbosa du Bocage, que “essa casta de obras estuda-se, imita-se, não se traduz” (GARRETT, 1826, v. 1, p. LVI), de modo que, com a imitação dos grandes moldes, é possível dar uma cor nacional ao estrangeiro. Do contrário, as traduções só vêm mal acostumar o público leitor, *desabitua*do-o à poesia nacional: “Quem assim faz acomoda-as ao caráter nacional, dá-lhes cor de próprias, e não só se veste um corpo estrangeiro de alfaias nacionais (como o tradutor), mas a esse corpo dá feições, gestos, modo e índole nacional [...]” (GARRETT, 1826, v. 1, p. LVI-LVII). Bouterwek é da mesma opinião,<sup>318</sup> fato que

<sup>317</sup> “[...] de traduções estamos nós gafos: e com traduções levou o último golpe a literatura portuguesa; foi a estocada de morte que nos jogaram os estrangeiros.” (GARRETT, 1826, v. 1, p. LVI).

<sup>318</sup> “Uma nova era da prosa romântica poderia também ter começado em Portugal, se o espírito poético do antigo romance pastoral português fosse modificado, em vez de ser fragilizado pela introdução de formas cultivadas da

indica Garrett ter lido a obra em sua integridade. A certeza expressa por Guilhermino César<sup>319</sup> corrobora os muitos exemplos dados, os quais indicam plena conformidade com o discurso do professor alemão: “[...] qualquer que fosse sua atitude pública, o seu empenho de aparentar autonomia pessoal diante da crítica romântica – alemã, inglesa e francesa – o fato é que no **Bosquejo** ele não se apartou dela um só passo [...]” (CÉSAR, 1968b, p. 17-18, grifo do autor).

Contudo, seu afastamento e sua recusa em legitimar o conteúdo crítico da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* não são explicados somente pelo caráter um “tanto gabola” de Garrett (CÉSAR, 1968b, p. 17) e por seu desdém pelos antecessores. É movido por aquele orgulho do nacional que o romancista português é impelido a desqualificar a propriedade de um estrangeiro escrever a história de Portugal. Conforme as ideias correntes, Garrett segue os pressupostos românticos de retomada, no sentido de reapossar-se da literatura de seu país. Todavia, não existem muitas discordâncias com Bouterwek, pelo contrário: as críticas são muito parecidas, a sequência narrativa não fora alterada, e a seleção do *corpus* permaneceu, no geral, a mesma. Há, no entanto, a mudança de perspectiva sobre o estudo literário, trazendo sua feitura a Portugal e imbuindo o livro *Parnaso Lusitano* de um significado inexistente na *História da Poesia e Eloquência Portuguesa*: esta é a primeira obra por um português que convidava a intelectualidade da época a explorar a cultura de seu povo, a abraçá-la e a inseri-la na literatura, seguindo à voga da redescoberta da cultura popular, iniciada por Bouterwek, atingindo uma gravidade politizada nas palavras de Garrett.

### 3.3 – Ferdinand Denis

No mesmo ano de 1826, quando Garrett lançou seu “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, o francês Jean-Ferdinand Denis também estreia como historiador da literatura, com a obra *Résumé de l’histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l’histoire littéraire du Brésil*. O escritor, que vivera no Brasil durante os anos de 1816 a 1819 (CÉSAR, 1968a, p. 14), agora surge com uma obra revolucionária ao separar as

---

prosa moderna.” (tradução nossa). Em inglês, “A new era of romantic prose might also have been commenced in Portugal, had the poetic spirit of the old Portuguese pastoral romances been modified, instead of being enfeebled by the introduction of the cultivated forms of modern prose.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 391).

<sup>319</sup> “[...] a tradução inglesa da obra de Bouterwek aparecera em 1823, e é claro que Almeida Garrett a leu, tanto assim que a cita logo na abertura do seu *Bosquejo* [...]” (CÉSAR, 1968b, p. 17).

literaturas de Portugal e do Brasil em plena dissociação<sup>320</sup>. Sua proposta era analisar as raízes da poesia brasileira, as quais ele identifica nas belezas naturais e no tipo mais antigo dessas terras, o índio. Ele foi o precursor do Indianismo, o movimento que orientou escritores e críticos literários brasileiros, pois “[...] ao insistir na vinculação aludida, Denis estava simplesmente aprofundando o solo social, em busca das raízes, de fontes genuínas, como o faria, a seguir, a quase totalidade de nossos escritores mais representativos.” (CÉSAR, 1968a, p. 16).

Alguns anos antes da publicação desse livro, Denis havia se ocupado com a composição de outros títulos dedicados à cultura portuguesa, envolvendo contribuições à “coleção ‘Obras-primas dos Teatros Estrangeiros’. [...] Também em 1823 teria redigido *Camoens et Jozé Indio*, biografia ficcionalizada dos últimos anos do épico português.” (ZILBERMAN, 2013, p. 124). Quando, portanto, começa a redação do *Résumé*, ele já era versado em literatura e história portuguesas e reconhecido como a maior “autoridade em matéria de Brasil”.<sup>321</sup> (ROUANET, 1991, p. 143). Assim, a parte relativa a Portugal rendeu trinta e cinco capítulos<sup>322</sup>, sendo o décimo sétimo repetido; e essa, ao contrário do resumo

<sup>320</sup> “É nesse estudo, pela primeira vez, que aparece a nossa literatura separada da de Portugal, como um todo autônomo. Antes dele, apenas dois outros europeus, não portugueses, Friedrich Bouterwek (1765-1828) e Simonde de Sismondi (1773-1842) se haviam ocupado de autores brasileiros, ainda assim em obras panorâmicas de história literária.” (CÉSAR, 1968a, p. 10).

<sup>321</sup> Maria Helena Rouanet complementa seu elogio a Denis: “Graças, portanto, a esta posição privilegiada de fonte obrigatória de consulta por ser autoridade, o nome de Denis é a chancela que dá aos livros europeus escritos acerca do Brasil ou da América do Sul – bem como aos que escreveram sobre Portugal e a Península Ibérica – o exigido atestado de confiabilidade.” (ROUANET, 1991, p. 145-6).

<sup>322</sup> Na edição de 1826 do *Résumé de l'histoire Littéraire du Portugal*, os capítulos são organizados da seguinte forma: CHAPITRE. PREMIER. Pourquoi la littérature portugaise est peu connue. - Origine de la langue. - Ses progrès. CHAPITRE II. Des premiers encouragemens que reçut la littérature portugaise. CHAPITRE III. Coup d'oeil sur la littérature portugaise au commencement du quinzième siècle. - Maçias et son école. CHAPITRE IV. Introduction de l'imprimerie. CHAPITRE V. Historiens du quinzième siècle. CHAPITRE VI. Coup d'oeil sur les causes qui durent exciter le génie poétique des poètes du seizième siècle. - Bernardin Ribeiro. - Christoval Falcam. CHAPITRE VII. Encouragemens donnés aux études. - Buchanan, Gouvea appelés à l'Université. - Sà e Miranda.- Antonio Ferreira. CHAPITRE VIII. Camoens. - Sa vie. - Analyse des Lusiades. CHAPITRE IX. OEuvres diverses de Camoens. CHAPITRE X. De la poésie dramatique en Portugal au seizième siècle. - Gil Vicente, Sà e Miranda, Antonio Ferreira. CHAPITRE XI. Le Jaloux, première comédie de caractère, en Europe; Inès de Castro, deuxième tragédie régulière. - Camoens, considéré comme poète dramatique. CHAPITRE XII. Poètes qui se sont distingués au seizième siècle dans différens genres de poésie, et principalement dans l'épique. - Diogo Bernardes. - Andrade Caminha. - Fernand-Alvares do Oriente. - Rodriguez Lobo. - Manuel de Veiga. CHAPITRE XIII. Bandarra, poète populaire. CHAPITRE XIV. Coup d'oeil rapide sur la poésie latine en Portugal. CHAPITRE XV. Historiens Portugais du Seizième Siècle.- Hyeronimo Osorio, Jean de Barros, Couto, Albuquerque, Damian de Goes, Castanheda, Resende, etc. CHAPITRE XVI. Moralistes. - Heitor Pinto, Amador Arraiz. CHAPITRE XVII. Principaux Voyageurs du Quinzième et du Seizième Siècle. CHAPITRE XVIII. Francisco Moraes, romancier remarquable du seizième siècle. CHAPITRE XIX. Considérations générales sur la poésie épique en Portugal.- Corte Real, naufrage de Sêpulveda, le second siège de Diu. - Luiz Pereira, l'Elegiada, poème épique. CHAPITRE XX. Mauzinho-Quebedo, Alphonse l'Africain. CHAPITRE XXI. L'Ulyssea, ou la fondation de Lisbonne, de Gabriel Pereira de Castro. CHAPITRE XXII. Francisco de Sá e Menezès.-La Conquête de Malaca. CHAPITRE XXIII. Ferreira de Lacerda, Miguel de Sylveira; Botelho, Moraes e Vasconcellos, poètes épiques. CHAPITRE XXIV. Écrivains de la Première Moitié du dix Septième Siècle.- Bernardo de Brito, Nunez de Liaõ, F. Luiz de Souza, Faria e Souza, Freyre d'Andrade, le père Vieira, orateur, le

sobre o Brasil, seguiu uma sequência cronológica, que em muito se assemelha à desenvolvida na *História da Poesia e Eloquência*, evidenciada pela concatenação dos escritores, os quais, em sua maioria, estão ordenados assim como os dispôs Bouterwek.

Apesar das inovações presentes no *Résumé*, especialmente com a introdução das produções oitocentistas nos últimos capítulos, Márcia Abreu aponta que, assim como Bouterwek e Sismondi, Denis fez as mesmas citações de poemas estudados nessa obra, demonstrando a existência de uma herança resgatada desde a *História da Poesia e Eloquência*. Segundo Abreu, “ficam claros a existência de uma tradição crítica e o peso que ela tem na avaliação que se faz dos textos e na própria seleção de poemas e autores dignos de se apresentar em uma história literária.” (ABREU, 2003, p. 61).

Em concordância com a existência de uma hereditariedade entre os precursores e Denis, Regina Zilberman comenta que, no *Résumé*, é possível encontrar ressonâncias da obra predecessora de Bouterwek,<sup>323</sup> dadas às várias referências feitas ao professor alemão<sup>324</sup>, tal como a semelhança da crítica a escritores específicos. No artigo *As Lições de Ferdinand Denis*, Zilberman dirige o olhar ao que foi redigido sobre Gil Vicente, um autor cujas peças eram de difícil acesso, e que, por esse motivo, demorou a ser estudado propriamente pelos portugueses. Em decorrência desse fato, o francês se apoiou nas transcrições feitas por Bouterwek para complementar seu décimo capítulo:

Na esteira de Friedrich Bouterwek, que, em 1805, publicou, na Alemanha, a *História da poesia e da eloquência portuguesa*, [Denis] reproduz o enredo e

---

père Macedo, Antonio Souza de Macedo, polygraphes célèbres. CHAPITRE XXIV. Commencement de la décadence de la poésie, vers le milieu du dix-septième siècle.- Violante do Ceo, Vasconcellos, Bahia, Bacellar, etc. - Lettres portugaises : de Marianne d'Alcoforada. CHAPITRE XXV. Amélioration dans l'état des lettres. - Le comte d'Eryceyra. CHAPITRE XXVI. Fondation de L'Académie des Arcades. - Antonio Garçaõ, Diniz da Cruz e Sylva, Domingo dos Reis Quita, Francisco Dias Gomes. CHAPITRE XXVII. Du Théâtre au Dix-Huitième Siècle en Portugal. - Antonio Jozé, Garçaõ, Diniz da Cruz, Sylveira, etc., etc. CHAPITRE XXVIII. Ouvrages de Biographie. - Diogo Barbosa, Soares de Brito. CHAPITRE XXIX. Études des Langues Orientales Chez Les Portugais. CHAPITRE XXX. Fondation de l'Académie des Sciences; ouvrages publiés par son ordre durant le dix-huitième siècle. CHAPITRE XXXI. Poètes et Littérature du Dix-Neuvième Siècle, Morts Il y a Quelques Années. - Francisco Manoel do Nascimento, le comte da Barca, Brito, de Sonza, Maximiano Torres, Maria Barbosa du Bocage, etc., etc. CHAPITRE XXXII. Coup d'oeil rapide sur quelques littérateurs vivans.- Jozé Agostinho de Macedo; l'Orient, poème épique, ses autres ouvrages. - Mauzinho d'Albuquerque; les Géorgiques portugaises. Medina e Vasconcellos; le vicomte de San-Lourenço; La comtesse de Oyeihausen, etc. CHAPITRE XXXIII. De la Poésie Dramatique au Dix-Neuvième Siècle. - J.-B. Gomez, mort il y a peu de temps; la comtesse de Vimieiro, Pedro Nolasco; Pimenta de Aguiar. CHAPITRE XXXIV. Coup D'Oeil Rapide sur la Littérature et sur les Sciences. - Derniers travaux de l'Académie. - MM. Correa de Serra, Solano Constancio, Garçaõ Stockler, Verdier, Camera, Casado Giralde, etc., etc. - Feuilles périodiques. (DENIS, 1826).

<sup>323</sup> Em suas palavras, “Uma comparação entre os três autores [Bouterwek, Sismondi e Denis] pode ilustrar as semelhanças entre os textos, sugerindo o trânsito, sem mediações, de um historiador para o outro.” (ZILBERMAN, 2006, p. 210).

<sup>324</sup> “Como Ferdinand Denis não teve acesso às comédias e farsas de Gil Vicente, contenta-se em reproduzir o que anotaram seus precursores, não deixando de emitir opiniões, que passam por próprias e consistentes.” (ZILBERMAN, 2006, p. 208).

o significado do *Auto da feira*, para, a seguir, observar como os textos eram exibidos ao público, depois de serem representados para a família real, cujos membros participavam eventualmente das encenações. (ZILBERMAN, 2006, p. 202).

Seria de supor que conhecesse em profundidade a matéria com que trabalha [a trajetória do drama português]. Não é o caso, porém, pois confessa em meio ao desenvolvimento do capítulo: ‘Limitar-me-ia a citar alguns títulos indicados pela *Biblioteca Lusitana*, se Bouterwek e Morato não tivessem conservado alguns fragmentos desse poeta, cujas obras tornaram-se muito raras na Europa.’ (ZILBERMAN, 2006, p. 203).

Assim como Bouterwek e Sismondi, Denis também relatou ter problemas com documentação, mesmo tendo acesso a muitas fontes em bibliotecas francesas.<sup>325</sup> A origem de todo esse problema está em Portugal, desde o início, já que houve uma grande carência de fortuna crítica ocasionada pelo cenário político desfavorável já mencionado, além de uma dispersão de documentos pelo território português, prejudicando até mesmo seus próprios escritores a compilarem textos sobre a literatura nacional. De fato, Bouterwek foi privilegiado no acesso a títulos raros, e ele mesmo indica que a biblioteca da universidade de Göttingen possuía uma cópia de 1562 da obra de Gil Vicente, que até hoje integra seu acervo.<sup>326</sup> Este fato demonstra que essa instituição esteve realmente envolvida pelos estudos sobre as literaturas ibéricas e, mais uma vez, o trabalho de Johann Andreas Dieze é referência:

A biblioteca da Universidade de Göttingen contém uma cópia dessa antiga edição, intitulada: - *Compilaçam de todas as obras de Gil Vicente &c.* – Empreiose em a muy noble e sempre leal cidade de Lisboa, anno 1562, em folio. O título completo pode ser encontrado na edição de Velasquez de Dieze, p. 87. O texto dos dramas é impresso em caracteres góticos, mas a introdução que precede cada parte é impressa na digitação romana moderna.<sup>327</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 86, tradução nossa).

<sup>325</sup> “Bouterwek e Simonde de Sismondi tiveram poucas fontes primárias à altura dos olhos. O mesmo aconteceu com o parisiense Jean-Ferdinand Denis, não obstante a proximidade em que se achava de boas bibliotecas, como as de sua cidade natal.” (CÉSAR, 1968a, p. 18).

<sup>326</sup> Ao buscar por “Gil Vicente” na Göttingen Universitätskatalog (GUK), as últimas entradas são referentes ao livro em questão, de 1562, discutido por Bouterwek: *Copilaçam de todas las obras, a qual se reparte em cinco livros*.

<sup>327</sup> Em inglês, “The library of the University of Göttingen contains a copy of this old edition, entitled: - *Compilaçam de todas as obras de Gil Vicente &c.* – Empreiose em a muy noble e sempre leal cidade de Lisboa, anno 1562, in folio. The complete title may be found in Dieze’s edition of Velasquez, p. 87. The text of the dramas is printed in gothic characters, but the introduction which precedes each piece is printed in the modern roman type.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 86).

Denis, por exemplo, chega a mencionar as mesmas passagens dos autos citados pelo professor de Göttingen, o qual os dispusera em notas de rodapé. Inclusive, como percebe Zilberman, Ferdinand Denis tomou como empréstimo até mesmo o resumo do enredo do *Auto da Feira*, já desenvolvido na *História da Poesia e Eloquência*. (ZILBERMAN, 2006, p. 211). Os trechos abaixo, por ela traduzidos, são incontestáveis cópias das críticas que, sem dúvida, são de autoria de Bouterwek; proposição lógica, devido à inexistência de textos e de crítica sobre Gil Vicente mesmo nas principais fontes bibliográficas, como na Biblioteca Lusitana, ou como no livro de Manoel de Faria e Sousa citado por Barbosa Machado, *Epitome de las historias portuguesas* (1677)<sup>328</sup>. Abaixo foram elencadas as traduções, em primeiro lugar, de Bouterwek e, logo após, de Denis:

Mercúrio entra como uma personagem alegórica, e como representante do planeta que leva seu nome. Ele explica a teoria do sistema planetário e do zodíaco, e cita fatos astronômicos a partir de Regiomontano, numa longa série de estrofes no velho estilo nacional. Aparece um serafim enviado por Deus em resposta às orações do Tempo. O serafim, na qualidade de arauto, proclama uma grande feira anual em honra da Virgem Maria, para a qual convida as pessoas a comparecerem.<sup>329</sup> (ZILBERMAN, 2006, p. 211).

Na primeira cena, Mercúrio explica o movimento dos planetas segundo o sistema então adotado. Logo, porém, aparece Serafim, mensageiro do céu, que convida os habitantes da Terra para uma feira que se prepara em honra da Santa Virgem. Ele repreende então o clero da época, cujo luxo era crescente.<sup>330</sup> (ZILBERMAN, 2006, p. 211).

Outras repetições estão dispersas por todo o livro e, já no início, encontram-se amostras disso; durante as considerações sobre o poeta Macias, enquanto Bouterwek diz: “A Galícia parece ter sido a terra do sentimento romântico, de onde foi transplantada a poesia do amor, exibida nas composições da Espanha e de Portugal”<sup>331</sup> (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p.

<sup>328</sup> No capítulo quinze, a única referência a Gil Vicente diz respeito ao vocativo a ele associado, “o Plauto português”. (SOUSA, 1677, p. 384).

<sup>329</sup> Em inglês, “Mercury enters as an allegorical character, and as the representative of the planet which bears his name. He explains the theory of the planetary system and the Zodiac, and cites astronomical facts from Regiomontanus, in a long series of stanzas in the old national style. A Seraph then appears who is sent down from heaven by God in compliance with the prayers of Time. The Seraph, in the quality of a herald, proclaims a large yearly fair in honour of the Holy Virgin, and invites customers to it.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 94).

<sup>330</sup> Em francês, “Dans la première scène, Mercure vient expliquer le mouvement des planètes d’après le système adopté alors. Mais bientôt un séraphin, messenger du ciel, paraît ; il invite les habitants de la terre à une foire qui se prépare en l’honneur de la sainte Vierge, et ir gourmande alors de clergé de l’époque, dont le luxe allait toujours croissant.” (DENIS, 1826, p. 156).

<sup>331</sup> Em inglês, “Galicia seems to have been the land of romantic sentiment whence the poetry of love exhibited in the lyric compositions of Spain and Portugal was transplanted.” (BOUTERWEK, 1823, v. 2, p. 15).

15, tradução nossa), Denis comenta: “O Galego parecia infinitamente mais adequado, aos poetas espanhóis e portugueses, do que suas línguas à compreensão das paixões dolorosas [...]”<sup>332</sup> (DENIS, 1826, p. 19, tradução nossa). Mas esses pequenos excertos de repetições pelo texto são de se esperar, em razão de ambos se utilizarem das mesmas fontes bibliográficas. Sobre os livros de suporte utilizados, Denis escreve que, de todos os títulos, somente as obras de Bouterwek e de Sismondi possuíam conteúdo crítico, sobre as quais ele visivelmente se apoiou; conforme diz:

O Sr. Sismondi reclama com a justa razão da raridade de diversas obras portuguesas. Graças a alguns amigos das letras, eu consegui me apossar daquilo que nós podemos considerar como verdadeiramente importante, quanto à informação de detalhes. As Memórias da Academia de Ciências de Lisboa, aquela de literatura, me foram de grande utilidade; consultei com resultados Bouterwek e Sr. Simonde de Sismondi; encontrei preciosas indicações em muitos outros livros, tais como a Biblioteca Lusitana, de Barbosa; o Dicionário Biográfico de Soares de Brito; o grande Dicionário publicado pela academia; Francisco Dias; o Mercúrio estrangeiro; os Anais das Ciências; as Viagens de Link, aquelas de Duchâtelet e de Dumourier ; a obra de Sr. Andrés; e por fim, aquele do Sr. Balbi.

Com a exceção dos Srs. Bouterwek e Sismondi, estes vários autores dificilmente contêm análise: veremos que eu examinei completamente um número maior de poemas mais interessantes, mas quase desconhecidos fora de Portugal.<sup>333</sup> (DENIS, 1826, p. XXII-XXIV, tradução nossa).

É possível verificar que o escritor francês manteve, em grande parte, a estrutura e a seleção do *corpus* português estabelecidos pelo professor de Göttingen, porém, houve certa modificação no esqueleto da obra, pois a ordenação cronológica nem sempre foi respeitada. Em comparação com Bouterwek, Denis acaba cometendo deslizos na cronologia dos assuntos, uma vez que sucede os capítulos sobre Camões com um estudo sobre os dramas de Gil Vicente, o que, na opinião de Zilberman, “subverte a atitude científica, já que o pesquisador

<sup>332</sup> Em francês, “Le galicien semblait aux poètes espagnols et portugais infiniment plus propre que leur langue à faire comprendre les passion douloureuses [...]” (DENIS, 1826, p. 19).

<sup>333</sup> Em francês, “M. de Sismondi s’est plaint avec juste raison de la rareté des divers ouvrages portugais. Grâce à quelques amis des lettres, je suis parvenu à me procurer ceux qu’on peut regarder comme vraiment importants, quant aux renseignements de détails. Les Mémoires de l’Académie des sciences de Lisbonne, ceux de littérature, m’ont été d’une grande utilité ; j’ai consulté avec fruit Bouterweck et M. Simonde de Sismondi; j’ai trouvé de précieuses indications dans plusieurs autres livres, tels que la Bibliothèque lusitanienne, de Barbosa ; le Dictionnaire biographique de Soares de Brito ; le grand Dictionnaire publié par l’académie ; Francisco Dias ; le Mercure étranger ; les Annales des sciences ; les Voyages de Link, ceux de Duchâtelet et de Dumourier ; l’ouvrage de M. Andrés ; enfin, celui de M. Balbi.

A l’exception de MM. Boutweck et Sismondi, ces divers auteurs ne renferment guère d’analyse : on verra que j’ai examiné complètement plusieurs poèmes pleins d’intérêt mais presque inconnus hors du Portugal.” (DENIS, 1826, p. XXII-XXIV).

lida com indicações indiretas, como se terceirizasse a produção historiográfica.” (ZILBERMAN, 2006, p. 203). Além disso, é visível que Denis deu menos espaço para descrições históricas, porém, substituindo com traduções em francês de excertos literários portugueses, tal como iniciara Sismondi.

Destacando-se dos demais historiadores da literatura, Denis tem uma proposta diferente ao estudo da literatura brasileira, visto que não adotou uma ordem cronológica. Segundo César, “não a periodizou, [...] embora o fizesse no concernente à portuguesa. Nem procurou vincar os traços diferenciais da maneira comparativa.” (CÉSAR, 1978, p. 28-9).

Tal preeminência cronológica não teria, porém, maior importância se não houvesse Denis contribuído com a sua obra para despertar tendências, aprofundá-las, sugerir insubmissão aos modelos da Europa, enfatizar a necessidade de nos atermos um pouco mais afetivamente ao país, por via da adesão (que apregoava indispensável) à temática do Indianismo. (CÉSAR, 1968a, p. 10-11).

No caso brasileiro, Denis teve a vantagem de ter residido em terras americanas durante três anos de sua vida,<sup>334</sup> anterior à publicação do *Résumé*; essa experiência interferiu na sua visão da literatura brasileira desvinculada à Metrópole. O *Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*<sup>335</sup> ocupou-se de diversos temas anteriormente comentados em *Le Brésil, ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicação datada de 1822, ano de independência do Brasil. Muito embora sua declaração tenha sido proclamada nessa data, o processo de reconhecimento por parte de Portugal aconteceu lentamente; somente em 1825, com o Tratado do Rio de Janeiro, a Metrópole se desassociou em definitivo da Colônia. É incontestável que esse processo se refletiu nos documentos sobre literatura, publicados antes de 1826, sendo que, mediante a obra de Denis, este tratado é, com efeito, formalizado entre a intelectualidade. Considera-se no mínimo relevante apontar que, no mesmo ano do lançamento do *Résumé*, Garrett publica seu *Bosquejo*, contudo, ignorando essa

---

<sup>334</sup> “Bouterwek e Sismondi, bem como Garrett escreveram sobre autores brasileiros sem conhecer o Brasil.” (CÉSAR, 1968a, p. 13).

<sup>335</sup> Segundo a tradução feita por César (DENIS, 1968), a divisão está configurada como segue: Capítulo 1 – Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve assumir no Novo Mundo; Capítulo 2 – Visão sumária de alguns poetas dos séculos XVII e XVIII; Capítulo 3 – José de Santa Rita Durão. Caramuru, poema épico; Capítulo 4 – Basílio da Gama, O Uruguai, poema épico; Quitúbia. Cardoso, Tripoli, poema latino; Capítulo 5 – Marília de Dirceu, cantos elegíacos de Tomás Antônio Gonzaga. – Metamorfoses do Brasil, de Dinis da Cruz, Caldas, Alvarenga; Poesias de M. B... etc; Capítulo 6 – Do gosto dos brasileiros pela música; Capítulo 7 – Oradores e historiadores brasileiros: Manuel de Morais, Rocha Pitta, Azeredo; Capítulo 8 – Geografia, viagens, etc.

divisão proposta pelo francês, ao incluir Cláudio Manuel da Costa entre os maiores expoentes da poesia portuguesa.

Abel Barros Baptista, no livro *A Formação do Nome*, relata que a autonomia política do Brasil coincide com a fundação da literatura nacional, na cauda do romantismo europeu.<sup>336</sup> Nesse contexto, Denis foi responsável por incentivar os escritores nacionais a buscarem suas raízes, a cor local, que, por fim, resultou no Indianismo, movimento do qual participaram vários dos escritores “mais representativos”. (CÉSAR, 1978, p. 28) Dessa forma, Denis não atuou somente como um clássico historiador da literatura; em verdade, seu papel envolveu a sugestão de um novo modo de análise da literatura brasileira, como um todo, adotando a perspectiva indianista; ou seja, “imbuído de pensamento construtivo, quis ser, em síntese, muito mais o guia de uma literatura em formação que o historiador passivo de fases extintas” (CÉSAR, 1978, p. 29):

O programa dos românticos brasileiros aparece nos seus traços gerais, em 1836, com a revista *Niterói*, retomando o essencial das propostas já avançadas pelo francês Ferdinand Denis, o que está longe de representar mero acidente. Vivia-se, como se sabe, a época de valorização do elemento nacional diferenciador das literaturas, aliada à atração pelo exótico e pela paisagem distante, no tempo como no espaço, que moldaram muito da sensibilidade romântica na sua forma mais vulgar. (BAPTISTA, 2003, p. 24).

---

<sup>336</sup> “[...] com o romantismo, o que também estava em causa era o sentido da independência política: ao mesmo tempo que fundavam o projeto de literatura nacional, os românticos inventavam o Brasil.” (BAPTISTA, 2003, p. 30).

## CONCLUSÃO

Após a exposição das obras dos três primeiros escritores que se apropriaram do exemplo da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* de Friedrich Bouterwek, é inegável que todos se utilizaram do método e do conteúdo exposto nesse livro, o qual se tornou referência bibliográfica obrigatória, por ter sido, durante os dois primeiros decênios do século XIX, a única obra de caráter crítico sobre a literatura portuguesa. O quarto volume, em particular, tornou-se um dos documentos mais completos, dado às diversas citações retiradas de textos raros e de difícil acesso até mesmo aos eruditos lusitanos.

O projeto, em sua totalidade, foi original: a enciclopédia *História das Artes e das Ciências desde a Época do seu Renascimento até o fim do século XVIII*, idealizada por Johann Gottfried Eichhorn, previa, desde o título, um estudo cuja organização estivesse de acordo com o progresso da história. Sejam nos volumes sobre as artes plásticas, seja na literatura, essa cronologia adotada por Bouterwek tornou-se uma das distinções do novo gênero que se formava: as histórias literárias. Utilizando-se do método “filosófico-crítico”, como ele próprio denominara, o professor alemão conseguiu superar o antigo modelo das bibliotecas, oferecendo uma seleção criteriosa dos nomes incluídos, bem como uma ordenação interna que facilitou o estudo dos leitores.

Esse foi o primeiro livro a incluir, no *corpus* nacional, exemplares de poesia de cunho popular, repercutindo a filosofia de Herder que circulou pela Europa no século XVIII. Tal empreendimento partiu de uma iniciativa iluminista que se uniu aos estudos sobre folclore, os quais marcaram o período romântico europeu. Essas correntes são evidenciadas pela própria estrutura organizacional do livro, pois a progressão dos tópicos em uma sequência ascendente, apesar de isso nem sempre significar uma melhora no conteúdo literário, é condizente com os pressupostos de progresso iluministas. Por outro lado, a inclusão de obras populares, a exaltação dos estilos de poesia mais característicos do idioma contemplado, e o resgate das origens das literaturas na Idade Média, são uma tendência particular do movimento romântico.

Uma obra como essa não surgiu à toa; ela fez parte de um contexto político e cultural muito específico, especialmente por ter sido iniciada na universidade de Göttingen, recém-inaugurada no século XVIII. Com uma vida acadêmica intensa e com a presença de nomes reconhecidos, como Goethe, irmãos Grimm, Alexander von Humboldt, Johann Gottfried von Herder, entre outros, essa cidade e instituição estiveram no centro do

iluminismo alemão, contando com grandes incentivos à pesquisa e patrocínio ao desenvolvimento de sua biblioteca. Dessa forma, os privilégios do acervo de que dispunha essa instituição favoreceram o estudo sobre as literaturas europeias, especialmente sobre as ibéricas, em virtude da popularidade do hispanismo que, em segundo plano, abriu caminho para um aprofundamento sobre Portugal:

[...] A Universidade Georgia-Augusta serviu aos objetivos do Iluminismo ainda mais consistentemente do que a Universidade de Halle, a qual era somente algumas décadas mais antiga. Por conseguinte, a pesquisa científica fora liberta da censura da igreja (Münchhausen como o representante do eleitor, entretanto, reservou a si mesmo o direito de censura) e, ao mesmo tempo, era dada alta prioridade ao ensino acadêmico. A biblioteca, que era sistematicamente patrocinada e desenvolvida, era aberta também aos estudantes [...] <sup>337</sup> (BÖHME, [2007?], tradução nossa).

Considerando-se o renome da instituição e da subsequente legitimação proveniente da tradução em francês, de 1812, a primeira apropriação do modelo contido na *História da Poesia e Eloquência* por Simonde de Sismondi comprova como os estudos referentes à literatura em língua portuguesa foram, fundamentalmente, um comentário direto sobre a obra de Bouterwek. E, por ter sido publicada em francês, o idioma mais influente no mundo das letras, a divulgação desse gênero fora bem maior do que a edição de 1805 em alemão gótico.

O *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, escrito por Ferdinand Denis, impôs uma mudança nos estudos sobre a literatura portuguesa, com a divisão entre os escritores de Portugal e do Brasil. Apesar de ser estrangeiro, Denis tornou-se o guia para a recém-independente nação brasileira na busca das raízes de sua nacionalidade. Devido ao grande renome na sua época, a afirmação de Denis de que “a literatura de Portugal ainda estava por fazer”, motivou em grande medida os lusitanos a refletirem sobre os esforços e o comprometimento, dentro do território nacional, em se estudar a história literária nacional.

Portanto, embora ambas as obras tenham exercido considerável influência entre os estudiosos da literatura portuguesa, existia um vazio ainda não preenchido em Portugal: faltava que um escritor lusitano se propusesse a estudar as origens da literatura de seu país.

---

<sup>337</sup> Em inglês, “[...] the Georgia Augusta served the goals of enlightenment even more consistently than Halle University, which was only a few decades older. Accordingly, scientific research was freed from censorship by the church (Münchhausen as the representative of the Elector however reserved for himself the right of censorship), and at the same time academic teaching was given high priority. The library, which was systematically sponsored and developed, was open to the students as well [...]” (BÖHME, [2007?]).

Essa tarefa, impulsionada pelas pressões românticas da época, não poderia ter sido feita por ninguém menos que Almeida Garrett, iniciador do romantismo português, o qual deu ao modelo das histórias literárias um vigor nacionalista pungente. Com o lançamento do *Parnaso Lusitano*, Garrett começa a instigar o elogio do espírito nacional, envolvendo um forte engajamento político, suscitado pelo contexto conturbado das relações internacionais no século XIX.

Com exceção de Sismondi, Denis e, possivelmente, Garrett, muitos são os historiadores e comentaristas portugueses, cuja atuação ocorrera após o lançamento do *Parnaso Lusitano*, que não fazem senão menções sumárias ao conteúdo do quarto volume (1805), o qual provavelmente não fora lido. Esse fenômeno se deveu ao desprestígio atribuído ao livro de Bouterwek, por parte de Garrett. Contudo, acredita-se que o grande empecilho à divulgação da *História da Poesia e Eloquência Portuguesa* fora a falta de uma tradução: certamente, se este título tivesse sido traduzido para o português, hoje teríamos um número maior de livros e artigos dedicados ao exame dessa obra inaugural e às outras produções do professor alemão.

Embora não seja o objetivo intencional de Bouterwek, os volumes da *História da Poesia e Eloquência* impulsionaram o início de uma reflexão sobre a literatura como fonte de delimitação da cultura nacional, no intuito de se criar aquilo que seria uma identidade comum ao povo, tangendo as discussões sobre a fundação dos Estados Nacionais no século XIX. Em um cenário político debilitado pelas Guerras Napoleônicas; pela vinda da corte à colônia; pela mudança dos regimes políticos que, em 1822, culminou na constituição política da monarquia portuguesa, decretando fim ao absolutismo; em um estado em que a produtividade dos intelectuais lusitanos estava enfraquecida, esse caráter político é exaltado em Portugal, nas apropriações do método em questão. Garrett é o primeiro a tentar reerguer os portugueses, dignificando sua literatura e idioma, por séculos, desmerecido pelos castelhanismos e pelos galicismos.

Afora os poucos livros dedicados a Friedrich Bouterwek e, em específico, ao seu trabalho no âmbito literário, dentre os quais destacamos os de Guilhermino César, na década de sessenta e setenta,<sup>338</sup> e o de Carmen Zink Bolognini,<sup>339</sup> poucos foram os críticos que leram o quarto volume na íntegra. Assim sendo, a proposta de leitura dessa obra inaugural foi de essencial importância para entender, primeiramente, as origens do método “filosófico-crítico”

---

<sup>338</sup> Respectivamente, *Bouterwek, os brasileiros na Gechichte der Poesie und Beredsamkeit* (1968), *Historiadores e Críticos do Romantismo, 1- a contribuição europeia: crítica e história literária* (1978).

<sup>339</sup> *História da Literatura: o discurso fundador* (2003).

de estudo da literatura sob uma organização histórica, suprimindo o vazio deixado pelas menções insatisfatórias contidas nas histórias literárias mais recentes. Em segundo lugar, por meio do projeto dessa dissertação, verificou-se também em que medida, na seleção do *corpus* feita pelo filósofo alemão, encontramos o “berço do cânone” português<sup>340</sup>, corroborado no “Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa”, porém, consolidado no decorrer do século XIX.

Mediante a leitura da *História da Poesia e Eloquência*, foi possível construir um panorama da evolução do gênero, que, no decorrer do século XIX até o XX, passou a ser organizado por “tendências gerais, gêneros e ‘outras categorias’”, (JAUSS, 1994, p. 6) como as escolas literárias dos manuais escolares mais recentes, todos sob aquela ótica histórica, proposta por Eichhorn. Por fim, segundo Guilhermino César, “Bouterwek, bem ou mal, representou claramente um dos elos da corrente a que os portugueses se filiaram [...]” (CÉSAR, 1968b, p. 20). No entanto, a influência de seu trabalho foi sentida por todas as literaturas nacionais contempladas no projeto enciclopédico original, e “repercutiu de modo muito intenso” (CÉSAR, 1968b, p. 11), com o advento do romantismo, em países como Itália, Espanha, Portugal e inclusive no Brasil, graças à apropriação de Denis.

---

<sup>340</sup> Referência direta ao livro de Regina Zilberman, de 1998, *O Berço do Cânone*.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas-Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura).

ALEXANDER, Ian. **Formação Nacional e Cânone Ocidental: literatura e tradição no novo mundo**. Tese (Doutorado em letras) – Insituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

AMMON, Christoph Friedrich; BOUTERWEK, Friedrich; BUHLE, Johann Gottlieb; MEYER, Wilhelm Gottlieb. **Geschichte der Kunst und Wissenschaften seit der Wiederherstellung derselben bis an das Ende des achzehnten Jahrhunderts, von einer Gesellschaft gelehrter Männer ausgearbeitet. Funfzehnte Lieferung; enthält Geschichte der Praktischen Theologie von D. Christoph Friedrich Ammon (Erster Band); Geschichte der Poesie und Beredsmakeit von Friedrich Bouterwek (Dritter Band); Geschichte der Philosophie von Johann Gottlieb Buhle (Fünften Bandes Zweyte Hälfte); und Geschichte der Schrifterklärung von D. Wilh. Gottl. Meyer (Dritter Band)**. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1804. Disponível em < <http://gdz.sub.uni-goettingen.de/dms/load/img/?PPN=PPN313443769&IDDOC=81398>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

AZEVEDO, Antonio de Araújo de. Em defesa de Camões contra Monsieur de la Harpe. In: MEMORIAS de litteratura portugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: na Off. da mesma Academia, v. 7, 1806, p. 5-16. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=aeoAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=edition:s:0gYj+JJzZ\\_Kxiy\\_vQTB&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=aeoAAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=edition:s:0gYj+JJzZ_Kxiy_vQTB&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 30 out. 2015.

BAPTISTA, Abel Barros. **A Formação do Nome**, duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

BERTUCH, Friedrich Justin. **Magazin der spanischen und portugiesischen Literatur**. Weimar: Carl Ludolf Hoffmann, v. 1, 1780. Disponível em: <<https://books.google>.

com.br/books?id=fqAYAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\_ge\_summary\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 29 out. 2015.

BLANKENAGEL, John C.. Goethe, Madame de Staël and Weltliteratur. **Modern Language Notes**, v. 40, n. 3, p. 143-148, março 1925. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2914168>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

BÖHME, Ernst. **History of the University** – an overview. [2007?]. Disponível em: <<http://www.uni-goettingen.de/en/history-of-the-university-%E2%80%93-an-overview/90607.html>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura).

BOOSEY AND SONS. Catalogue of new works connected with foreign and English literature, the fine arts, commerce &c. published by Boosey and Sons, n° 4, Broad-street, exchange. To which is added, as List of Splendid and Useful Foreign Works, of which they have lately imported several copies: catálogo. In: BLAINE, Delabere. **Canine Pathology**, or a full description of the diseases of dogs: with their causes, symptoms, and mode of cure: being the whole of the author's curative practice, during twenty years extensive experience. Interspersed with numerous remarks on the general treatment of these animals, and preceded by an introductory chapter on the Moral Qualities of the Dog. London: T. Boosey, 1817.

\_\_\_\_\_. Foreign Literature, prospectus of a Circulating Library, exclusively devoted to Foreign Literature, by Boosey and Sons, Foreign and English Booksellers, 4, Broad Street, Exchange: catálogo. In: BOUTERWEK, Friedrich. **History of Spanish and Portuguese Literature**. London: Boosey and Sons, 1823, v.1. 2 v.

BOOSEY, Jeremy. Beethoven, Bellini, Ballads and Bands. **Tempo**, New Series, n. 78, p. 2-5, outono 1966. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/942514>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

BOUTERWEK, Frederick. **History of Spanish and Portuguese Literature**. Tradução de Thomasina Ross. London: Boosey and Sons, 1823. 2 v.

BOUTERWEK, Friedrich. **Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts**. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1801-1819. 12 v.

\_\_\_\_\_. **Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts**. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1801. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des dreizehnten Jahrhunderts**. Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1805. v. 4.

\_\_\_\_\_. História da Poesia e Eloquência desde o Final do Século Treze. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura).

\_\_\_\_\_. **Historia de la Literatura Española**. Tradução de José Gomez de la Cortina e Nicolás Hugalde y Mollinedo. Madrid: Impenta de D. Eusebio Aguado, 1829.

\_\_\_\_\_. **Historia de la Literatura Española: desde el siglo XIII hasta principios del XVI**. Tradução de José Gómez de la Cortina, Nicolás Hugalde y Mollinedo. Estudo preliminar de Carmen Valcárcel Rivera e Santiago Navarro Pastor. Madrid: Verbum Editorial, 2002. Tomo I. (Coleção Verbum Mayor).

\_\_\_\_\_. **L'histoire de la Littérature Espagnole**. Tradução de Jean Muller. Paris: Renard; Paris: Pauline; Paris: Michaud frères, 1812. 2 v.

BUHLE, Johann Gottlieb; KÄSTNER, Abraham Gotthelf. **Geschichte der Künste und Wissenschaften seit der Wiederherstellung derselben bis an das Ende des achtzehnten Jahrhunderts**. Von einer Gesellschaft gelehrter Männer ausgearbeitet. Siebente Lieferung enthält Geschichte der Philosophie von Johann Gottlieb Buhle. Erster Band. Und Geschichte der Mathematik von Abraham Gotthelf Kästner. Vierter Band. Göttingen: Johann Georg

Rosenbusch, 1800. Disponível em <[https://archive.org/stream/bub\\_gb\\_gNBAAAAcAAJ#page/n9/mode/2up](https://archive.org/stream/bub_gb_gNBAAAAcAAJ#page/n9/mode/2up)>. Acesso em: 21 out. 2015.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANTARINO, Barbara Becker-. The Rediscovery of Spain in Enlightened and Romantic Germany. **Monatshefte**, v. 72, n. 2, p. 121-134, verão 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30157058>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

CARPEAUX, Otto Maria. **A História Concisa da Literatura Alemã**. Posfácio de Willi Bolle. 1. ed. São Paulo: Faro Editorial, 2013.

CASANOVA, Pascale. **República Mundial das Letras**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CÉSAR, Guilhermino. A primeira História Literária do Brasil e seu Autor. In: DENIS, Ferdinand. **Resumo da história literária do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino César. Porto Alegre: Lima, 1968.

\_\_\_\_\_. **Bouterwek**: os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit. Tradução de Walter Koch. Porto Alegre: Lima, 1968.

\_\_\_\_\_. **Historiadores e Críticos do Romantismo**, 1- A contribuição europeia: crítica e história literária; seleção e apresentação de Guilhermino César. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978. (Biblioteca universitária de literatura brasileira: Série A - ensaio, crítica, história literária; v. 5).

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

COELHO, Jacinto do Prado. **Problemática da história literária**. 2. ed. Lisboa: Ática, 1961.

COLLINGWOOD, Robin George. **A Ideia de História**. Tradução de Alberto Freire. Lisboa: Editorial Presença, [19--].

DENIS, Ferdinand. **Resumo da história literária do Brasil**. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino César. Porto Alegre: Lima, 1968.

DENIS, Jean-Ferdinand. **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal , suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe et Durey, 1826.

\_\_\_\_\_. **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal , suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe et Durey, 1826 *apud* ABREU, Márcia. Letras, Belas-Letras, Boas-Letras. In: BOLOGNINI, Carmen Zink (Org.). **História da literatura: o discurso fundador**. Campinas, SP: Mercado das Letras, Associação da Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003. (Coleções Histórias de Leitura).

DIDEROT, Denis. Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers... . In: DIDEROT, D. **Oeuvres complètes**. Paris: John Laough & Jacques Proust (ed.), T. V, Hermann. (do original de 1751) *apud* ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em Berço Esplêndido: a fundação de uma literatura nacional**. Prefácio de Luiz Costa Lima. São Paulo: Siciliano, 1991.

EICHHORN, Johann Gottfried. **Allgemeine Geschichte der Cultur und Litteratur des neuern Europa**. Göttingen: Johann Georg Rosenbusch, 1796-1799. 2 v.

FIGUEIREDO, Fidelino de. **Historia da critica litteraria em Portugal**, da renascença à actualidade. 2. ed. Lisboa: Classica, 1916.

FIORILLO, Johann Dominik. **Geschichte der zeichnenden Künste von ihrer Wiederauflebung bis auf die neuesten Zeiten**. Göttingen: Johann Georg Rosenbusch; Göttingen: Johann Friedrich Röwer, 1798-1808. 5 v.

GARRETT, Almeida. **Parnaso Lusitano, ou poesias selectas dos auctores portuguezes antigos e modernos, illustradas com notas**. Precedido de uma história abreviada da lingua e poesia portugueza. Paris: J. P. Aillaud, 1826. v.1. 6 v.

GARRETT, J.-B. da S. L. de Almeida. **Da Educação**. Londres: Sustenance e Stretch, 1829.

GEORG-AUGUST-UNIVERSITÄT GÖTTINGEN. **Freedom from censorship**. Disponível em: <<http://www.uni-goettingen.de/en/freedom-from-censorship/30768.html>>. Acesso em: 27 out. 2015.

GÖTTINGEN UNIVESITÄTSKATALOG (GUK): catálogo. Disponível em <<https://opac.sub.uni-goettingen.de/DB=1/SET=4/TTL=5/LNG=DU/>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

HELMAN, Edith F. Early Interest in Spanish in New England (1815-1835). **Hispania**, v. 29, n. 3, p. 339-351, agosto 1946. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/333356>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

HERDER, Johann Gottfried. **Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade**, uma contribuição a muitas contribuições do século. Tradução, notas e posfácio de José M. Justo. Lisboa: Antígona, 1995.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2008. (Série Fundamentos 83).

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. (Série Temas v. 36. Estudos literários)

KALLIOPE, Verbundkatalog Nachlässe und Autographen: banco de dados e catálogo. Berlin, 2001. Disponível em: <<http://kalliope.staatsbibliothek-berlin.de/>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

KNOP, Leo. **Friedrich Bouterwek als dramtiker und romanschriftsteller**. Leipzig: Druck von August Hoffman, 1912. Reprints from the collections of the University of Michigan Library.

LITERATURA. In: DICCIONARIO de autoridades en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrases ò modos de hablar, los proverbios ò refranes. Y otras cosas convenientes al uso de la lengua. Madrid: En la imprenta de la Real

Acad mia Española, 1734. v. 4. Disponível em: <<http://web.frl.es/DA.html>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica**. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compusera o desde o tempo da promulga o da Ley da Graça até o tempo prezente. Offerecida   Augusta Magestade de D. João V. Nosso Senhor por D. B. M, Ulyssiponense Abbade da Parochial Igreja de Santo Adria o de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Lisboa Ocidental: Off. de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-1759, 4 v.

MEMORIAS de litteratura portugueza, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa: Na Officina da Mesma Academia, 1792-1818. 8 v.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. **Estudos Garrettianos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu, 1800-1900**. Tradu o de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

PREFACE. In: BOUTERWEK, Frederick. **History of Spanish and Portuguese Literature**. Tradu o de Thomasina Ross. London: Boosey and Sons, 1823. v. 1.

RAMOS, Vitor. **A edi o portuguesa em França (1800-1850)**. Repertório geral dos títulos publicados e ensaio crítico. Paris: Funda o Calouste Gulbenkian; Centro Cultural Português, 1972. p. 36 *apud* ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice (Coaut. de). **O Berço do Cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

REAL ACADEMIA ESPA OLA. **Diccionario de Autoridades**. Disponível em: <<http://web.frl.es/DA.html>>. Acesso em: 9 dez. 2014.

REINHARD, Karl. **Romanen-Kalender f r das Jahr 1798**. G ttingen: Phillip Georg Schr der, 1798. Disponível em: <[http://gdz.sub.uni-goettingen.de/dms/load/img/?PPN=PPN82409123X&DMDID=DMDLOG\\_0007](http://gdz.sub.uni-goettingen.de/dms/load/img/?PPN=PPN82409123X&DMDID=DMDLOG_0007)>. Acesso em: 29 out. 2015.

RIVERA, Carmen Valcárcel; PASTOR, Santiago Navarro. Estudio Preliminar. In: BOUTERWEK, Friedrich. **Historia de la Literatura Española**: desde el siglo XIII hasta principios del XVI. Tradução de José Gómez de la Cortina, Nicolás Hugalde y Mollinedo. Estudio preliminar de Carmen Valcárcel Rivera e Santiago Navarro Pastor. Madrid: Verbum Editorial, 2002. Tomo I. (Coleção Verbum Mayor).

ROSS, Thomasina. Preface. In: BOUTERWEK, Frederick. **History of Spanish and Portuguese Literature**. Tradução de Thomasina Ross. London: Boosey and Sons, 1823. v. 2.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em Berço Esplêndido**: a fundação de uma literatura nacional. Prefácio de Luiz Costa Lima. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAAVEDRA, Miguel Cervantes. **Des berühmten Ritters, Don Quixote von Mancha, Lustige und sinnreiche Geschichte, abgefasset von Miguel Cervantes Saavedra**. Leipzig: Verlegts Caspar Fritsch, 1734. 2 v.

SAGE, Alain René Le. **Der spanische Robinson**, oder, Sonderbare Geschichte des Gil Blas von Satillana. Hamburg: Wiering, 1735-1742. 4 v. em 1.

SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SISMONDI, Simonde de. **De La Littérature du Midi de l'Europe**. 3<sup>e</sup> ed. Paris: Treuttel et Würtz, 1829. v. 4.

SOUSA, Manuel de Faria i. Vida del Poeta. In: CAMÕES, Luís de. **Lusiadas de Luis de Camoens, príncipe de los poetas de España**. Madrid: Ivan Sanchez, 1639. 2 v. in 1.

SOUSA, Manuel de Faria y. **Epitome de las Historias Portuguesas**, dividido em quatro partes. Bruxelas: Francisco Foppens, 1677.

\_\_\_\_\_. **Europa Portuguesa**. Segunda edicion correta, ilustrada y añadida en tantos lugares, y con tales ventajas que es labor nueva. Lisboa: A costa d'Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de S. Alteza, 1678-1680. 3 v.

STRUCK, Gustav Wilhelm Fritz. **Friedrich Bouterwek**, sein Leben, seine Schriften und seine philosophischen Lehren (gekrönte preisschrift). Rostock i. M.: Carl Hinstorffs Hofbuchdruckerei, 1919. Reprints from the collections of the University of Michigan Library.

SYLVA, Mathias Pereira da. **A Fenix Renascida**, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1746. v. 4.

\_\_\_\_\_. **A Fenix Renascida**, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1746. v. 5.

\_\_\_\_\_. **A Fenix Renascida**, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Lisboa: Na offic. dos herd. de Antonio Pedrozo Galram, 1746. v. 1.

\_\_\_\_\_. **A Fenix Renascida**, ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Lisboa: Offic. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram, 1746. v. 3.

SYLVA, Mathias Pereyra da. **A Fenix Renascida**: ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguezes. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Lopes Ferreyra, 1717. v. 2.

THOMASINA ROSS. In: BRITISH LIBRARY. **Main Catalogue**. Disponível em: <[http://explore.bl.uk/primo\\_library/libweb/action/search.do?ct=facet&fctN=facet\\_creator&fctV=Ross%2c+Thomasina&rfnGrp=1&rfnGrpCounter=1&dscnt=2&indx=1&fromLogin=true&tab=local\\_tab&dstmp=1412124169486&vl%28freeText0%29=Thomasina%20Ross&vid=BLVU1&fn=search&mode=Basic](http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/search.do?ct=facet&fctN=facet_creator&fctV=Ross%2c+Thomasina&rfnGrp=1&rfnGrpCounter=1&dscnt=2&indx=1&fromLogin=true&tab=local_tab&dstmp=1412124169486&vl%28freeText0%29=Thomasina%20Ross&vid=BLVU1&fn=search&mode=Basic)>. Acesso em: 15 fev. 2015.

TOLEDO, Aurelio Vargas Díaz-. Os livros de cavalarias renascentistas nas histórias da literatura portuguesa. **Península**-Revista de Estudos Ibéricos, n. 3, p. 233-247, 2006. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3762.pdf>>. Acesso em 19 jan. 2016.

WELLEK, René. The Concept of "Romanticism" in Literary History. I. The Term "Romantic" and Its Derivatives. **Comparative Literature**, v. 1, n. 1, p. 1-23, inverno 1949. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1768457>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

ZILBERMAN, Regina. Almeida Garrett e o cânone romântico. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 1, p. 54-65, março 1997. Disponível em: <[www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/48670/52741](http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/48670/52741)>. Acesso em: 06 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. As lições de Ferdinand Denis. **Gragoatá**, Niterói, v. 11, n. 20, p. 199-218, 1º sem. 2006.

\_\_\_\_\_. O Resumo de História Literária, de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação. **Vereadas**-Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, Santiago de Compostela, n. 19, p. 121-144, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/34566>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice (Coaut. de). **O Berço do Cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.